

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Benedita Izabel Rosa

Catequese hoje:
Um enfoque à luz da pedagogia de Jesus

Mestrado em Teologia

São Paulo
2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Benedita Izabel Rosa

Catequese hoje:
Um enfoque à luz da pedagogia de Jesus

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Teologia Sistemática, sob a orientação
do Prof. Dr. Edelcio Serafim Ottaviani.

São Paulo
2019

Banca Examinadora

Dedico este
trabalho aos meus pais,
onde quer que estejam agora...
A eles, todo o meu amor!

AGRADECIMENTOS

Professor Dr. Edelcio Ottaviani, um agradecimento especial por seu conhecimento, sua generosidade e seu carinho sem iguais na orientação do trabalho. Você representa, para mim, sabedoria, gentileza e paciência.

Obrigada aos colegas queridos, Ademilson, Alexandre, André Bordignon, Luiz Sleutjes, Dom Raimundo, Reuberson. Foi uma honra conhecê-los e aprender com vocês.

Mariane, minha “amiga caçula”, obrigada pelo companheirismo e pelos sorrisos de apoio.

Professor Dr. Antonio Aparecido Alves e professor Dr. André Luiz Boccato, foi gratificante receber os brilhantes comentários e críticas nos exames de qualificação e defesa. Muito obrigada!

Agradeço a todos os professores e funcionários da PUC-SP que me auxiliaram de alguma forma, direta ou indiretamente.

Irmãs queridas, oásis da minha vida, agradeço a compreensão pela minha ausência nos encontros familiares, nesse tempo de estudos.

À irmã/mãe Lia, que em silêncio me concedeu a caridade da fé e da perseverança, ofereço o meu agradecimento do fundo do coração.

Obrigada irmão querido, professor Antonio Rosa, por deixar meu texto mais elegante.

Lucia, Airton, Eveline, Luis, Arline, Lucas, Heitor e Catarina (minha família adotiva), obrigada pelo companheirismo e torcida. Juntos somos mais fortes!

Resumo:

ROSA, Benedita Izabel. Catequese hoje: um enfoque à luz da pedagogia de Jesus.

Partindo da premissa de que o reinado de Deus, centro da Boa Nova de Jesus, deve pautar urgentemente a vida de homens e mulheres que aderem à proposta de Jesus, implicando num movimento social/político voltado em primeiro lugar para os pobres, os marginalizados e os mais necessitados, a autora se propõe a pesquisar a compreensão da noção Reino de Deus entre os catequistas voltados para a formação de crianças e adolescentes com vistas aos sacramentos de iniciação. Faz uso do método ver-julgar-agir, inaugurado pela Ação Católica específica fundada pelo Pe. Joseph Cardijn e consagrada pela prática pastoral da Igreja latino-americana, atualizando-o em: contemplar-discernir-propor. Depois de estudar a compreensão dessa noção do ponto de vista bíblico-teológico e do pensamento da Igreja, parte para uma pesquisa de campo na Diocese de São José dos Campos, mais particularmente na paróquia onde atua, Nossa Senhora de Lourdes, sob os cuidados dos padres dehonianos. As conclusões dessa pesquisa a fazem aprofundar os diferentes meios pelos quais a mensagem de Jesus sobre o Reino não se reduza a uma espera ou acontecimento futuros, mas seja assimilada como uma construção coletiva que se faz no aqui e agora e requer dos cristãos esforço e disposição, atingindo a sua plenitude na *Parousía* anunciada por Jesus e aprofundada pelo apóstolo Paulo. Viver como discípulo missionário e anunciar a Boa Nova trata-se do segmento de Jesus que apesar de exigir renúncia de si mesmo, gera grande alegria e orienta toda a vida para a consumação da comunhão com Deus Pai, com Jesus Cristo e com o Espírito Santo. Nesse contexto, o discípulo adquire sua marca no amor sem limites, cujo modelo é o Senhor que serve humildemente (Cf. Jo 13,12-15s), num mundo cuja lógica impele os indivíduos a quererem de qualquer forma ser servidos.

Palavras-chave: Reino de Deus; Jesus; Discípulo; Modelo.

Abstract:

ROSA, Benedita Izabel. Catechesis today: a focus in the light of Jesus' pedagogy.

Starting from the premise that the reign of God, center of the Good News of Jesus, must urgently guide the lives of men and women who adhere to the proposal of Jesus, implying a social / political movement directed first at the poor, marginalized and the author seeks to understand the notion of the Kingdom of God among the catechists concerned with the formation of children and adolescents with a view to the sacraments of initiation. It uses the see-judge-act method, inaugurated by the specific Catholic Action founded by Fr. Joseph Cardijn and consecrated by the pastoral practice of the Latin American Church, updating it in: contemplate-discern-propose. After studying the understanding of this notion from a biblical-theological point of view and from the thought of the Church, he began a field research in the diocese of São José dos Campos, more particularly in the parish where Our Lady of Lourdes works, under the care of the Dehonian parents. The conclusions of this research make it possible to deepen the different ways in which Jesus' message about the Kingdom cannot be reduced to a future expectation or event, but be assimilated as a collective construction that is done in the here and now and requires of the Christians effort and disposition, reaching its fullness in the Parousia announced by Jesus and deepened by the apostle Paul. Living as a missionary disciple and proclaiming the Good News is the segment of Jesus that, despite demanding renunciation of himself, generates great joy and guides his entire life towards the consummation of communion with God the Father, Jesus Christ and the Holy Spirit. In this context, the disciple acquires his mark in boundless love, whose model is the Lord who humbly serves (Cf. Jn 13: 12-15), in a world whose logic impels individuals to want to be served anyway.

Keywords: Kingdom of God; Jesus; Disciple; Model.

SUMÁRIO

Siglas e abreviações	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA DA PESQUISA	15
Introdução	15
1.1. O primeiro anúncio ou <i>querigma</i> : fundamentação teórico-prática	16
1.1.1. Jesus nos ensina a dinâmica do Reino	17
1.1.2. A dimensão política na presença do Reino	19
1.1.3. Anunciar o Reino, ao modo de Jesus, é a primeira tarefa da Igreja	20
1.1.4. O <i>querigma</i> e o Mistério Trinitário	24
1.1.5. A catequese e os valores do Reino	26
1.2. O Método: Ver-Julgar-Agir	28
1.2.1. Um pouco da história	29
1.2.2. Atualização do método proposto pelo CELAM: “Contemplar-Discernir-Propor”	31
1.2.3. A CNBB e o uso do método na posta original: “Ver-Julgar-Agir”	32
1.2.4. Considerações sobre a utilização das duas nomenclaturas do método nos Documentos do CELAM e da CNBB	32
1.2.5. Opção pelo uso do método na nomenclatura atualizada pelo CELAM	34
Considerações finais	37
CAPÍTULO 2	
DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO AO ANÚNCIO DO QUERIGMA	40
Introdução	40
2.1. Olhar as mudanças sociais, culturais e religiosas à luz dos pensadores contemporâneos	41
2.1.1. O fenômeno da secularização	42
2.1.2. A tradição cristã rejeitada em diversos setores	46
2.1.3. As transformações no campo religioso: religiões e espiritualidade sem Religião.....	48
2.2. Olhar a realidade à luz dos Documentos da Igreja	50
2.2.1. Os desafios do mundo hoje: mudanças de paradigmas	51
2.2.2. As atividades missionárias da Igreja no mundo contemporâneo	56
2.2.3. A Colegialidade Episcopal	61
2.2.4. Os meios de comunicação social da Igreja	63
Considerações finais	66
CAPÍTULO 3	
A RELAÇÃO ENTRE CATEQUESE, ANÚNCIO E A NOÇÃO DO REINO DE DEUS	69
Introdução	69
3.1. Pesquisa de Campo: Percorso metodológico	70
3.2. Caracterização do campo de investigação	72
3.2.1. Um pouco da história da Diocese de São José dos Campos/SP.	72
3.2.2. A Paróquia “Nossa Senhora de Lourdes” – Região Pastoral V	74
3.3. Elaboração do protocolo de pesquisa	75
3.3.1. Amostragem pesquisada	76
3.3.1.1. Fundamentação da amostragem	80
3.4. Formulação da pergunta-problema	80
3.5. Processo de coleta de dados	81

3.5.1.	Elaboração do questionário	81
3.5.2.	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	82
3.5.3.	Análise e interpretação dos dados	85
3.5.4.	Resultados e discussões do questionário: um balanço das respostas	86
Considerações finais		90
 CAPÍTULO 4		
A PEDAGOGIA DE JESUS NO ANÚNCIO DO REINO DE DEUS		92
Introdução		92
4.1.	Anúncio do Reino de Deus feito por Jesus	93
4.2.	Anacronismo e contextualização da noção de Reino de Deus para os tempos atuais	95
4.2.1.	A dimensão política latente no anúncio do Reino de Deus feito por Jesus ..	99
4.2.2.	A modernidade e a espiritualidade (esvaziamento político) do Reino de Deus	102
4.3.	A pedagogia utilizada por Jesus e sua relação com o Reino de Deus	106
4.3.1.	Falar do Reino de Deus por meio de Parábolas	107
4.3.2.	Testemunhar os valores do Reino por meio da correção fraterna	109
4.3.3.	Recursos utilizados por Jesus na formação de seus discípulos e no ensinamento à multidão, para a vivência do Reino	112
4.3.4.	Jesus e seus conflitos com os fariseus	114
4.4.	Discipulado e vivência comunitária como experimento da dinâmica do Reino de Deus	116
4.4.1.	A relação mestre e discípulo estabelecida por Jesus	117
4.4.2.	Raízes farisaicas do discipulado de Jesus	119
4.4.3.	Fundamentos da relação Mestre-discípulo na tradição greco-romana	122
4.4.4.	Elementos modais da relação do discipulado instaurado por Jesus	123
4.4.5.	Dimensão missionária do discipulado de Jesus	125
Considerações finais		126
 CAPÍTULO 5		
A SEMENTE DE MOSTARDA: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS AO ANÚNCIO E À VIVÊNCIA DO REINO DE DEUS PARA OS TEMPOS ATUAIS		128
Introdução		128
5.1.	A família: sujeito primeiros na sementeira do Reino de Deus	129
5.1.1.	Razões do protagonismo das famílias na dinâmica do Reino de Deus	130
5.1.2.	Evangelização das famílias durante a evangelização das crianças	132
5.2.	Vivência comunitária e evangelização:	137
5.2.1.	Festas	138
5.2.2.	Celebrações	139
5.2.3.	Campanhas assistenciais e sociais como experimento dos Valores do Reino	141
5.3.	Recursos pedagógicos atuais	144
5.3.1.	Educomunicação	147
Considerações finais		149
 CONCLUSÃO GERAL		151
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		155
 ANEXO: INSTRUMENTOS DE PESQUISA		165

Siglas e Abreviaturas

Documentos do concílio Vaticano II

AA	<i>Apostolicam Aactuositatem</i> . Decreto sobre o Apostolado dos Leigos.
AG	<i>Ad Gentes</i> . Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja.
CD	<i>Christus Dominus</i> . Decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos.
DH	<i>Dignitatis Humanae</i> . Declaração sobre a Liberdade Humana.
DV	<i>Dei Verbum</i> . Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação.
GE	<i>Gravíssimum Educationis</i> . Declaração sobre a Educação Cristã.
GS	<i>Gaudium et Spes</i> . Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Atual.
IM	<i>Inter Mirifica</i> . Decreto sobre os Meios de Comunicação Social.
LG	<i>Lumen Gentium</i> . Constituição Dogmática sobre a Igreja.
PT	<i>Pacem in Terris</i> . Enc. soc. de João XXIII (1963) sobre a Paz no Mundo.
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> . Constituição sobre a Sagrada Liturgia.

Documentos do Papa e da Santa Sé

AL	<i>Amoris Laetitia</i> . Exort. Apost. Pós sinodal de Papa Francisco (2016), sobre o amor na família
CA	<i>Centesimus Annus</i> . Encíclica social de J.P.II (1991), no centenário da RN.
CL	<i>Christifideles Laici</i> . Exort. Apost. Pós-sinodal de João Paulo II (1988), sobre os Leigos.
CT	<i>Catechesi tradendae</i> . Exort. Apostólica Pós-sinodal de João Paulo II (1978), sobre a Catequese.
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DCG	Diretório Catequético Geral
EG	<i>Evangelli Gaudium</i> . Exort. Apost. do Papa Francisco (2013), sobre a alegria do Evangelho.
EN	<i>Evangeli Nuntiandi</i> . Exort. Apostólica de Paulo VI (1975), sobre a Evangelização no mundo contemporâneo.
FC	<i>Familiaris Consortio</i> . Exort. apost. Pós-sinodal de João Paulo II (1981).
MM	<i>Mater et Magistra</i> . Encíclica social de João XXIII (1961).
PP	<i>Populorum Progressio</i> . Encíclica de Paulo VI (1967), sobre o Desenvolvimento.
RM	<i>Redemptoris Missio</i> . Encíclica missionária de João Paulo II (1990).
RN	<i>Rerum Novarum</i> . Enc. social de Leão XIII (1891) sobre a Questão Operária.
VS	<i>Veritatis Splendor</i> . Enc. de J.P. II (1993), sobre o Pensamento Moderno.

Documentos do CELAM e da CNBB

CC	Comunidades de Comunidades: uma nova paróquia, Doc. n. 100
CR	Catequese Renovada – Documentos CNBB, n. 26
DAP	Documento de Aparecida
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil, Doc. n. 94
DM	Documento de Medellín
DNC	Diretório Nacional de Catequese, Doc. n. 84
DP	Documento de Puebla
DSD	Documento de Santo Domingo

Organismos

AC	Ação Católica
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CELAM	Conselho Episcopal Latino-americano
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica

Outras abreviaturas e siglas

Cf., cf.,	Confira (compare, conforme, consulte).
ECAT	Escola Catequética – Diocese de São José dos Campos-SP (2018)
REB	Revista Eclesiástica Brasileira
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos.
VAT.	Vaticano

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa acolher ao apelo de Jesus: “Vão e ensinem” (Cf. Mt 28,19). Esse convite, assim como o foi para as comunidades dos primeiros cristãos, revela a identidade e a missão da catequese para a realidade de hoje. Mas, ensinar o quê? O que essa passagem do Evangelho de Mateus pede para ensinar? O que Jesus ensina?

Ao longo desse percurso, pretendo recordar o teor desse pedido de Jesus, bem como o Espírito que deve animar tanto aquele que evangeliza quanto aquele que é evangelizado: a fim de que todos sejam um, como o Pai está no Filho e o Filho está no Pai e o amor que une o Pai e o Filho esteja em todos (Cf. Jo 17,21-26). Desejo, antes de mais nada, investigar a presença do Reino de Deus ensinado por Jesus; compreender a presença desse Reino em testemunho na vida da humanidade hoje e, tecer considerações sobre o sentimento de responsabilidade na vivência do Reino de Deus, em especial pela Igreja, catequistas e famílias.

Optei por consultar vários Documentos da Igreja, perpassando pelos principais registros do Concílio Vaticano II; Conferências Episcopais Latino-Americanas (CELAM); Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); outros Documentos do Magistério e os Evangelhos, pretendendo, portanto, elucidar a importância da evangelização baseada no modo de ser de Jesus e a necessidade de uma maior atenção aos recursos didáticos e pedagógicos empregados no processo catequético atual. Além de realizar a leitura dos Documentos acima citados, incluo na pesquisa o pensamento de diversos Teólogos, Filósofos, Sociólogos, Educadores, Pensadores Cristãos e outros Estudiosos sem religião, considerando a importância de dialogar com as várias áreas de conhecimento.

O interesse por este tema começou desde o meu processo de participação ativa como catequista na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, pertencente a Diocese de São José dos Campos-SP e, acentuou-se na conclusão do Trabalho do Curso (TCC) de Teologia, que sinalizou para a necessidade de compreender o lugar e a responsabilidade do catequista hoje na vida pastoral da comunidade de fé. Além dessa observação, comecei a perceber que a catequese como instrumento de evangelização – notadamente através do singular “serviço” do catequista – deve ser reconhecida pela Igreja como parte inerente de sua missão e comprometida com o Reino de Deus, por meio do seu testemunho de vida. Nesse processo, algumas questões-problemas foram surgindo.

Para os fins desta pesquisa, destaco três destas questões que permitem o elo essencial entre a evangelização por meio da catequese e a dinâmica do Reino de Deus ensinada por Jesus. Em primeiro lugar, a pouca, ou quase nenhuma formação dos catequistas sobre os valores do Reino, em contradição com a imensa responsabilidade de ser discípulo missionário em tempos de crise. Em segundo lugar, como mostrarei no segundo Capítulo, é necessário um olhar sobre as profundas transformações do mundo atual em todos os campos, para enfrentar os desafios que se impõem na vida de todos e todas. Em terceiro lugar, a importância da presença das famílias – incluindo as novas configurações de famílias hoje – como os primeiros sujeitos na semeadura do Reino de Deus.

Optei por dividir o trabalho em cinco capítulos. No primeiro capítulo, há duas seções. Na primeira, descrevo sobre o primeiro Anúncio ou *querigma*. Faço, primeiramente, uma exposição sobre o núcleo central da mensagem evangélica (o Anúncio), para conhecer o modo como Jesus a transmitia aos seus discípulos e as outras pessoas com as quais teve contato durante sua vida pública. Reconheço que o catequista de hoje, em sua singular “missão” de anunciar o *querigma*, pode contribuir fortemente para a constituição de uma subjetividade comprometida com o Evangelho se sua prática de transmitir a mensagem do Reino for inspirada na pedagogia de Jesus. O documento *Catechesi Tradendae*, sobre a catequese para o nosso tempo diz: “A catequese foi sempre considerada pela Igreja como uma das suas tarefas primordiais” (CT, §1). Nesse segmento, o documento justifica a importância da catequese ao afirmar que “Cristo ressuscitado, antes de voltar para o Pai, deu aos Apóstolos uma última ordem: fazei discípulos de todas as nações e ensinar-lhes a observar tudo aquilo que lhes tinha mandado”¹. Em seguida, apresento a proposta metodológica baseada no método “Contemplar-Discernir-Propor”, cujo método irá perpassar toda a dissertação.

O segundo capítulo aborda os desafios do mundo contemporâneo ao anúncio do *querigma*, pois a humanidade hoje passa por profundas transformações em todos os campos. Este Capítulo também está dividido em duas seções. Na primeira, apresento as mudanças sociais, culturais e religiosas sob a ótica dos pensadores contemporâneos. Em seguida, exponho as observações sobre quais Documentos da Igreja falam sobre os desafios do mundo hoje, as mudanças de paradigmas, as questões de paz, justiça, busca do conhecimento e da verdade, do amor e da solidariedade. Examino quais são as ações da Igreja no mundo contemporâneo quanto à escuta, ao diálogo, à esperança e à visão positiva diante da humanidade e diante de sua atividade missionária como “Igreja em saída”.

¹ CT, n. 1.

No terceiro capítulo, para responder a pergunta: Como a noção Reino de Deus, elemento central da tríade “Reino de Deus-Anúncio do *Querigma*-Discipulado”, é entendida em nossas comunidades, procurei elaborar uma pesquisa de campo. O processo de elaboração e aplicação do instrumental da coleta de dados se deu através de questionário dirigido a quatro comunidades da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes do Parque Industrial, pertencente a Diocese de São José dos Campos-SP. Analisei as respostas dos sujeitos pesquisados por um conceito que expressasse o sentimento mais verdadeiro de que a catequese possui um significado ímpar para a comunidade de fé e construção de um mundo melhor através do discipulado que anuncia a Boa Nova de Jesus e vive o Reino de Deus que Ele nos deu a conhecer. Os dados coletados estão elaborados em gráficos e relatórios que ajudam a compor uma visualização prática dos resultados da pesquisa.

A proposta do quarto capítulo sinaliza a dimensão política latente no anúncio do Reino feito por Jesus. Segundo Malina, “o Reino de Deus proclamado por Jesus era uma instituição política na qual a religião e a economia estavam inseridas”². A esse respeito, Jesus é acusado por violar a Lei dos judeus e experimenta, todo tempo, grandes conflitos com os fariseus e escribas da sua época. A proclamação de Jesus a respeito do Reino de Deus consta no Novo Testamento e, de modo significativo, nas parábolas, através das quais Jesus utiliza para a formação de seus discípulos e para ensinar a multidão.

Por fim, no quinto capítulo, procuro pela possível presença dos elementos fundamentais ao anúncio e a vivência do Reino de Deus que se impõe no testemunho dos homens e mulheres de hoje. Não poderia deixar de considerar as famílias como as principais agentes para semear a semente do Reino, propondo para tanto, uma evangelização que envolva, simultaneamente, as crianças e suas respectivas famílias e, em seguida, intensifico a questão da vivência comunitária e evangelização através das festas, celebrações e campanhas assistenciais e sociais como experimentos dos valores do Reino. Por último, apresento a Educomunicação como uma proposta emergente dos recursos pedagógicos atuais.

Na Conclusão Geral, retomo as principais notas dos capítulos e procuro expor com respeito ao leitor, tudo o que houver de bom nestas páginas, sobretudo sobre a missão da catequese hoje, a qual deve ser orientada à luz da pedagogia de Jesus para uma compreensão mais essencial da vivência do Reino de Deus pelo testemunho.

² MALINA, Bruce J. *O Evangelho social de Jesus: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea*, p. 77.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Introdução

O anúncio explícito de Jesus Cristo como caminho que leva ao conhecimento do mistério trinitário – paradigma de uma relação amorosa que conduz à plenitude da vida – é a porta de entrada para a experiência missionária cristã, por meio da qual cada pessoa, hoje, se propõe a responder ao chamado de Jesus para “ir e ensinar”. Para essa missão, devemos, antes, acolher os três elementos da iniciação da vida cristã, de acordo com a tradição: *primeiro anúncio*, *catequese* e *homilia*. Esses elementos, desde os primórdios da fundação e constituição das comunidades cristãs, até hoje, “formam a tríade constituinte do anúncio do Evangelho no mundo atual”³.

No processo de iniciação cristã, o *primeiro anúncio* é considerado uma etapa pré-catecumenal essencial, pois, segundo Ottaviani, o *primeiro anúncio* é o momento da “apresentação da pessoa de Jesus Cristo e de seus ensinamentos como realização plena do plano salvífico de Deus para todos os povos”⁴. Após essa primeira etapa, ao longo do processo de evangelização, o *primeiro anúncio* vai sendo “aprofundado e sistematizado pela catequese” a fim de que, por meio dela e de maneira progressiva, possam ser “apresentados aos iniciantes os conhecimentos das verdades que eles abraçaram pelo ato de fé”⁵.

A *catequese* – do grego, *kat-echéo*, que quer dizer, “fazer eco”, “ressoar” – é um processo formativo e sistemático, ou seja, um processo que aos poucos vai instruindo o iniciante no conteúdo da mensagem evangélica. A *catequese*, em seu “fazer ecoar”, tem como finalidade dilatar a vida de fé pelo conhecimento da Palavra, para que o mundo seja transformado pelos ensinamentos de Jesus⁶.

A *catequese* é, portanto, parte indispensável do processo de evangelização, pois dá continuidade à atividade missionária da Igreja⁷. Essa é a urgência que a Conferência de Aparecida⁸ assinalou e que ecoa frequentemente nas palavras do Papa Francisco, ao nos lembrar a necessária “saída missionária” da Igreja como possibilidade de ir ao encontro principalmente

³ CORAZZA, Helena; OTTAVIANI, Edelcio e NASCIMENTO DE JESUS, Leomar. *Homilia: espaço para comunicar esperança*, p. 19.

⁴ *Ibidem*, p. 19

⁵ *Ibidem*, p. 19

⁶ *Ibidem*, p. 19

⁷ CT, n. 18.

⁸ Cf. DAp., n. 548.

daquelas pessoas que estão desprovidas da sabedoria do Evangelho, indicando-lhes o caminho que leva à plenitude de sua realização pessoal. Pois assim diz Jesus a respeito das necessidades primárias: “Buscai, em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6, 33)⁹.

A *homilia*, de acordo com Ottaviani, “é o “meio” pelo qual a mensagem evangélica é interiorizada por parte de evangelizadores e catequizados”. A palavra *homilia*, também de origem grega, “significa reunião ou conversa familiar”. Por isso, a Igreja deseja que, ordinariamente, através da *homilia* o *querigma* passe, aos poucos, “a influenciar mentes e práticas de vida” que provoquem uma transformação no mundo que as cerca. “A *homilia* tem seu ambiente próprio no interior da celebração litúrgica e pode operar maravilhas”¹⁰ quando ela convida e motiva todas as pessoas a viverem profundamente a aliança e a comunhão com o Senhor, através das preces e orações, do rito penitencial, da escuta da Palavra e da comunhão, dos cantos, dos gestos e das atitudes do corpo¹¹.

Por fim, o método a ser aplicado nesta pesquisa, como indicado para esse percurso junto às crianças, é “ver, julgar e agir”, atualizado no “contemplar, discernir e propor”, como sugere o Documento do CELAM, publicado em português pela CNBB (2015). Assim, considerando a necessidade de fundamentar melhor os temas aqui apresentados: O Anúncio e o Método, nos tópicos seguintes trataremos de explicar com maior clareza, cada um deles, individualmente.

1.1. O primeiro anúncio ou *querigma*: fundamentação teórico-prática

Segundo o Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs¹², o termo *querigma* (*kerigma*, do grego: κήρυγμα, *kérygma* = anúncio), no Novo Testamento e nos primeiros séculos da história da Igreja, diz respeito tanto ao conteúdo da mensagem evangélica quanto ao próprio ato de anunciar o mistério que envolve o portador dessa mensagem. Os elementos constitutivos do *querigma* são, em primeiro lugar, a encarnação, a morte e a ressurreição de Jesus, o Cristo Senhor (Cf. 1Ti 1.1-2). Diz o Papa Francisco:

Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para iluminar, fortalecer, libertar. Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não

⁹ Cf. EG, n. 10.

¹⁰ CORAZZA, Helena; OTTAVIANI, Edelcio e NASCIMENTO DE JESUS, Leomar. *Homilia*: espaço para comunicar esperança, pp. 19-20.

¹¹ Cf. TORRE, L. Della. *Homilia*. In: Domenico SARTORE e Achille M. TRIACCA. Dicionário de Liturgia, pp. 555-571.

¹² MARA, M.G. *Kerygma*. In: Angelo Di Berardino. Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs, p.803.

significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e movimentos (EG, 164).

O Documento do CELAM (2015)¹³, por sua vez, define a expressão “*querigma*” tanto como o núcleo essencial da mensagem cristã tendo em vista a conversão dos pagãos, quanto cada um dos textos do Novo Testamento, que exprimem uma forma de pregação religiosa. “É a mensagem central da fé: a salvação em Cristo aos homens e mulheres que vivem num determinado contexto cultural, social, religioso e político”¹⁴.

A aceitação do *querigma* por cada pessoa é anterior à sua comunhão com Cristo e à sua inserção na comunidade. “O *querigma* faz arder o coração das pessoas, confiando na força amorosa de Jesus no Evangelho, que chama cada ser humano à conversão e o acompanha em todas as etapas da vida¹⁵, estando, a partir dessa experiência, intrinsecamente relacionado com todos os elementos que integram o processo global de evangelização: formação moral, oração e vida interior, testemunho com obras, comunicação verbal, iniciação catequética e litúrgica¹⁶.

À luz dessas definições, pode-se dizer que o primeiro anúncio tem por objetivo suscitar em cada destinatário o interesse por Jesus Cristo. O *querigma* será sempre proclamado a partir da experiência do encontro com Cristo, pois, segundo o Papa Francisco, “é o anúncio que responde ao desejo de infinito que está em todo coração humano”¹⁷, e, por isso mesmo, um anúncio a ser feito com o ardor da santidade, respaldado pelo testemunho pessoal do catequista¹⁸.

1.1.1. Jesus nos ensina a dinâmica do Reino

O Papa Francisco, na Exortação *Evanvelli Gaudium*, propõe à Igreja do terceiro milênio o empenho em ser cada vez mais uma “Igreja em saída”¹⁹, procurando imitar Jesus, o profeta itinerante, que ao longo de sua vida pública colocou-se em constante movimento. Em sua investigação histórica sobre a pessoa e a mensagem de Jesus, Pagola nos revela: “Jesus não se instala em sua casa de Nazaré, mas dirige-se à região do lago da Galileia e começa a viver

¹³ CELAM. *A alegria de iniciar Discípulos Missionários na mudança de época*.

¹⁴ *Ibidem*, n. 53, p. 31.

¹⁵ *Ibidem*, n. 55.

¹⁶ Cf. MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio: El eslabón perdido*. Cuadernos AECA n. 3, p. 8.

¹⁷ EG, n. 165.

¹⁸ CELAM. *A alegria de iniciar Discípulos Missionários na mudança de época*, n. 54.

¹⁹ EG, n. 20.

em Cafarnaum, na casa de Simão e André, dois irmãos que conheceu no ambiente do Batista” (Mt 4,12-13)²⁰.

Cafarnaum, se comparada com as cidades de Séforis ou Tiberíades, é muito modesta. Mas, é uma aldeia importante, se comparada com Nazaré, Naim e muitas outras da Baixa Galileia. Sua população, em sua maioria, é composta por gente muito simples: judeus, camponeses e pescadores que vivem dos produtos do campo e da pesca. Nesse cenário, observa-se que Cafarnaum é uma aldeia, sobretudo, envolvida por pescadores que vivem uma vida extremamente pobre, ocupando os poucos espaços livres que restam entre as humildes moradias e a beira-mar com seus cais rudimentares. Ali, certamente, é onde Jesus mais se movimenta²¹.

No entanto, em sua inquietude, Jesus também não se instala em Cafarnaum. Até onde se sabe ele percorreu os povoados situados ao redor do lago: Cafarnaum, Mágdala, Corozaim ou Betsaida; visitou as aldeias da Baixa Galileia: Nazaré, Caná, Naim; e chegou até às regiões vizinhas da Galileia: Tiro, Sidônia, Cesareia de Filipo e a Decápoli. Segundo as fontes, Jesus evita entrar nas grandes cidades, nos núcleos urbanos e se detém nas aldeias do entorno ou nos arredores das cidades. Ele “quer difundir a notícia do Reino de Deus por toda a parte”, especialmente onde se encontram os marginalizados, os excluídos²².

Jesus vai visitar as casas dos amigos, dos publicanos, dos fariseus, dos pecadores e marginalizados; ensina nas sinagogas e no templo, na montanha ou à beira-mar. Quase todas as suas ações, narradas no Evangelho de Marcos, especialmente nos capítulos de um a onze, começam com um movimento. Há de se notar os verbos usados no início da frase de cada narrativa: entrar, sair, caminhar, retirar-se, chegar, passar, partir, subir, voltar, percorrer, atravessar²³... O evangelista Lucas narra: Jesus “foi andando de povoado em povoado e de aldeia em aldeia proclamando e anunciando a boa notícia do Reino de Deus” (Lc 8,1). Sem dúvida, a causa à qual Jesus dedica sua vida inteira e com todas as suas forças é o que ele chama de “Reino de Deus”, considerado “o núcleo central de sua pregação, sua convicção mais profunda e a paixão que anima toda a sua atividade”²⁴.

Por consequência, aderir à pessoa de Jesus implica aderir ao Reino de Deus, porque é o próprio Jesus quem começa a falar para aquelas pessoas sobre o Reino. O que ele transmite – por meio de parábolas – tem algo de novo e é de forma fascinante, porque dá a conhecer,

²⁰ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, p. 109.

²¹ *Ibidem*, pp. 110-111.

²² *Ibidem*, p. 112.

²³ Cf. ORTIZ, Pedro. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. Verbos: entrar (εἰσερχομαι), sair (ἐρχομαι), caminhar (κονιέμαι), retirar-se (ἀναχωρέω), chegar (ἐγγίζω), passar (διαπορεύομαι), partir (ἀνάγω), subir (ἀνέρχομαι), voltar (περιτρέπω), percorrer (περιάγω), atravessar (διαβαίνω).

²⁴ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, pp. 114-115.

sobretudo, aos mais simples que é por meio de sua dinâmica que se alcança o perdão dos pecados e a salvação. A itinerância de Jesus revela que a “Boa Notícia” deve ser proclamada, definitivamente, a todos os povos para ajudá-los a intuir como é e como Deus age, e como será o mundo e a vida se todos agirem como ele. É isso que ele quer comunicar com sua Palavra e com sua Vida inteira, para que todos tenham uma vida mais digna, mais alegre, justa e cheia de paz²⁵.

1.1.2. A dimensão política na presença do Reino

Jesus proclama a Boa Nova de que o tempo está realizado e o Reino de Deus está “próximo” (Cf. Mc 1,15), termo que pode ser interpretado não apenas no aspecto histórico-temporal, mas, sobretudo, no aspecto espacial, de lugar (em grego, lugar = *topos*). Assim, não se considera ser o Reino de Deus algo u-tópico (do grego “*óu*” (não) e *topos* (lugar) = nenhum lugar), isto é, um “não-lugar”, que ainda não existe, mas o Reino é precisamente algo que já se faz presente na história, uma realidade. Por isso, a urgência em escutar Jesus que anuncia a proximidade desse Reino que irrompe dentro do espaço do anti-Reino, ou seja, do Império Romano que se faz presente na Palestina²⁶. Não basta escutar o anúncio, será preciso a mudança de comportamento para que o Reino de Deus se firme: “Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

O Reino de Deus anunciado e pregado por Jesus teve implicações na vida social e política das pessoas daquela época. Essa dimensão política perpassou toda a história da humanidade e confere, ainda hoje, a todos aqueles e aquelas que foram atingidos pela mensagem libertadora de Jesus a um novo posicionamento na sociedade e à uma transformação concreta da vida. Nos Evangelhos, em suas narrativas, todos são chamados a participar desta dinâmica do Reino, pois a práxis de Jesus e suas palavras implicavam mudanças sociais profundas, suas ações desestabilizaram a sociedade de seu tempo e havia nelas uma denúncia clara e objetiva do poder dos ricos sobre os pobres²⁷.

Podemos adentrar-nos na vida de Jesus para perceber que a sua trajetória humana foi clara, conforme nos confere Pagola: “desvelar-se para libertar os pobres do poder opressor dos ricos; oferecer o perdão de Deus aos pecadores frente às críticas dos piedosos; solidarizar-se com os enfermos, os fracos e impuros frente ao desprezo e à marginalização por parte dos fortes;

²⁵ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, pp. 115-116.

²⁶ MALINA, Bruce J. *O Evangelho social de Jesus: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea*, p. 45ss.

²⁷ VIANA, Maria Alves. *Encontro com Jesus: caminho do Reino de Deus*, p.51.

defender os pequenos da opressão dos grandes”²⁸. Esta é a atuação do “enviado de Deus para anunciar aos pobres a Boa Notícia” (Cf. Lc 4,18). Nele se encarna o amor infinito do Pai a todo ser humano²⁹.

1.1.3. Anunciar o Reino, ao modo de Jesus, é a primeira tarefa da Igreja

A Igreja deve colocar em sua pregação uma forte concentração *querigmática*, pois, conforme cita o Documento de Aparecida: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”³⁰. Por isso, a Igreja precisa voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, para poder realizar sua principal tarefa – a de levar Jesus a todas as pessoas: este é o centro da Igreja³¹.

Anunciar a Boa Nova do Reinado de Deus, como referência para o governo dos homens, dos seres e das coisas que estão sob a sua tutela (cf. Gn 1,16-31) é tarefa prioritária da missão de Jesus (cf. Mc 1, 38; Lc 4,18-19). Essa é também a Boa Notícia (*Euaggelion*)³² que deve ser dirigida hoje a homens e mulheres de todos os povos e, por conseguinte, a toda a Criação. Ressuscitado, Jesus exorta seus discípulos: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Afinal, se o ser humano se deixar mover pela dinâmica do Reino, ele adquirirá um modo de ser tão justo e responsável que cuidará não somente de seu próximo (cf. Lc 10, 25-37), mas também de todos os seres que habitam o mundo. Como diz São Paulo, “a criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus” (Rm 8, 19).

Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco afirma que - em consonância com a doutrina cristã da Redenção - o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem³³. Ao citar a Carta de São Paulo aos Colossenses, o Papa nos lembra que, em Cristo, aprouve a Deus “fazer habitar toda a Plenitude e reconciliar por ele e para ele todos os seres, os da terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da sua cruz” (Cl 1, 19-20). É nesse sentido que Ele é o Primogênito de todas as criaturas, não somente porque

²⁸ PAGOLA, José Antonio. *É bom crer em Jesus*, p. 57.

²⁹ *Ibidem*, p. 57.

³⁰ DAp, n. 12.

³¹ EG, n. 11.

³² Cf. McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. (Tradução Álvaro Cunha, et al.: Revisão geral Honório Dalbosco). Verbetes: Evangelho – (ευαγγελιον): *Euaggelion* é termo grego que significa literalmente boa nova, boa notícia, notícia alegre e se refere à pregação de Jesus anunciando o Reino de Deus. (Aparece 77 vezes no NT), pp.319-323.

³³ FRANCISCO Papa. *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum, n. 99.

preexistia antes de tudo o que foi criado, mas ao encarnar mostrou como a condição humana pode atingir a sua perfeição, inserindo no mundo a presença criadora de Deus³⁴.

Por conseguinte, o Reino de Deus não pode ser proclamado a não ser que o pregador assuma a missão do Mestre, crendo e colocando em prática o que o próprio Jesus viveu e ensinou. Em continuidade, a Igreja recebe como herança dos apóstolos a missão de dar testemunho de Jesus, o Nazareno (cf. At 2,22ss), dando assim, sequência à sua obra. De forma muito clara, o Concílio Vaticano II, no Decreto *Ad Gentes*, interpela novamente a Igreja para não se esquecer de sua atividade missionária:

A Igreja, enviada por Deus a todas as gentes para ser “sacramento universal de salvação”, por íntima exigência da própria catolicidade, obedecendo a um mandato do fundador (cf. Mc 16,16), procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens (AG, n. 1).

Neste texto, há uma clara indicação do significado fundamental da expressão “primeira evangelização”, que se refere ao anúncio do Evangelho a todas as pessoas que ainda não conhecem a Jesus Cristo, com a esperança de que todos, homens e mulheres, possam vir a ser seus discípulos e discípulas³⁵. Porém, a vivência cristã levou-nos a concluir que o anúncio do Evangelho não se dá onde as verdades são simplesmente proclamadas verbalmente, mas lá onde são vividas por pessoas unidas na mesma comunhão (cf. 1Jo 1,1-5).

Os bispos, presentes no Concílio Vaticano II, certamente, não tiveram como principal preocupação a formulação de uma grandiosa e precisa definição teológica da primeira tarefa da Igreja. A proposta era muito mais prática do que teórica. Era preciso chamar a todos os cristãos a não fugir desta tarefa prioritária de levar o Evangelho de Jesus Cristo a todos os homens e mulheres de nosso tempo, não só aos povos distantes, mas também às pessoas que vivem junto de nós e ainda não conhecem a Jesus Cristo³⁶.

Esses bispos conciliares queriam dizer aos membros de toda a Igreja Católica para não se limitarem em dar apenas uma boa catequese para as crianças batizadas, advindas de fervorosas famílias cristãs e já marcadas por suas experiências religiosas³⁷, mas, antes de tudo, preocuparem-se em anunciar o Evangelho a quem não teve a experiência de pautar sua vida sobre os ensinamentos de Jesus. Os padres conciliares não se cansaram de insistir, antes e após

³⁴ A Bíblia de Jerusalém em Cl 1,19, na nota b, nos diz que, para o apóstolo Paulo, a presença criadora de Deus, aludida em Jr 23, 24; Sl 24,1; 50, 12; 72,19; Sb 1,7; Eclo 43,27, se dá pela encarnação, coroada pela ressurreição, pondo o Cristo “à frente não só de todo o gênero humano, mas também de todo o universo criado”.

³⁵ Cf. GEVAERT, Joseph. *El primer anuncio: Propor el Evangelio a quien no conoce a Cristo*, p.15.

³⁶ Cf. AG, Proêmio.

³⁷ Cf. GEVAERT, Joseph. *El primer anuncio: Propor el Evangelio a quien no conoce a Cristo*, p. 16.

o Concílio, nesta missão primária e prioritária da Igreja: o anúncio missionário do Evangelho, destinado a todas as gentes dos cinco continentes. É o que evoca o parágrafo dezessete da *Lumen Gentium*, Constituição dogmática sobre a Igreja:

Este mandamento solene de Cristo, de anunciar a verdade da salvação, recebeu-o a Igreja dos apóstolos para lhe dar cumprimento até os confins da terra (cf. At 1,8); por isso faz suas as palavras do Apóstolo: “Ai de mim se não evangelizar!” (1Cor 9,16), e continua, sem descanso, a enviar arautos do Evangelho, até que as jovens Igrejas fiquem perfeitamente estabelecidas, e continuem por si mesmas a obra de evangelização (LG, n. 17).

Quase que como um *mea culpa*, o Concílio exorta: “Os bispos são, efetivamente, os arautos da fé, que levam a Cristo novos discípulos”³⁸. Sendo os sucessores dos apóstolos, os bispos têm como tarefa primeira esforçar-se para que, graças à pregação do Evangelho, novos discípulos de Cristo sejam arrebanhados. Portanto, a afirmação do Concílio teve o desejo de recordar os claros e inequívocos testemunhos do Novo Testamento sobre o primado da missão da Igreja³⁹.

Anunciar o Evangelho jamais deverá ser um estado passageiro, pois sempre e em todas as partes do mundo a Igreja há de ser missionária. Sua primeira vocação, pela qual é enviada, é a de continuar a missão dos Apóstolos, que inclui pregar a fé em Jesus Cristo, a vinda do Reino de Deus e a conversão ao Deus único e verdadeiro. Sobre isso, alguns anos antes do Concílio Vaticano II, o cardeal Suenens já havia feito um apelo insistente por uma “Igreja em estado de missão”⁴⁰. Aquela que se coloca, antes de tudo, na escuta do Evangelho e é convidada pelo próprio Deus a crer e a realizar uma profunda mudança de coração, de atitudes fundamentadas em Deus e na vida, no sentido revelado e praticado por Jesus Cristo⁴¹.

No mundo contemporâneo, em época de mudanças em todos os campos, especialmente das ciências tecnológicas, impõem-se novas linguagens para responder aos seguintes apelos: Como transmitir a fé cristã para as novas gerações? Quais são os problemas sociais e culturais que nos afligem e como interpretar os sinais dos tempos⁴² no mundo atual? Haveria ainda hoje

³⁸ LG, n. 25.

³⁹ LG, n. 19.

⁴⁰ Cf. SUENENS, Léon-Joseph. *Novos rumos da Igreja missionária*. Trad. de frei Lucas Moreira das Neves. (Título original: *L'Église en état de mission*).

⁴¹ Cf. GEVAERT, Joseph. *El primer anuncio*: Propor el Evangelio a quien no conoce a Cristo, pp. 16-17.

⁴² O significado básico do “sinal” no pensamento é o símbolo que indica a existência ou a presença do que ele (o sinal) significa; o sinal dirige a atenção para a realidade. Raramente é usado no sentido de presságio ou auspício como é compreendido em adivinhação. Sobre os “Sinais dos Tempos”, Clodovis Boff fala de três ou quatro sentidos: 1 – *Jesus Cristo*: Sentido exegético, escatológico-messiânico, mais precisamente cristo lógico (cf. Mct. 16, 3); 2 – *Eventos históricos*: Indicadores da história de Deus (Mistério). O sentido teológico do “ver”, “julgar” e “agir” (*Gaudium et Spes*); 3 – *Problemas da era moderna*: Os “grandes problemas do nosso tempo”. O sentido corrente desde João XXIII (Conc. Vaticano II) na linguagem eclesial, ou seja, o nome religioso dos fatos

alguém que nunca ouviu falar de Jesus Cristo? Conhece realmente a Jesus aquele ou aquela que durante anos participou da catequese na sua paróquia e recebeu os sacramentos da iniciação cristã? Então, que significa para a humanidade conhecer Jesus Cristo? Quais são hoje as categorias a serem trabalhadas para que faça sentido ao homem e mulher contemporâneos o anúncio do Reino de Deus?

Diante disso, certamente, não será tarefa fácil para a Igreja e nem para os cristãos realizarem o mandato expresso no final do evangelho de Mateus:

Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos! (Mt 28-19).

Nessas breves reflexões sobre a tarefa da Igreja de anunciar o *querigma*, não se pode perder de vista as orientações emanadas dos últimos Sínodos, as Exortações Apostólicas de Bento XVI e do Papa Francisco e as orientações do CELAM em Aparecida⁴³. A Igreja ensina que Jesus é aquele que viveu plenamente a dinâmica do Reino de Deus e, por isso, ressuscitado, foi visto por seus discípulos como aquele que venceu a morte e do qual se espera a vinda gloriosa para colocar todos os inimigos debaixo de seus pés (cf. 1Co 15, 25).

O *querigma* é, portanto, o contato com o Cristo Ressuscitado e, por meio dele e para ele toda a Igreja é chamada a anunciá-lo e a apresentá-lo aos outros de modo que todos possam se tornar multiplicadores da Boa Nova. Toda obra divina se realiza na Igreja e pela mediação da Igreja, afirma o documento do CELAM (2015):

É na Igreja e por meio dela que a Palavra de Deus é anunciada, é ela que acolhe e torna possível um caminho de fé, coloca os fundamentos da vida cristã e incorpora os novos membros a si, tornando-os membros do Corpo Místico de Cristo. A ação dos catequistas e de outros ministros junto aos catequizandos ou catecúmenos, mesmo que se enriqueça com os dons pessoais, é sempre palavra (ensino, comunicação) e gestos (ritos, celebração) da Igreja (CELAM, n. 62b).

Dada a importância de continuar esses estudos, chega o momento de apresentar o *querigma* e a sua relação com o Mistério da Trindade.

históricos; 4- *Fato qualquer significativo*: O “sentido vulgar, usado, sobretudo na linguagem jornalística”. Cf. Clodovis, BOFF. “*Sinais dos tempos*”: Princípios de leitura. São Paulo: Loyola, 1979, 93 s.

⁴³ CELAM. *A alegria de iniciar Discípulos Missionários na mudança de época*, n. 67.

1.1.4. O *querigma* e o Mistério Trinitário

O *querigma* nos abre ao mistério trinitário. Por meio de Jesus, somos inseridos no mistério da Santíssima Trindade que é o modelo de uma verdadeira comunidade e fonte de vida para todos. Sem a mediação do Filho nenhuma criatura teria conhecido o Pai e não teria recebido o Espírito Santo que lhe permite reconhecer o Filho como Senhor e adorar nele o Pai. O Pai quis que a humanidade fosse capaz de tudo isso, ou seja, num ato de infinito amor adotou-nos como filhos e filhas, antes mesmo da criação do mundo⁴⁴. O Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium* afirma:

O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se doa em forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que por sua morte e ressurreição nos revela e nos comunica a misericórdia infinita do Pai (EG, 164).

Ao anunciar Jesus Cristo como fundamento da fé, através do *querigma*, a Igreja requer que se desenvolva posteriormente, na catequese, todo o processo de iniciação, crescimento e amadurecimento da fé inicial. Implica entender e aceitar o núcleo central da fé aludido ao anúncio global da salvação feito por Jesus Cristo, conduzido pelo amor do Pai e pela ação do Espírito Santo: “Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

Essa é para todos os povos a feliz esperança: Uma evangelização realizada através da Igreja, não apenas como o anúncio do Evangelho por palavras, mas também pela sua vida e ação, de modo a suscitar e alimentar a fé dos fiéis para que o mundo seja transformado à luz dos valores do Reino de Deus (Cf. GS 39, 89 e 91). Atitudes que, aos poucos, envolvem os gestos sacramentais dentro da comunidade viva que celebra o mistério do amor do Pai em Cristo e no Espírito Santo. Uma evangelização que implica a promoção da justiça e da libertação; que se apresenta como caminho que vai da comunidade cristã para o mundo e também como acontecimento no mundo, dentro do qual Deus continua sua obra salvífica⁴⁵. Pode-se, então, entender o que o Catecismo nos diz claramente:

Na liturgia da Igreja, a bênção divina é plenamente revelada e comunicada: o Pai é reconhecido e adorado como a fonte e o fim de todas as bênçãos da criação e da salvação; em seu Verbo, encarnado, morto e ressuscitado por nós, ele nos cumula com suas bênçãos, e por meio dele derrama em nossos corações o dom que contém todos os dons: o Espírito Santo (CIC, 1082).

⁴⁴ Cf. CIC, n. 1077.

⁴⁵ DNC, n. 32

Compreende-se então a dupla dimensão da liturgia cristã como resposta de fé e de amor às “bênçãos espirituais” com as quais o Pai nos presenteia. Por um lado, a Igreja unida a seu Senhor e “sob a ação do Espírito Santo” (...). Por outro, e até a consumação do projeto de Deus, a Igreja não cessa de oferecer ao Pai “a oferenda de seus próprios dons” e de implorar que Ele envie o Espírito Santo sobre a oferta, sobre si mesma, sobre os fiéis e sobre o mundo inteiro, a fim de que pela comunhão com a morte e a ressurreição de Cristo-Sacerdote e pelo poder do Espírito estas bênção divinas produzam frutos de vida (...) (CIC, 1083).

Segundo Comblin, “o Espírito entra na história deste mundo enviado pelo Pai e por Jesus ressuscitado, como segunda missão que completa a missão do Filho”⁴⁶. Assim, o Espírito, desde sempre, atualiza a vinda da Palavra de Deus e a torna presente no meio dos processos e movimentos das sociedades humanas. O Espírito constrói o povo de Deus e prepara o caminho para o advento final do Reino. Também acompanha a evolução da humanidade para infundir nela um “suplemento de alma”, um “sopro de vida”, uma “plena liberdade”. Ora, “O Espírito, que é fonte da vida eterna e força que a distribui, é também a força que comunica o penhor da vida eterna”⁴⁷.

As três Pessoas Divinas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – têm como objetivo reconduzir o ser humano à sua natureza originária para que em toda a criatura seja restaurada aquela imagem que foi desfigurada pelo pecado. Por isso, o plano divino da salvação é um só: trazer os homens e as coisas, as do céu e as da terra, sob o senhorio de Jesus, o Messias esperado que veio libertar os oprimidos e inaugurar o “Reino de Deus que é justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17)⁴⁸.

Todos são chamados a ter uma relação pessoal com Deus. Com os processos de iniciação cristã, as pessoas provam o imenso amor de Deus que se manifesta através do Cristo Jesus, o qual – pelo mistério da sua encarnação, vida, paixão, morte e ressurreição – tornou plena a revelação de Deus e expressa sacramentalmente a vontade do Pai, sob a presença constante do Espírito Santo. Assim, os três sacramentos da iniciação, sempre numa unidade indissolúvel, expressam a unidade da Trindade: “O Batismo nos torna filhos do Pai, a Eucaristia nos alimenta com o Corpo de Cristo e a Confirmação nos unge com a Unção do Espírito Santo”⁴⁹.

Por fim, em Atos dos Apóstolos e nas Cartas, Pedro e Paulo deixam registrado esse anúncio impactante sobre o Reino de Deus. Apresentam, em frases curtas e testemunhais, o

⁴⁶ COMBLIN, José. *O Espírito no mundo*, p. 76.

⁴⁷ *Ibidem*, pp. 76-77.

⁴⁸ GEVAERT, Joseph. *O primeiro anúncio: finalidade, destinatários, conteúdos, modalidade de presença*. Tradução: Paulo F. Valério, p. 13.

⁴⁹ CELAM. *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*, n. 62a-63.

Deus revelado por Jesus e a novidade de vida que os levava a ser apóstolos, enviados da verdade, dando testemunho da fé que partilham e do seu batismo recebido em nome de Deus, Pai de todos em seu Filho Jesus Cristo, o Redentor de todos e no Espírito Santo que transforma e une todas as coisas pelo poder do seu amor.⁵⁰ “O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo, a crer nele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos”⁵¹.

1.1.5. A catequese e os valores do Reino

A catequese, fase indispensável do conjunto das atividades missionárias da Igreja, vinculada ao processo de evangelização das crianças, dos jovens e dos adultos, transmite de maneira orgânica e sistemática a mensagem evangélica, com o fim de suscitar-lhes a fé e iniciá-los na plenitude da vida cristã⁵². Tal afirmação foi sinalizada a partir dos diversos documentos pós conciliares, desde a publicação do *RICA* (1972), passando pelo Sínodo sobre a Catequese e sua exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (1977), pelos Diretórios de 1971 (DGC) e de 1997 (DNC), e pelo *Catecismo da Igreja Católica* (1992). Merecem especial atenção as iniciativas da América Latina (CELAM), sobretudo a de *Medellín* (1968) e *Aparecida* (2007), até a recente publicação “*A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*” (2015), bem como o documento da CNBB, *Catequese Renovada* (1983), e o Documento 107, “*Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*” (2017)⁵³.

Sobre os valores do Reino é bom lembrar que eles estão presentes em muitas passagens nos Evangelhos, especialmente nas parábolas contadas por Jesus. Segundo Micheletti, “Ninguém como Jesus utilizou tão aprimoradamente esse estilo para ensinar. No coração de sua pregação achava-se o Reino de Deus e seu agir silencioso, já presente”⁵⁴. A catequese tem o encargo de analisá-las em suas raízes mais profundas, para entender que as parábolas não são comparações que visam um ensinamento apenas. As parábolas sobre o Reino de Deus, em especial, são profundamente relacionais e transformadoras, contribuem para iluminar e transformar a vida das crianças, adolescentes, jovens e adultos que se colocam à escuta dessas

⁵⁰ GEVAERT, Joseph. *O primeiro anúncio: finalidade, destinatários, conteúdos, modalidade de presença*. Tradução: Paulo F. Valério, p. 13.

⁵¹ DAp., n. 279.

⁵² CT, n. 18.

⁵³ ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*, pp. 16-17.

⁵⁴ MICHELETTI, Guillermo Daniel. *As 12 Parábolas de Jesus: para usar na catequese em forma de Leitura Orante*, p. 9.

admiráveis narrativas, que brotam sempre do espetáculo da vida cotidiana de cada um e de cada uma⁵⁵.

Dentre as parábolas sobre o Reino de Deus, pretende-se, aqui, citar especificamente aquelas que apresentam o Reino como uma realidade de “grande valor”: são a do camponês que, cavando em um campo, encontra um “tesouro escondido”, e, feliz, vai, vende tudo o que possui para comprar aquele campo (Mt 13,44); e a do negociante que vai à procura de pérolas preciosas e ao encontrar uma de grande valor, vende tudo o que possui para comprá-la (Mt 13,45-46). Estas duas parábolas induzem ao mesmo tempo à contemplação e à ação e nos levam a meditar sobre a maravilha do Reino e sobre quão grande será a felicidade de poder pertencer a ele⁵⁶.

Além dessas duas parábolas, há no evangelho de Mateus o mais belo discurso de Jesus, feito às multidões, intitulado como “O Sermão da Montanha das Bem-Aventuranças” (Mt 5, 1-12). As Bem-Aventuranças, nos diz o Catecismo, “estão no cerne da pregação de Jesus. Seu anúncio retoma as promessas feitas ao povo eleito desde Abraão. Jesus as completa, ordenando-as não mais ao simples bem-estar gozoso na terra, mas ao Reino dos Céus” (CIC, 1716). A antiga Lei (o Decálogo), agora revigorada pelo próprio Jesus Cristo nas Bem-Aventuranças, as quais iluminam as ações e atitudes da vida cristã de todos os homens e mulheres: a entrada na alegria do Senhor e no repouso de Deus, por ocasião da vinda do Reino de Deus (cf. CIC, 1720).

O texto do Evangelho é tão conhecido que seria desnecessário citá-lo. Mas, porque ele condensa de modo tão completo e tão belo o valor do Reino de Deus ensinado e vivido por Jesus Cristo, será importante recordá-lo:

Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus (Mt 5,3-12).

Ao finalizar esta primeira parte sobre o Anúncio, recorda-se que o objetivo deste trabalho é encontrar a melhor forma de anunciar às crianças os valores do Reino, vividos por Jesus Cristo, como possibilidade de vida plena para toda a humanidade. A fase inicial desse

⁵⁵ HUBAUT, Michel. *Orar Las Parábolas: Acoger el Reino de Dios*, p. 17.

⁵⁶ CAVALLETTI, Sofia. *O potencial religioso da criança*. (Tradução de Pier Luigi Cabra), pp. 130 e 136.

percurso se dá por meio da catequese, ou seja, a iniciação cristã se dá por alguns caminhos no roteiro da catequese que são: o *Querigma*, o *Discipulado* e a *Mistagogia*. Assim, após o *primeiro anúncio*, o conhecimento do mistério trinitário há de ser trabalhado ao longo de uma vivência cristã (*mistagogia*), na qual as *homilias* e *estudos da palavra* desempenhariam um papel específico. A inspiração para este trabalho será, portanto, encontrada na pedagogia de Jesus.

Caberá, numa segunda parte, iniciar as reflexões sobre o Método Ver-Julgar-Agir que deu estímulo para a adoção, por iniciativa da Igreja, de uma nova metodologia como parte do ensino e práticas sociais católicas, ou seja, uma relação à racionalidade moderna, indutiva e histórica, que articula a partir da práxis ou da experiência, em contraposição a uma racionalidade dedutiva e essencialista, a-histórica, metafísica, escolástica e pré-moderna. “O método ver-julgar-agir, idealizado por J. Cardijn, fundador da Ação Católica especializada, marca a recepção nos meios eclesiais da racionalidade moderna, primeiro na pastoral e, depois, na reflexão teológica”, diz Brighenti⁵⁷.

Este método deverá conduzir à prática de uma teologia que se articula a partir da experiência, da história, dos acontecimentos, dos sinais dos tempos e, portanto, relevante para seu contexto no sentido de reconhecer a densidade teologal da história, da experiência humana, da vida cotidiana, dos fatos, para que o anúncio do *querigma* e a propagação do Reino de Deus tenham tudo a dizer hoje para a Igreja.

1.2. O Método: Ver-Julgar-Agir

Entende-se por método - (do grego antigo *μέθοδος*, transl. *methodos*: “caminho” ou “via” que nos permite ir além (*μέθω*)) – como a maneira de agir, meio ou técnica para se atingir um determinado objetivo. O seu significado original aponta para o caminho que conduz a algures. É também processo organizado e sistemático de pesquisa, instrução, apresentação, etc.⁵⁸.

A proposta de desenvolvimento deste trabalho inspira-se na metodologia “Ver, Julgar e Agir”. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) a recomenda como um caminho para o diálogo entre fé, razão e cultura capaz de fortalecer a identidade religiosa e gerar compromisso social solidário.

⁵⁷ BRIGHENTI, Agenor. *Documento de Aparecida*: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco In: Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 8, n. 3, 673-713, set./dez. 2016.

⁵⁸ DICIONÁRIO LAROUSSE, Vol. 15, p. 1725.

A opção por segui-la fundamenta-se ainda nas seguintes razões: além de ser uma metodologia proposta pela própria CNBB, ela valoriza a leitura crítica da realidade a partir de diferentes documentos emitidos por institutos de pesquisa e artigos científicos; interpreta-a por meio de uma abordagem cristã e solidária inspirada em textos sagrados e propõe uma ação que visa à transformação social através da comunhão e participação das pessoas envolvidas em todas as partes do processo.

1.2.1. Um pouco da história

O método “Ver-Julgar-Agir” foi criado nos anos 1950 na Bélgica, por Joseph Cardijn – fundador da Juventude Operária Católica (JOC) – e reconhecido oficialmente pelo Papa João XXIII na Carta Encíclica *Mater et Magistra*, de 15 de maio de 1961. Na época, o método foi amplamente utilizado na Ação Católica e pelo Concílio Vaticano II, mas popularizou-se nas pastorais da Igreja latino-americana a partir da década de 1980, graças às Conferências Episcopais da América Latina, em torno especialmente dos documentos de Medellín e Puebla, que exortam a Igreja latino-americana a fazer uso desse método nas ações pastorais. O documento de Aparecida dá ênfase ao uso dessa metodologia⁵⁹.

O método em si – Ver-Julgar-Agir – tem larga tradição eclesial desde a época do movimento denominado Catolicismo Social, passando à Ação Católica especializada. Embora esse método tenha sido concebido por Joseph Léon Cardijn, sacerdote belga, este não o tirou do nada. Sua criação inscreve-se na linha de continuidade da pedagogia do então Catolicismo Social⁶⁰.

J. Cardijn lançou os fundamentos do movimento da Juventude Operária Cristã – JOC, quando, na década de 1950, observou-se um envolvimento crescente da JOC com os problemas da classe trabalhadora da Europa. Participante do Concílio Vaticano II, Cardijn sugeriu ao Papa João XXIII que publicasse uma encíclica para marcar o 70º aniversário da histórica Encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. Em resposta, o Papa João XXIII pediu que Cardijn providenciasse um esboço das questões a serem abordadas na nova encíclica; esse pedido foi prontamente atendido por J. Cardijn, que apresentou ao pontífice um memorando contendo vinte páginas⁶¹.

⁵⁹ BRIGHENTI, Agenor. *Método Ver-Julgar-Agir*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 613-614.

⁶⁰ *Ibidem*, pp. 608-609.

⁶¹ *Ibidem*, pp. 612-613.

Assim, pouco mais de um ano depois, o Papa João XXIII publica a Carta Encíclica *Mater et Magistra*, onde o próprio autor da Carta observa: “Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases”. A primeira é o “estudo da situação”: ver a realidade concreta. A segunda fase, “a apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes” e, por fim, o terceiro momento, “o exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática”. São os “três momentos do método Ver, Julgar e Agir” (MM 232), que primeiramente foi reconhecido e assumido por essa Encíclica (*Mater et Magistra*), e, depois, de modo mais abrangente, pela *Gaudium et Spes*, pelas encíclicas sociais e outros documentos magisteriais⁶².

Desde então, esse método é adotado por toda a Igreja até os dias atuais, como uma metodologia que põe luzes na relação entre a Igreja e a sociedade. Segundo Agenor Brighenti, “na verdade, o método Ver-Julgar-Agir é mais do que um método; é uma pedagogia. Mais que isso, é sobretudo uma forma de ser Igreja”⁶³. “É o método do *aggiornamento*, das portas abertas, do serviço à humanidade, do ir ao encontro”, diz Paulo Suess⁶⁴. Esse método sintetiza-se nos sinais dos tempos, que exige de cada ser humano a contemplação atenta da realidade histórica (ver), o discernimento crítico de cada fato à luz dos valores evangélicos (julgar) e propõe uma pastoral atuante (agir), que certamente permitirá à Igreja Conciliar colocar-se nos trilhos da história, das sociedades e das culturas⁶⁵.

Em 26 de dezembro de 1963, os bispos do Brasil (CNBB), sob o impulso renovador do espírito do Concílio Vaticano II, em andamento na época, lançam, em âmbito nacional, o projeto denominado Campanha da Fraternidade (CF). Esse projeto foi realizado oficialmente pela primeira vez na Quaresma de 1964; mas em 1970, a CF ganha especial e significativo apoio do Bispo de Roma. Em tempos marcados por graves injustiças e restrições sócio-políticas no país, a Igreja do Brasil, por meio da Campanha da Fraternidade, quer despertar as consciências para a realidade do povo, em vista de ações transformadoras que promovam a justiça e o amor, exigências centrais do Evangelho. Assim, os Textos-Base das Campanhas da Fraternidade, especialmente a partir de 1973, e toda a sua ação, seguem a metodologia do Ver-Julgar-Agir⁶⁶.

⁶² BRIGHENTI, Agenor. *Método Ver-Julgar-Agir*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 612 e 614.

⁶³ *Ibidem*, p. 608.

⁶⁴ SUESS, Paulo. *Sinais dos Tempos*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 897.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 897.

⁶⁶ Cf. CNBB. *Textos-Base das Campanhas da Fraternidade*.

Ainda que se reconheça que este método esteja explícito em diversos documentos da Igreja, cabe-nos questionar: os catequistas, em suas respectivas paróquias, sabem da existência desses documentos e a eles têm acesso? O método ver, julgar e agir tem influência na catequese? Ele foi assumido pela catequese? Embora, nos últimos anos, tenha havido grande esforço para a renovação da pastoral catequética no Brasil, não podemos perder de vista as deficiências que ela continua mostrando. A catequese ainda precisa e merece maior atenção por parte dos bispos e dos párocos da Igreja, no sentido de proporcionar formação continuada, a fim de que tenhamos “novos” catequistas para uma “nova” catequese.

Recentemente contemplado pelo magistério do Papa Francisco, o método encontrou um terreno vasto e profundo, tanto nas Exortações *Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*, quanto na Carta Encíclica *Laudato Si'*, cujos documentos estão marcados por essa dinâmica que facilita o diálogo com o mundo e com a Igreja, pois partem da realidade concreta iluminada pelo Evangelho e pelo Magistério para se chegar a uma ação eficaz e concreta. O método, também contemplado pelo CELAM, o qual propôs recentemente atualizá-lo para “Contemplar-Discernir-Propor”, será, a seguir, mais bem apresentado.

1.2.2. Atualização do método proposto pelo CELAM: “Contemplar-Discernir-Propor”

Em 2015, completando cinquenta anos das influências do Vaticano II sobre a catequese, somos contemplados com a apresentação do documento recente (junho de 2015) do CELAM sobre “*A alegria de iniciar discípulos missionários numa mudança de época*” (*AIDM*),⁶⁷ que trata sobre a iniciação à vida cristã, trazendo novas perspectivas para a catequese na América Latina e Caribe. O documento, segundo Lima, é um texto breve, mas denso e provocativo. Sua linguagem, sem ser acadêmica ou erudita, apresenta-se de forma simples, e pode ser compreendida por um catequista de cultura média, sem, por isso, deixar de ser profunda⁶⁸.

O documento segue o clássico método de origem europeia, conforme citado nos parágrafos anteriores desta pesquisa sobre o “Ver, Julgar e Agir”. Um método há tempo inculturado e usado entre nós, desde os anos de 1960. No entanto, o texto do CELAM (*AIDM-2015*), dividido em três seções ou capítulos intitulados “*Contemplar, Discernir e Propor*”,⁶⁹

⁶⁷ CELAM. *A Alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*. (CELAM/CNBB, 2015).

⁶⁸ LIMA, Luiz Alves. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*, pp. 215-216.

⁶⁹ CELAM. *A Alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*, p. 10.

traz uma nova sugestão para atualizar o método usando essas novas palavras, que, segundo Lima, são consideradas “significativas e trazem novo frescor ao velho esquema *Ver, Julgar e Agir*”⁷⁰.

1.2.3. A CNBB e o uso do método na proposta original: “Ver-Julgar-Agir”

Por ocasião da 55ª Assembleia Geral, realizada em Aparecida/SP, no período de 26 de abril a 05 de maio de 2017, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lança o Documento 107 sobre a “*Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*”. De acordo com seu título, esse Documento pretende mostrar o itinerário a ser seguido para formar discípulos missionários e transformar as comunidades e a Igreja em “Lugar da Iniciação Cristã”. O documento representa um passo importante na caminhada da Igreja do Brasil⁷¹.

Esse documento segue também a mesma proposta metodológica do “Ver, Julgar e Agir”. A partir do seu segundo capítulo, seguido pelo terceiro e quarto capítulos, mais especificamente, encontram-se respectivamente os títulos: Aprender da história e da realidade: “Ver”; Discernir como Igreja: “Iluminar” e Propondo caminhos: “Agir”. Note-se que a partir dos títulos desses capítulos no documento 107, a CNBB, diferentemente do CELAM, optou por preservar o uso das mesmas palavras do clássico método Ver, Julgar e Agir.

1.2.4. Considerações sobre a utilização das duas nomenclaturas do método nos Documentos do CELAM e da CNBB

Propõe-se aqui, primeiramente, fazer um breve registro sobre a etimologia e os significados das palavras utilizadas nos documentos (CELAM e CNBB), nas duas nomenclaturas do método. Não se trata de uma explanação minuciosa ou de um tratado de gramática da língua portuguesa sobre tais palavras, mas de maneira simples e cronologicamente, cada uma das palavras será explicada de acordo com o Dicionário⁷² consultado.

⁷⁰ LIMA, Luiz Alves. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*, p. 216.

⁷¹ CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. (CNBB, 2017).

⁷² Cf. DICIONÁRIO LAROUSSE, Vol. 1, 7- 8, 13, 19 e 23.

Primeira nomenclatura (CNBB): A) Ver (verbo transitivo direto e intransitivo), significa: perceber pela visão; enxergar. Ex.: "Viu a luz acesa". Significa também: olhar para algo, alguém ou a si próprio. Sua origem vem do latim *videre*. B) Julgar (verbo transitivo direto e intransitivo), que significa: tomar decisão, deliberar na qualidade de juiz ou árbitro; refletir sobre, considerar. Significa ainda: formar conceito, emitir parecer, opinião sobre (alguém ou algo). Etimologia da palavra "*julgamento*" vem do Latim *judicare*, "*julgar*", formado por *jus*, "lei, direito". C) Agir (verbo intransitivo) que significa: tomar providências; atuar, fazer. Ex.: "É preciso agir, não só falar". Significa também: provocar uma reação; produzir um efeito. Etimologia (origem da palavra agir): do latim *agere*.

Segunda nomenclatura (CELAM): A) Contemplar (verbo transitivo direto e pronominal), significa: fixar o olhar em (alguém, algo ou si mesmo), com encantamento, com admiração. Ex.: "Contemplou longamente o pôr-do-sol". É também: observar, prestar atenção, analisar. Vem do Latim: *contemplare*. B) Discernir (verbo transitivo direto e indireto): perceber claramente (algo, diferenças, etc.); distinguir, diferenciar, discriminar, entender, compreender (conceito, situação, etc.). Discernimento é uma palavra que tem origem no termo do latim *discernere*.

Em sua acepção atual, discernimento pode ser entendido como a faculdade de decidir entre o certo e o errado, de separar o que é bom do que é ruim, como os critérios que se usam para tomar uma decisão, a capacidade lógica de separar e identificar os elementos que compõem determinada questão. Assim, discernimento pode ser sinônimo de discernir, distinguir, critério, refletir, escolher. Discernimento é uma faculdade daqueles que são capazes de identificar diante de uma situação o que é mais favorável, qual deverá ser o caminho a ser seguido, o que deve ser feito então. As Sagradas Escrituras nos oferecem luzes valiosíssimas para compreender o que significa discernir.

C) Propor (verbo transitivo direto e indireto), significa: apresentar (proposta) a, pôr diante de; submeter (algo) à apreciação de (alguém); oferecer à escolha ou como opção; apresentar, sugerir. Etimologia (origem da palavra *propor*): do latim *proponere*.

Em segundo lugar, a partir da apresentação dos significados das palavras acima, sugere-se, simplesmente, observar as diferenças entre o conjunto delas, em suas formas, intenções e emoções... e assim, abrir espaço para o novo.

1.2.5. Opção pelo uso do método na nomenclatura atualizada pelo CELAM

O método Contemplar, Discernir e Propor, atualização do célebre método da Ação Católica (Ver-Julgar-Agir), pelo CELAM, será, portanto, o fio condutor pelo qual se construirá a proposta metodológica ao longo desse estudo. Reconhecendo ainda que o contexto atual da sociedade se caracteriza pelo dinamismo de informações e de abundante conhecimento, é fundamental transpor o entendimento das etapas desse método, cronologicamente idealizadas, para os dias atuais, de forma simples e didática, de maneira a orientar os trabalhos pastorais das comunidades eclesiais. A seguir, ofertar-se-á uma breve reflexão sobre cada uma das dimensões do método em referência.

a. A dimensão Contemplar

Promover um diálogo respeitoso com toda a comunidade humana está na essência da dimensão Contemplar, razão pela qual esta metodologia tem a preocupação de pôr luz em realidades pouco conhecidas ou até mesmo ignoradas, a partir da análise de uma série de fontes documentais e observação atenta do cotidiano em plena mudança de época ao nível global.

É fundamental optar por uma nova epistemologia iluminada pela ética e pelo respeito às ciências e os diversos saberes, desde a *multidisciplinaridade* que consiste em agregar várias disciplinas com objetivos comuns, agrupando seus esforços para a solução de um determinado problema, conservando, contudo, em cada disciplina, seus métodos e suposições individuais. A *interdisciplinaridade* como recurso metodológico e epistemológico que mescla as práticas e suposições das disciplinas afins. Esse recurso supõe um maior grau de integração entre as disciplinas e a existência de um conjunto de disciplinas conexas entre si e com relações definidas que não podem ser desenvolvidas de forma isolada, dispersa ou fracionária. A *transdisciplinaridade*, reconhecida como processo cognitivo e metodológico que exige o respeito à interação entre os objetos de estudo de diferentes disciplinas, obtendo-se a transformação e a integração de suas respectivas contribuições a fim de formar um todo lógico e coerente, propõe um princípio da unidade do conhecimento que vai além das disciplinas⁷³.

⁷³ Cf. CELAM. “*Vão e ensinam*”: identidade e missão da escola católica na mudança de época, à luz de Aparecida, pp. 44, 46-47.

Atentar também para as questões da bioética, pois defender e promover a vida exige um amplo e respeitoso diálogo que harmonize todos os discursos: o científico, o tecnológico, o ético e moral, o político, o cultural e o religioso⁷⁴.

Não obstante, observa-se que na maioria das vezes, no cotidiano da vida, essa metodologia é deixada em segundo plano, ou sequer é proposta. Tal descuido acaba por reduzir à mera ilustração aquilo que poderia ser objeto de rica interação entre as pessoas e os diversos saberes. Interação que se deve dar, reforçando o que já foi dito, a partir do levantamento de dados, do conhecimento de outros autores, das distintas formas de ver, pensar e produzir sobre um determinado tema, da disposição para o encontro com o outro diferente, para conhecê-lo, sobretudo os seus problemas⁷⁵.

Desse modo, para que a dimensão Contemplar cumpra o seu papel nas famílias, nas escolas, nas diversas pastorais eclesiais e demais setores da sociedade, propõe-se que essa dimensão colabore para que haja uma metodologia mais adequada à leitura, interpretação e análise dos diferentes acontecimentos históricos locais e global e, igualmente, uma adequada leitura dos documentos oferecidos pelos livros sagrados, magistério da Igreja e pelos livros didáticos e científicos. Que essa dimensão tenha, ainda, um olhar atento para mais bem compreender as expressões religiosas em todas as pessoas em sua relação com o mundo e reconhecer o conteúdo religioso expresso em diferentes linguagens em todas as crenças⁷⁶.

b. A dimensão Discernir

O momento do Discernir exige um conhecimento profundo da mensagem cristã, adquirido por meio de estudos das Sagradas Escrituras, para formar a consciência crítica à luz libertadora do Evangelho e dos documentos da Igreja. “Após o momento da “informação” (Contemplar) vem o momento da “formação” (Discernir), que consiste basicamente em “confrontar o real dos fatos com o ideal do Evangelho ou do plano de Deus”, em outras palavras, consiste em “distinguir a verdade do erro” diz A. Brighenti⁷⁷.

Nesse contexto, as narrativas sagradas adquirem uma relevância ímpar porque, além de serem fonte norteadora das práticas religiosas dos indivíduos e das comunidades, nelas se

⁷⁴ Cf. DAp, n. 123-124, 464.

⁷⁵ SILVEIRA, Valeska Freman Bezerra de Freitas. *Proposta Metodológica de Apoio ao Professor de Ensino Religioso: um enfoque sob múltiplas linguagens*, p. 10.

⁷⁶ SILVEIRA, Valeska Freman Bezerra de Freitas. *Proposta Metodológica de Apoio ao Professor de Ensino Religioso: um enfoque sob múltiplas linguagens*, p. 10.

⁷⁷ BRIGHENTI, Agenor. *Método Ver-Julgar-Agir*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 611.

encontram expressos conceitos, valores, orações, doutrinas e as verdades da religião. São textos considerados literários, porém, de uma categoria especial pelo fato de conterem um “discurso sagrado”, “uma teologia”, “uma Palavra para ser ouvida”, por isso, merecedores de um estudo apropriado, fundamentado numa metodologia específica ao seu formato e conteúdo de fé, respeitando o contexto em que eles se apresentam, assim como seus sentidos simbólicos e metafóricos⁷⁸.

O ato de avaliar ou Discernir pode ser também um viés possível para a superação de visões exclusivas, tanto da “doutrina” quanto da “realidade da vida”, permitindo que ambas possam se enxergarem pela perspectiva cristã, uma vez que a “realidade” ao produzir um impacto sobre a “doutrina” dá-lhe um novo significado, ao mesmo tempo em que a “doutrina”, por sua vez, também produz um impacto sobre a “realidade”, dando-lhe igualmente um novo rosto⁷⁹.

c. A dimensão Propor

Por último, a dimensão Propor nos convoca a seguir os passos do Mestre que viveu tudo o que ensinou - amor, abnegação, pobreza, pureza, coragem, engajamento com o Reino e doação total pela salvação da humanidade, através de sua morte na cruz. Toda a sua vida foi de obediência ao Plano de Deus e serviço aos irmãos (Cf. Fl 2,6-11). Propor significa mover para a ação sem imposição, mas por atração, tendo como parâmetro o modo de ser do Cristo Jesus.

Converter-se a essa proposta exige o conhecimento da pedagogia de Jesus atualizada para os dias de hoje, cujo conhecimento busca beber nas fontes mais purificadas, que são os Evangelhos, para que os pensamentos novos sejam gerados pela força do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, seja anunciada a Verdade que nos propõe a mensagem cristã revelada. A pedagogia de Jesus é o caminho pelo qual todos os batizados possam elaborar o seu projeto permanente de vida pessoal e comunitário e a desenvolverem, também, uma espiritualidade em pastoral⁸⁰.

Conforme consta no Diretório Nacional de Catequese (CNBB-2011), “Agir é o momento de tomar decisões, orientando a vida na direção das exigências do Projeto de Deus. É o tempo de vivenciar e assumir conscientemente o compromisso e dar as necessárias respostas

⁷⁸ MANNUCCI, Valério. *Bíblia, palavra de Deus: Curso de introdução à Sagrada Escritura*, pp. 36-37.

⁷⁹ BRIGHENTI, Agenor. *Método Ver-Julgar-Agir*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 611.

⁸⁰ Cf. DAp, n. 289 e 292.

para a renovação da Igreja e a transformação da realidade”⁸¹. Isso exige de cada pessoa fé e confiança em Deus, coragem para uma mudança de mentalidade necessária para assumir o compromisso de viver concretamente a mensagem recebida: “servir os mais necessitados, lutar por justiça e paz, denunciar profeticamente e transformar evangelicamente as estruturas e as situações desumanas, buscando o bem comum”⁸².

Considerações Finais.

O primeiro capítulo dessa dissertação que acabamos de apresentar como instrumento guia para levar e vivenciar a missão de catequistas na vida de cada comunidade eclesial, por exortação recente feita especialmente pelos Bispos do CELAM (2015) e CNBB (2017), sem a pretensão de esgotar o assunto, mostrou-nos de forma clara a necessidade de que todos precisamos hoje da “alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época”.

Nesse contexto, apresentamos o primeiro anúncio. A Boa-Nova proclamada, sobretudo, pelo testemunho de um anúncio explícito, esclarecido e justificado de acordo com o pensamento de São Pedro, aquilo que ele chamava “dar a razão da própria esperança” (1Pd 3,15). De acordo com a *Evangelli Nuntiandi*, “Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a vida, as promessas, a doutrina, o Reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados”⁸³.

A Igreja, desde sempre, ou seja, como em todos os tempos, continua sendo desafiada na sua missão evangelizadora. Ela sabe qual é a sua missão e sabe também que para conseguir realizá-la conta com meios que são bimilenários. Devido às mudanças constantes do nosso mundo, em cada época a Igreja vai adaptando esses meios para conseguir realizar o mais eficazmente possível a sua tarefa. Sem dúvida, e não poderia ser diferente, a pregação querigmática e a catequese são desses meios tradicionais em constante renovação.

Há muito ainda para desenvolver, considerar e aprofundar. Contudo, vale a pena continuar refletindo e pesquisando sobre essas questões: a missão dos cristãos leigos em relação ao *querigma* assim como a colaboração deles na missão da hierarquia no que se refere à evangelização pelo ensino sistemático da fé cristã através da catequese. Considerar também a questão do novo ateísmo

⁸¹ DNC, n. 160.

⁸² *Ibidem*, n. 160.

⁸³ EN, n. 22.

e seus desafios para a nova evangelização. É preciso continuar cumprindo aquilo que Jesus Cristo disse a todos os cristãos: “Vão e ensinem”!

Daquilo que se apresentou sobre o método Contemplar, Discernir e Propor, podemos, ainda, reforçar aqui pontos importantes. Consideramos que é um método prático de formação na ação que nos tira da acomodação, deverá, portanto, despertar-nos para uma consciência crítica que nos leve a assumir compromissos que transformem a sociedade. Efetivamente esse método nos ajuda a situar-nos diante da realidade concreta; a confrontarmos a realidade com a Palavra de Deus e a encaminarmos para uma ação transformadora que melhore, corrija e dignifique todas as realidades sociais deformadas.

Como diz Morin, é de bem indicar que no processo para aprendermos a viver necessitamos não apenas de conhecimentos, mas a transformação – no nosso próprio ser mental – do conhecimento adquirido em sapiência (lat. *sapientia* = “sabedoria” e “ciência”) e a incorporação desta sapiência para a nossa vida, para que possamos, enfim, conscientemente colocar em prática as maiores lições da vida: o amor ao próximo, a compaixão pelo sofrimento de todos os humilhados e a verdadeira compreensão das promessas de Jesus, o Bom Pastor: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)⁸⁴.

Esse método parte das reais necessidades das pessoas; clareia o conteúdo que se transmite; permite vincular a teoria à prática; envolve as pessoas, convidando-as para a participação ativa nos encontros; dá vida e significado ao conteúdo (doutrina); desenvolve a capacidade de observação e compromisso; estimula a criatividade, o trabalho grupal e a corresponsabilidade; dá mais segurança diante dos desafios e barreiras e evita improvisações. As etapas desse método não acontecem separadamente, mas uma depende da outra.

Contemplar significa informar sobre a realidade humana que é muito complexa, por isso, antes de tudo, é preciso delimitar a realidade a ser observada como, por exemplo, no país, na região, no bairro, na comunidade, no grupo familiar ou outros grupos de pessoas. Jesus se encarnou, viveu a vida dos homens, assumiu as nossas fraquezas e limitações ajudando-nos a superá-las. Também nós, a exemplo de Jesus, devemos mergulhar-nos na realidade para encontrarmos modos de propor ações com responsabilidade.

Discernir é formar novos paradigmas. Essa dimensão tem o sentido de iluminar, de criticar, de confrontar a realidade à luz da ótica cristã, exigindo fidelidade a Deus e aos irmãos. Trata-se ainda de analisar e questionar criticamente as causas e consequências dos acontecimentos observados, de discernir o que está a serviço da vida ou da morte, julgando os

⁸⁴ MORIN, Edgar. *Reformar o pensamento: a cabeça bem-feita*, pp. 51 e 55.

fatos com respeito, bom senso e com dignidade humana à luz dos valores evangélicos. Ter conhecimento da realidade humana e social, intimidade com a Palavra de Deus, conhecimento da Doutrina da Igreja, capacidade de superar preconceitos, humildade para reconhecer as limitações e mudar de opinião.

Propor significa transformar a realidade, ter uma nova atitude pessoal e social diante da vida que compromete todas as pessoas quando há uma conversão autêntica. A proposta não se trata meramente de “fazer coisas”, trata-se, em primeiro lugar, de uma transformação das pessoas que as leve a sentir, ver, ser e atuar no mundo a partir do projeto de Deus. Propor é o resultado natural do Contemplar e do Discernir e tem um significado profundo que vai além das aparências; o próprio Deus, através de nossas ações, age na história da humanidade.

Mediante as exigências de uma catequese atualizada, dentro das linhas das Conferências Episcopais Latino-Americanas, em particular da V Conferência de Aparecida, por meio da qual os bispos propuseram, entre outras coisas, realizar uma Missão Continental que fosse como um despertar do espírito missionário de todos os batizados, desejamos, nesta proposta, despertar em cada catequista uma tomada de consciência na direção de Contemplar a caminhada da pastoral em sua comunidade. Discernir com fidelidade os problemas e as realidades locais para, assim, inspirados na pedagogia de Jesus de Nazaré⁸⁵, Propor assumir com coragem uma evangelização autêntica para que o anúncio de Cristo não fique reduzido a uma proclamação unilateral, mas que inclua a inserção na história, a interlocução responsável, o testemunho de valores evangélicos e a cooperação solidária em projetos relevantes para toda a humanidade⁸⁶. Que as nossas práticas cotidianas sejam ratificadas por palavras e ações, “transbordando de gratidão e alegria o dom do encontro com Jesus Cristo”⁸⁷.

* * *

⁸⁵ “Pedagogia de Jesus” extraída de seu encontro com os discípulos de Emaús em Lucas 24, 13-35, a saber: a pedagogia do encontro, do discernimento, do acompanhamento e do testemunho.

⁸⁶ DAp, n. 237 e 239.

⁸⁷ Cf. DAp, n. 14.

CAPÍTULO 2

DESAFIOS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO AO ANÚNCIO DO QUERIGMA

Introdução

O fenômeno da globalização trouxe e ainda traz consequências a todos os campos de atividades da vida social, impactando na cultura e na economia, transformando a política mundial e local, interferindo no campo das ciências, da educação, do esporte, das artes, influenciando também, naturalmente, na religião. De fato, esses são os desafios do mundo contemporâneo, os quais merecem uma breve reflexão que demonstre a visão panorâmica da evolução das mudanças históricas mundiais, as quais, muito além de conhecê-las, implicam a ousadia de criar novos enfrentamentos por parte especialmente dos cristãos em relação ao anúncio do *querigma*.

Nesse cenário de mundo contemporâneo, coloca-se o desafio para o anúncio de Jesus Cristo e da presença da Igreja entre todos os povos no mundo de hoje. Evidente que os desafios dessa missão nos interpelam a contemplar e analisar, além dos documentos da Igreja, também os pensamentos de alguns estudiosos contemporâneos com relação as principais etapas da racionalidade que se configuraram como momentos de crises sociais, culturais e principalmente religiosa, considerando aqui, o fenômeno da secularização, como um processo importante para definir essa realidade no mundo todo.

Necessitamos assumir os desafios dessa época da história impostos à Igreja, por isso, ao dirigirmos o olhar para alguns dos seus documentos, buscaremos encontrar neles direcionamentos para uma nova visão de mundo, uma nova atitude da Igreja no mundo contemporâneo que contempla a escuta, o diálogo, a esperança e a visão positiva do mundo. Cristo é a realidade última da criatura e nesse alegre anúncio de Jesus Cristo, urge o surgimento de uma Igreja que pregue a paz, a justiça, a verdade, o amor e a solidariedade, testemunhando a opção preferencial pelos pobres: uma Igreja pobre para os pobres. A linguagem simbólica toca o ser humano na sua totalidade: sentidos, razão e emoções. Por isso, é preciso que a Igreja seja sensível e busque novas linguagens no sentido de atualizar e ampliar os meios de comunicação social a serem colocados a serviço especialmente da catequese. Estas são as propostas deste capítulo.

2.1. Olhar as mudanças sociais, culturais e religiosas à luz dos pensadores contemporâneos.

Este tópico visa lançar um olhar sobre as mudanças sociais, culturais e religiosas hodiernas, através da ótica de alguns pensadores contemporâneos, ainda que sejam mencionadas somente as características mais determinantes desses campos. Tais mudanças ocorreram de maneira acelerada no período pós-cristão ocidental, ou seja, nas últimas décadas do século XX, mas tiveram sua gênese na modernidade. A visão mais coerente deste período histórico – considerado por muitos pensadores e estudiosos como a “época do historicismo linear”, em constante progresso e oposta à mentalidade da Grécia antiga, dominada por uma visão naturalista e cíclica do curso do mundo – é a de uma visão secular, isto é, voltada para o *seculum*, para o mundo real. O mundo histórico é precisamente o que passa e se modifica continuamente, não é absolutamente algo que permanece, mas é o transcendente e estático mundo ideal elaborado pela metafísica e teologia neoplatônicas⁸⁸.

Nesse contexto, sobretudo a partir do século XVI, a sociedade começa a se tornar autônoma em relação à Igreja e à religião, atingindo o auge com o Iluminismo e com a Revolução Francesa. Com todos esses acontecimentos, a incredulidade e a secularização vão ganhando terreno e o momento parece pertencer a um período “pós-cristão” que chegou arrasando as tradições, questionando as autoridades e rejeitando os dogmas. A Teologia, que tinha desenvolvido excelentemente seu estatuto metafísico-racional, paradoxalmente, viu-se mal com esse surto da racionalidade moderna (pós-cristã). Esta, ao negar a autoridade inquestionável da Igreja Católica e ao defender uma religião da razão, em oposição a toda religião revelada, acaba por afirmar a condição absoluta da razão humana e rejeita a religiosidade cristã⁸⁹.

Mais do que numa época de mudança, diz Agenor Brighenti, “Estamos mergulhados numa mudança de época, em que temos a sensação de que “tudo o que é sólido desmancha-se no ar” (Jean Baudrillard)”⁹⁰. Frente a isso, por parte dos cristãos, o que se experimenta num primeiro momento é a sensação de perplexidade, um sentimento de angústia, de medo, de impotência e de um mal-estar existencial⁹¹. O novo quase sempre desconcerta e desestabiliza.

⁸⁸ Cf. LIBÂNIO, João Batista. *Desafios da pós-modernidade à Teologia Fundamental*. In: TRASFERETTI, José & GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Orgs.) – *Teologia na Pós-modernidade*, p. 146.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 146.

⁹⁰ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: A novas perguntas, novas respostas*, p. 9.

⁹¹ *Ibidem*, p. 26.

No tópico seguinte, procuraremos analisar com maior profundidade a secularização e seus questionamentos em relação ao cristianismo.

2.1.1. O fenômeno da secularização

Segundo MacDowel, a visão de mundo secular é caracterizada pela passagem do que era do domínio religioso para o regime leigo. Ou seja, secularização diz respeito ao processo de separação ou gradual abandono das formas tradicionais de estruturação social baseadas na religiosidade. É um processo através do qual a religião perde a sua influência sobre as variadas esferas da vida social e cultural, cujo processo traz consigo uma redução da crença e da prática cristã entre os membros da sociedade⁹².

O processo de secularização, segundo Vergote, está relacionado, portanto, à construção do mundo moderno e à queda das teocracias (governos regimentados em torno de uma crença religiosa e seus preceitos) da Europa feudal. Entender o transcorrer do fenômeno da secularização nos ajuda a entender grande parte da forma como o pensamento moderno se estruturou e as diferentes formas que ele foi adquirindo ao longo do tempo⁹³.

A revolução democrática, caracterizada pelo movimento de pessoas que reivindicam seus direitos políticos e recusam a continuar sendo governadas por um “príncipe” com direito divino, proporcionou o aparecimento do Estado moderno⁹⁴. A revolução democrática impôs o princípio da ordem política secularizada, gerando instabilidade para as autoridades de diferentes Igrejas. Posto que a confissão de fé implicava o reconhecimento da soberania de Deus sobre o mundo, sobre as autoridades humanas e sobre as normas da vida pública, as autoridades eclesiásticas condenaram e combateram a concepção “liberal” da sociedade⁹⁵.

Durante muito tempo, o Estado laico ou liberal foi combatido pelas Igrejas, com exceção de algumas Igrejas locais, como na Bélgica. Esses conflitos com os Estados liberais e as condenações dos fiéis que aderiram aos ideais liberais tiveram um enorme peso para o cristianismo. Forçada a aceitar a vitória da revolução democrática, a Igreja Católica, embora no início tenha procurado acomodar-se à situação e não tenha renunciado à tese teológica dos

⁹² MACDOWEL, João Augusto A.A. “Secularização”. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 879.

⁹³ VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo: interrogações e críticas recíprocas*, p. 118.

⁹⁴ Nota: O “Estado Moderno” surgiu a partir da fragmentação do sistema feudal. É marcado por quatro fases: o Estado Moderno, Estado Liberal, crise no Estado Liberal e Estado Democrático Liberal. Nasceu no século XV, com o desenvolvimento do capitalismo mercantil registrado em Portugal, na França, Inglaterra e Espanha. Nas quatro nações, o Estado Moderno surge a partir da segunda metade do século XV e, posteriormente, é registrado também na Itália.

⁹⁵ VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo: Interrogações críticas recíprocas*, p. 118.

direitos de Deus, reconhece “por hipótese” o Estado de direito liberal como “a única organização política eficaz momentaneamente possível no mundo moderno ocidental”⁹⁶. Segundo o autor, foi somente no Concílio Vaticano II que a Igreja Católica reconhece plenamente a concepção “liberal” do estado de direito. No entanto, essas decisões do Vaticano II foram rejeitadas por uma fração de católicos, chamada “integrista”, razão pela qual a concepção “liberal” foi excluída dos textos do Concílio pelas autoridades da Igreja⁹⁷.

Taylor, em sua grande obra, “Uma era secular”, revela enorme riqueza de detalhes históricos sobre o complexo e espinhoso tema da secularização, cujos detalhes fazem grande diferença na compreensão desse assunto, hoje, tão latente em todas as sociedades. Para ele o século XXI é caracterizado por uma explosão de novas formas de religiosidade que enfatizam a questão do transcendente e renegam as esferas constitucionalizadas. Isso quer dizer que vivemos um processo de enfraquecimento institucional das religiões frente ao Estado e à esfera pública. A esse fenômeno – sem negar a dimensão religiosa do ser humano – dá-se o nome de secularização da religião⁹⁸.

Diz que o termo secularização não se refere ao fato de a política ter se tornado secular ou ao fato de os indivíduos terem deixado de frequentar a Igreja, mas ao fato de que, agora, a crença em Deus ocorre em condições bastante diferenciadas. O fato é que a partir da modernidade o ser humano assumiu um tipo de espiritualidade individual, particular, com ênfase na oração do sujeito que também é invenção moderna. Assim, tornou-se natural nesse processo emergente de secularização da modernidade, a aceitação da retirada de símbolos religiosos presentes na esfera pública, bem como a ausência da prática religiosa em seus espaços, tão comum até então⁹⁹.

O autor também contextualiza sociologicamente tais fatos e afirma que há um temor maior, uma vez que deixamos de ter a Igreja como intermediária para a nossa salvação e nos colocamos diante de um “falso deus” para nos salvar, ou seja, nos colocamos diante das coisas mundanas, materiais, aquelas coisas chamadas “ter” que muitas vezes nos iludem e são na verdade superficiais, insuficientes e vazias. Esse medo permanece na era secular, pois estamos na modernidade, uma era cheia de incertezas e dúvidas que nos persegue mostrando-nos um mundo desencantado e cruel, que nos coloca frente ao universo e demonstra o quão pequenos somos¹⁰⁰.

⁹⁶ VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo*: Interrogações críticas recíprocas, p. 119.

⁹⁷ *Ibidem*, pp. 118-119.

⁹⁸ TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. Trad.: Nélcio Schneider e Luiza Araújo, pp. 41 e 64.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 64.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 64.

Por outro lado, vão surgindo novas interpretações a respeito da secularização, como por exemplo, o “secularismo”. Outra coisa foi e é o “secularismo”, ou seja, a versão exagerada da secularização. O secularismo, para pressionar fortemente a autonomia do sujeito o levou a promover não só a emancipação das instituições religiosas e dos supostos constrangimentos sociais derivados da religião, mas também o levou à emancipação da ideia de Deus, assim como na maneira de conceber o mundo e de direcionar a existência humana e a sua religiosidade. Dessa maneira, com a entrada do cristianismo na fase da modernidade, tal sujeito se torna responsável por esse mundo secularizado devendo compreender que é por ele, e não somente por meio da instituição eclesial, que passa a revelação do Reino de Deus¹⁰¹.

Esse processo emancipatório tem continuado a sua marcha e parece estar profundamente marcado por uma cultura que traz fortes consequências na maneira de pensar de cada pessoa, levando o próprio sujeito a criticar até mesmo os laços seculares que outrora eram tão preservados pelos seus antepassados: as ligações com a história, com a pátria, com os valores coletivos, com a família e, se necessário, com a sua própria identidade sexual, doravante eleita como opção. Em sua marcha implacável, a cultura de separação desses valores levou à entronização de si como sujeito. Agora lhe é dada a possibilidade de escolha por si e para si de “novos valores”¹⁰².

O sujeito hoje observado parece ser um sujeito desestruturado, fragilizado, imerso numa cultura de diversão e dispersão, abandonado ao capricho de suas emoções, sem um chão seguro e consistente, tanto pessoal quanto coletivamente. As informações vêm e passam rapidamente e se tornam “leves”, “líquidas” e “fluídas”¹⁰³. O tempo dos megarrelatos se acabou, sejam eles cristãos ou marxistas. Agora, tudo é uma questão de interpretação do vasto universo de informações midiáticas disponibilizadas, ou seja, a humanidade deverá compreender a nova realidade criada no mundo contemporâneo que emerge no seu “caráter dramático” da análise dos “sinais dos tempos”, suscitando um misto de “alegrias e esperanças”, “tristezas e angústias”¹⁰⁴.

A consequência de tudo isso é o aparecimento de um “hóspede inquietante”¹⁰⁵ que se infiltra nas famílias, nas escolas e na sociedade em geral: é o fantasma do niilismo¹⁰⁶,

¹⁰¹ VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo: Interrogações críticas recíprocas*, p. 122.

¹⁰² MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio: El eslabón perdido*, pp. 13-14.

¹⁰³ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*, p. 1 e ss.

¹⁰⁴ GS, n.1 e 4.

¹⁰⁵ GALIMBERTI, Umberto. *“L’ospite inquietante. Il nichilismo e i giovani”*. Feltrinelli, Milano, 2014.

¹⁰⁶ Nota: *Niilismo*: Término da existência, redução ao nada, aniquilamento. Ponto de vista que não observa fundamento nas crenças e valores tradicionais (supremos), e sentido ou utilidade na existência. Disposição, espírito destrutivo com relação ao mundo e a si próprio. Rejeição total às leis e às instituições formais. Cf. Giovanni VATTIMO. *O Fim da Modernidade: Niilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna*, pp. 3 e 5.

repercutindo diretamente nas dificuldades para a transmissão da fé cristã. Observa-se que há uma cultura de desvinculação entre as relações humanas que vem fazendo o jogo das relações estruturais injustas em um mundo onde o hemisfério norte é cada vez mais rico e o sul mais pobre. Se não houver nenhuma ligação com os seres humanos como tais, se não houver empenho nas mediações que provoque a diminuição do afastamento daqueles que sofrem e são colocados à margem, então a humanidade estará ajudando a consolidar uma cumplicidade que permitirá a todas as pessoas viverem num mundo que gera fome, ódio, guerra e marginalização¹⁰⁷.

Diante de questões tão fundamentais, será necessária uma pausa para se pensar acerca do comportamento do ser humano e da importância da religião cristã na sua vida, assim como observar e investigar a todo o momento as suas crises no pensamento contemporâneo. Cabe, portanto, neste estudo, identificar e questionar a pertinência do cristianismo contemporâneo: O que sustenta a religiosidade cristã na contemporaneidade com o avanço da ciência moderna, com o anúncio da “morte de Deus” e com o “fim da metafísica”¹⁰⁸?

A esse respeito, tem-se a intenção de apresentar brevemente o pensamento do filósofo italiano Gianni Vattimo, que diz: “historicamente”, estamos presenciando tempos de pós-história, uma vez que este momento é demonstrado pela maneira como a “razão” vem se comportando diante do “sujeito”, isto é, a razão continuamente aponta para a superação desse próprio sujeito. Ainda, num plano mais estritamente filosófico, Vattimo fala do fim da modernidade e da crise do humanismo, vendo esta crise ligada ao tema da “Morte de Deus”, tal como foi formulado por F. Nietzsche e interpretado por M. Heidegger¹⁰⁹.

Na chamada pós-modernidade, com a morte do “velho Deus” e com o descrédito da metafísica, é perceptível a desvalorização do mundo metafísico, assim como da crença no Deus cristão. A religião não se desenvolve mais isolada da ciência. Ciência e religião, no contexto pós-moderno, caminham de mãos dadas, dando início a uma nova forma de religiosidade¹¹⁰.

A possibilidade de uma leitura pós-moderna do mundo na filosofia de Vattimo, ainda que tenha sido de maneira breve, viabilizou encontrar os elementos positivos de formação de seu *pensiero debole* (pensamento fraco): o enfraquecimento do ser é o elemento que nos faz compreender os traços da existência do ser humano no mundo contemporâneo. Nas palavras do

¹⁰⁷ MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio*: El eslabón perdido, p. 15.

¹⁰⁸ VATTIMO, Gianni. *O fim da Modernidade*: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna, p. 19.

¹⁰⁹ *Ibidem*, pp. 4 e 20.

¹¹⁰ *Ibidem*, pp. XIII-XX.

próprio Vattimo, podemos nos situar de maneira mais fiel quanto àquilo que o mesmo coloca com relação ao seu pensamento:

A minha inspiração religiosa-política inspirou uma filosofia atenta aos problemas da sociedade. O meu é um ‘pensamento fraco’ que pensa a história da emancipação humana como uma progressiva redução da violência e dos dogmatismos e que favorece a superação daquelas estratificações sociais que deles derivam¹¹¹.

Ainda, nas bases do pensamento de Vattimo, há que se repensar continuamente nossas imagens sobre Deus e, em caráter de urgência, pensá-Lo também através de respeitadas mediações dialógicas, diante da tensão entre cristianismo e contemporaneidade. Assim como refletir filosoficamente que não existe mais uma verdade que determine em que ou não se deve crer, mas encontrar uma espiritualidade que deverá estar entre e além de concepções religiosas, com seus mitos e ritos e que poderão abrir-se para múltiplas possibilidades diante do insondável mistério chamado Deus¹¹².

2.1.2. A tradição cristã rejeitada em diversos setores

A cultura hedonista – doutrina moral que considera o prazer a finalidade da vida e evita tudo o que é compromisso e envolvimento com sacrifícios que em última instância visem à melhoria de sua vida e à dos outros – é pautada na satisfação dos desejos aqui e agora (*hic et nunc*). Muito embora esteja em crescente expansão, ela encontra sua resistência nas instituições religiosas que constantemente recordam o caráter transcendente da felicidade, uma vez que a felicidade individual não encontra sua plena realização se não passar pelo outro. A cultura hedonista parece desconhecer que um prazer prolongado também pede sacrifícios momentâneos, assim pensavam os estoicos e até mesmo os epicuristas¹¹³.

No entanto, essa mentalidade surge como resposta a uma cultura cristã de renúncias, que lançou suas raízes ao mundo ocidental. Desconsiderando a necessidade de gozar aqui na terra das primícias de felicidade beatífica prometida para o céu, a cultura cristã, particularmente a que se desenvolveu na Europa, acabou por despertar uma rejeição cada vez maior em amplos setores da população¹¹⁴.

¹¹¹ VATTIMO, Gianni. *A Tentação do Realismo*, p.49.

¹¹² *Ibidem*, p. 36.

¹¹³ MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio: El eslabón perdido*, p.15.

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 15.

Parece haver um desejo de reescrever a história para apagar a influência positiva do cristianismo, ao realçar os elementos negativos, ampliando os erros históricos cometidos pela Igreja Católica. Esta é uma mudança real na Europa. Segundo Molina, uma prova significativa dessa mudança, juntamente com outras manifestações, é a impossibilidade de introduzir na nova Constituição Europeia¹¹⁵, ainda que seja somente no seu preâmbulo, uma breve referência às raízes cristãs da Europa¹¹⁶.

Com um olhar mais atento, verifica-se que essa mudança talvez explique o enorme sucesso de vendas de produtos pseudocientíficos como, por exemplo, o famoso *Código Da Vinci*, do escritor norte-americano Dan Brown (vinte e cinco milhões de livros vendidos em todos o mundo)¹¹⁷. Grande parte da população parece desejar ouvir, ler e visualizar que o cristianismo, representado mais especificamente pela Igreja Católica, seja uma impostura histórica. Basta apenas que um autor, em situação oportuna, diga no prefácio de sua obra que todos os dados ali contidos são rigorosamente históricos, para que muitos leitores passem a acreditar nesse autor, sem experimentar a menor necessidade de contestá-lo. Provavelmente, porque no imaginário ou no interior de cada um, ou seja, todos esses leitores já estavam convencidos dessa “verdade”¹¹⁸.

Há, ainda hoje, muitos indícios das “falhas” históricas cometidas pela Igreja Católica no quesito da evangelização, as quais realimentam certa descrença no cristianismo e aguçam a sensibilidade de muitas pessoas a se distanciarem dessa matriz. Ao anunciar a Boa Nova a todos os povos, a Igreja Católica, muitas vezes, se esqueceu do modo como os primeiros apóstolos evangelizaram. Segundo Comblin: “Os apóstolos foram enviados para anunciar a Boa Nova a todos os povos, qualquer que fosse a sua religião”¹¹⁹. No entanto, a doutrina católica tradicional, revestida de “poder”, ensinava que a salvação viria somente para aqueles que a ela pertencessem e a ela se submetessem. Porém, sobre todos os outros que estavam fora dela recairia a “condenação eterna”¹²⁰.

¹¹⁵ Nota: Assinada solenemente em Roma, no dia 29 de outubro de 2004, pelos Chefes de Estado e de Governo dos vinte e cinco Estados-membros, esta Constituição Europeia foi concebida para dar resposta aos desafios de uma Europa alargada, em plena mutação política. Cf. BARROSO, José Manuel Durão. Artigo: *A Constituição Europeia: o que está em jogo para os cidadãos*. Disponível em: <http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_rj/pdf/r5/RI5_JMDBarroso.pdf> - Acesso em 01, Maio/2017 (às 17h15min).

¹¹⁶ MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio: El eslabón perdido*, p.15.

¹¹⁷ Cf. BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*.

¹¹⁸ MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio: El eslabón perdido*, pp. 16-17.

¹¹⁹ COMBLIN, José. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* - p. 17.

¹²⁰ *Ibidem*, pp. 17-18.

O que significa exatamente isso hoje? Como a Igreja Católica deve enxergar as outras religiões sem contar com uma posição de superioridade material ou cultural? Como evangelizar sem superioridade de poder? Não podemos aprender com as outras religiões outros saberes e outras culturas? Essa rejeição à doutrina cristã católica é um elemento que não pode ser desconsiderado no processo da nova evangelização. São os grandes desafios que nos interpelam e nos clamam a uma transformação corajosa, primeiramente conosco mesmos e, depois, nos colocarmos “em saída” para uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria da fé e da confiança no evangelho de Jesus Cristo, mesmo no meio das piores dificuldades e angústias¹²¹.

2.1.3. As transformações no campo religioso: religiões e espiritualidade sem religião.

O surgimento da modernidade está marcado também pela constituição de um novo pensamento do grupo chamado de modernista. Segundo Comblin, os modernistas pensavam que ofereceriam ao mundo uma forma superior de viver, uma humanidade realmente superior a tudo o que se tinha vivido anteriormente. Para os cristãos essa visão era blasfêmia. Ela destruía toda a pretensão cristã de ser a última idade do mundo, a fase mais adiantada da história humana, o ponto mais alto do ser humano¹²².

Deixar de fazer alusão quanto às transformações ocorridas no campo do religioso em tempos pós-modernos implica alienação frente a realidades demasiado complexas. Aparentemente, há uma crescente convicção de que ter mais ou saber mais sobre o universo já não basta. “Mas importa ser mais e colocar-se em relação com a alteridade, também com o Absoluto”¹²³. Entretanto, isso não quer dizer que esteja ocorrendo uma volta às grandes religiões. Ao contrário, há contra elas, especialmente sobre o Cristianismo, uma desconfiança¹²⁴.

Nem tudo é negativo no retrato da sociedade ocidental contemporânea. Vive-se, efetivamente, uma nova explosão de procura espiritual. Talvez em reação à cultura dominante iniciada nos anos 60 e 70 do século passado, em grande parte dominada pelo racionalismo - quer do tipo liberal progressista, quer do tipo marxista - amplas camadas da população foram

¹²¹ Cf. EG, n. 6.

¹²² COMBLIN, José. *A força da Palavra*: no princípio havia a Palavra, p. 204.

¹²³ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa*: a novas perguntas, novas respostas, pp. 20-21.

¹²⁴ DIOCESE DE OSASCO. *O fenômeno religioso*: ser católico no meio do pluralismo religioso – (Cadernos Catequéticos, n. 7), p. 9.

agora lançadas ao longo das últimas duas décadas (anos 80 e 90) do mesmo século XX a uma busca pelo espiritual¹²⁵.

Fala-se de "a vingança de Deus" e "o retorno da religião", que o secularismo havia profetizado em franco declínio. Encontra-se disponível para qualquer cidadão e cidadã do Ocidente um supermercado real das religiões e de várias práticas espirituais. De fato, essa prática parece ser uma ocorrência diária em nossas sociedades abertas e livres, como resultado da globalização, devido na maior parte pela grande mídia, e também, do resultado do aumento da emigração do Sul e do Leste, das instalações de turismo - especialmente do hemisfério Norte - da interculturalidade e da presença simultânea de convicções e de manifestações religiosas diferentes¹²⁶.

Quando um cidadão ocidental sente vibrar dentro de si uma inquietação espiritual, agora, ao contrário de décadas passadas, não há mais apenas o Deus de Jesus Cristo como a única referência religiosa, mas essa referência coexiste com várias outras ofertas religiosas. Por isso, é justo fazer distinção entre as grandes tradições religiosas como o Judaísmo, Islamismo, Cristianismo, Hinduísmo e Budismo, das outras crenças que oferecem um valor diferente, a saber: as correntes *New Age*, grupos heterogêneos de meditação, e outros¹²⁷.

Não obstante, diante de uma variedade de ofertas e seguindo o seu próprio instinto, ocorre que, às vezes, o cidadão autônomo decide “confeccionar” para si uma “nova religião”, selecionando os vários elementos de cada uma das outras religiões existentes¹²⁸, o que se pode denominar de “*sincretismo*”¹²⁹.

Nessa mesma linha de limites confessionais flexíveis das várias tradições religiosas, há outra variante bastante reforçada pelos ensaístas e formadores de opinião que consiste em professar uma disposição aberta para o espiritual ou espiritualidade em geral, mas marcando distância e desconfiança em relação às formas institucionais da religião. Tampouco faltam as tentativas de buscar uma espécie de sabedoria superior como denominador comum a toda experiência religiosa que estaria acima das tradições religiosas concretas com suas características históricas e institucionais¹³⁰.

¹²⁵ Cf. MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio*: El eslabón perdido, p. 16

¹²⁶ Cf. *Ibidem*, p. 16.

¹²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 16.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 16-17.

¹²⁹ Cf. SOARES, Afonso M. Ligorio. *Sincretismo* In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. Nota: *Sincretismo*: Sistema filosófico ou religioso com tendência a fundir elementos de várias doutrinas diferentes. Síntese de duas ou mais culturas de origens diferentes, pp. 901-906.

¹³⁰ Cf. MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio*: El eslabón perdido, p. 17.

É no interior desses desafios que se situa a vida quotidiana do crente, em especial daquele que possui a missão de anunciar o *querigma* no mundo contemporâneo em constante mudança. A Igreja não será fiel à sua missão evangelizadora se não contemplar a realidade desse mundo e não corresponder a este desafio, no seu modo próprio de propor uma ação efetiva, sobretudo, a começar pelos homens e mulheres de boa vontade, os autênticos destinatários e portadores da mensagem do Evangelho, a fim de alcançar os pobres mais pobres espalhados por todo o mundo. Essa reflexão continua com um olhar para a realidade à luz dos documentos da Igreja.

2.2. Olhar a realidade à luz dos Documentos da Igreja

Vive-se hoje um tempo de profundas transformações em todos os campos da sociedade. Tais transformações, queiramos ou não, provocam quebra de paradigmas. Uma determinada visão de mundo tende a se eclipsar e outra a surgir. Não é possível pensar um mundo em que valores e comportamentos permaneçam estáticos. A constituição da teoria da evolução, por exemplo, não permite que se tome a criação do mundo narrada no Gênesis como uma descoberta científica. Bilhões de anos não podem equivaler a sete dias. O modo de olhar para o texto é outro. “Dissolve-se uma concepção do ser humano e de sua relação com o mundo e com Deus (...)”¹³¹. Porém, isso não significa que outra não possa surgir. Se por um lado os avanços tecnológicos contemporâneos nos proporcionaram uma visão mais crítica da realidade, por outro, eles não conseguiram frear o crescimento cada vez maior do número de excluídos, acrescido de uma cultura de morte.

Diante desta realidade, importante será rever, à luz dos Documentos da Igreja Católica, a abordagem dos conteúdos sobre os desafios do mundo hoje ao anúncio do *querigma*, sobretudo para a realidade do ser humano em todos os seus anseios, os quais incluem inevitavelmente “as alegrias e as tristezas”¹³². O trajeto se dará com a abordagem de alguns Documentos Conciliares e Magisteriais, buscando encontrar neles a teologia necessária que fundamente e dê sentido à caminhada da Igreja junto ao “povo de Deus”, lembrando um dos textos mais significativos da *Lumen Gentium*, no seu Capítulo II sobre o povo de Deus: “Cristo estabeleceu este novo pacto, a nova aliança do seu sangue (cf. 1Cor 11,25), formando, dos

¹³¹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA - CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V conferência geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe, n.44.

¹³² GS, n. 1.

judeus e dos gentios, um povo que realizasse a sua própria unidade, não segundo a carne, mas no Espírito, e constituísse o novo povo de Deus (...)”¹³³.

Olhar a realidade significa deparar-se com questões desafiadoras de uma época de mudanças de paradigmas, cujas mudanças, hoje, talvez mais do que em outras épocas, interpelam para que a Igreja tenha uma nova visão de mundo, que ela realize uma nova atividade missionária, possa escutar e buscar novos meios de se comunicar com o mundo através do diálogo respeitoso e “terno” (do latim *tenerum* = de tender, estender-se para, projetar-se)¹³⁴. Nesse contexto, a Igreja é ainda chamada a promover a paz, a justiça, o conhecimento da verdade, a vivência do amor e da solidariedade, perpassando pela esperança e por uma visão positiva do mundo. Hoje, urge que a sua atividade missionária se traduza essencialmente em “Igreja em saída”, sem jamais se distanciar da sua opção evangélica pelos pobres: “Igreja pobre para os pobres”, para assim, anunciar profeticamente o “Reino de Deus”.

2.2.1 Os desafios do mundo de hoje: mudanças de paradigmas

Quais são os desafios do mundo de hoje? Quais realidades marcam profundamente a vida de todas as pessoas? O que é para nós “mundo”? Segundo Houaiss, Dicionário da Língua Portuguesa, mundo (latim = *mundus*) é o conjunto de tudo o que existe; conjunto dos seres humanos considerado em um momento da história ou segundo suas crenças, costumes; Terra; planeta. Para a tradição teológica, mundo tem vários significados, os quais são usados pelo Concílio Vaticano II, onde os padres conciliares “elaboraram conceito complexo logo no início da *Gaudium et Spes* e explicitaram a intenção fundamental de dirigir-se não simplesmente aos cristãos, mas a todos os homens para expor-lhes como ela [a tradição] vê sua presença e atividade no mundo de hoje”¹³⁵. Assim expressa a Constituição Pastoral:

O Concílio tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja, toda a família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do pecado, mas libertado pela cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do Maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização¹³⁶.

¹³³ LG, n. 9.

¹³⁴ ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura*: um “evangelho” a descobrir, p. 29.

¹³⁵ LIBANIO, João Batista. *Mundo*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 647-648.

¹³⁶ GS, n. 2.

Essa Constituição é reconhecida como um dos grandes textos do Concílio Vaticano II, pois ao mesmo tempo em que se apoia na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a complementa na medida em que desenvolve a relação da Igreja com a realidade histórica do mundo contemporâneo¹³⁷. Sem dúvida, afirma o autor: “o principal horizonte da *Gaudium et Spes* era constituído pela modernidade”¹³⁸, deixando bem claro que “a matriz fundamental da Igreja e da respectiva teologia no mundo contemporâneo era precisamente a sua orientação para esse mundo, enquanto espaço e tempo exterior ao contexto interno eclesial”¹³⁹. A Constituição retoma a sadia prática de se pôr à escuta do mundo, reconhecendo que nele a Igreja está mergulhada e age em benefício de sua salvação e de toda a humanidade que precisa ser salva, configurando-se melhor ao Reino de Deus.

Sobretudo, na *Gaudium et Spes* se acentua com mais força o papel do protagonismo dos cristãos na tomada de consciência e na ação efetiva como construtores de um mundo de justiça e de paz. A Constituição segue uma linha de propósito pastoral e renovador, tratando-se de redefinir pastoralmente a missão de todo o conjunto de seus segmentos, não se limitando somente em fazer teologia, mas incluindo as outras áreas de conhecimentos, as outras ciências como a antropologia, a filosofia, a biologia, etc., solicitando-lhes, insistentemente, uma atitude renovadora frente à nova realidade do mundo, cada qual dentro do seu campo de atuação¹⁴⁰. Importante será, por isso, recordar o texto citado no “proêmio” da Constituição, porque ele, ricamente sintetiza a própria missão de toda a Igreja:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por esse motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história¹⁴¹.

A *Gaudium et Spes* expõe sobre o papel da Igreja e a vocação do homem, sobre a dignidade da pessoa humana, bem como a sua missão individual e social para a qual foi chamada a realizar no mundo de hoje. O Concílio faz questão de olhar para algumas

¹³⁷ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Gaudium et Spes*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 395-400.

¹³⁸ DUQUE, João Manuel. *Para o diálogo com a Pós-Modernidade*, p. 5.

¹³⁹ *Ibidem*, 5.

¹⁴⁰ GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Gaudium et Spes*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 395-400.

¹⁴¹ GS, n. 1.

necessidades mais urgentes do nosso tempo que afetam profundamente a humanidade. Entre as muitas questões com as quais hoje os cristãos devem se preocupar – as mais essenciais e urgentes são: “o matrimônio e a família, a cultura humana, a vida econômico-social e política, a comunidade internacional e a paz”¹⁴².

São questões reais e o mundo hodierno, com todos os seus problemas, solicita que a Igreja dirija o seu olhar para a civilização atual, para as necessidades e aspirações dos homens e das mulheres de hoje e para as transformações aceleradas, mudanças de paradigmas e orientações novas que caracterizam o mundo contemporâneo. Que a Igreja de hoje permaneça afastada da posição tradicional conservadora e conformista em relação à realidade até então comum na tradição teológica e espiritual¹⁴³. A *Gaudium et Spes*, em seu propósito maior, procura o diálogo da Igreja com esse mundo, lembrando que a Igreja, ao entrar em contato com a realidade cotidiana, jamais poderá se esquecer da sua missão de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo e comunicar a vida divina aos povos do mundo todo¹⁴⁴.

Nesse mesmo pensamento, também a Exortação *Evangelii Nuntiandi*, do Sumo Pontífice Paulo VI, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, vem nos alertar: “O empenho em anunciar o Evangelho aos homens de nosso tempo, animados pela esperança, mas ao mesmo tempo torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade”¹⁴⁵. O testemunho e a missão que o próprio Jesus dá de si mesmo e que São Lucas registrou no seu Evangelho – “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus” (Lc 4,43) – define, numa única frase, toda a missão de Jesus: “Para isso é que fui enviado” (Lc 4,43)¹⁴⁶.

Conforme a *Evangelii Nuntiandi*, evangelizar é levar a Boa Nova a todas as pessoas do mundo, com fé e ardor, de maneira a transformá-las a partir de dentro. Evangelizar é o centro da missão da Igreja; ela existe para evangelizar; ela é a continuadora da missão de Jesus. Portanto, evangelizar consiste no anúncio de Jesus Cristo, assim como os evangelistas no seu tempo quiseram anunciar e explicar Jesus Cristo. Por sua vez, Jesus também foi evangelizador, Ele veio da parte de Deus e quis participar conosco todos os segredos do Pai, anunciando uma mensagem de libertação¹⁴⁷.

¹⁴² GS, n. 46.

¹⁴³ LIBANIO, João Batista. *Mundo*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 648.

¹⁴⁴ GS, n. 92.

¹⁴⁵ EN, n. 1.

¹⁴⁶ EN, n. 6.

¹⁴⁷ COMBLIN, José. *Evangelizar*, p.5.

Para ilustrar ainda melhor o conceito de evangelização, aludiremos às contribuições de alguns autores. Conforme Vigil, a evangelização de Jesus foi, antes de tudo, o anúncio de uma “Boa Notícia”, uma notícia não como um conceito eclesiástico, mas no sentido de mudança do mundo, mudança da sociedade, o anúncio de uma nova época. Nesse contexto, os destinatários da “Boa Notícia” não foram apenas os frequentadores das pastorais do Templo de Jerusalém ou das Sinagogas, mas os pobres daquela época¹⁴⁸.

Gopegui conceitua o processo da evangelização da seguinte forma: num primeiro momento, a percepção dos critérios da evangelização nasce naturalmente da compreensão da natureza singular ou da configuração do processo da evangelização presentes no Novo Testamento. Num segundo momento, o processo de evangelização se constitui através das celebrações litúrgicas, do serviço da caridade, da partilha de bens com os pobres que se fazem presentes no testemunho da caridade na comunidade e no testemunho total de entregar a vida pelo Evangelho¹⁴⁹. Todo esse processo de evangelização se dá pela fé que é a continuação de uma vida colocada em favor do próximo e não apenas uma transmissão de fórmulas, doutrinas ou leis¹⁵⁰.

Segundo Peláez, os termos verbais associados a “evangelho” e “evangelizar” aparecem no Novo Testamento como: *Keryssein* (anunciar); *Katangellein* (proclamar), *lalein ton logon* (falar, contar a mensagem); *didaskhein* (ensinar), *didakhé* (ensinamento); *didaskalía* (doutrina); *paradidónai* (transmitir); *homologeín* (confessar) e *martyrein* (testemunhar)¹⁵¹.

Para Comblin, evangelizar consta, assim, de três graus: “Evangelizar é anunciar os evangelhos; os evangelhos anunciam Jesus Cristo; Jesus Cristo anuncia o advento do Reino do Pai, que é vida e liberdade para todas as criaturas humanas”¹⁵².

Por fim, a centralidade da evangelização na “*Evangelii Nuntiandi*” está nas pessoas, a quem nós devemos transmitir intacta e viva a Palavra de Deus¹⁵³. Neste mesmo viés, a *Evangelii Nuntiandi* adverte sobre o princípio básico relativo à evangelização e libertação no sentido de que entre evangelização e libertação há um laço de unidade inseparável onde não se compreende os dois termos separadamente, pois juntos significam a expressão atual da unidade entre “Evangelho e cultura humana”; “serviço de Deus e serviço dos homens e mulheres”; “amor a

¹⁴⁸ VIGIL, José Maria. *Evangelização e erradicação da pobreza*. REB, vol. 40, n.158, p.113.

¹⁴⁹ GOPEGUI, Juan Antonio Ruiz de. *A Evangelização: Sua configuração e seus critérios*. REB, v. 38, n.152, p. 633.

¹⁵⁰ VIGIL, José Maria. *Evangelização e erradicação da pobreza*. REB, vol. 40, n.158, p. 116.

¹⁵¹ PELÁEZ, Jesús. *Evangelho*. In: TAMAYO, Juan José (Org). *Novo Dicionário de Teologia*, pp. 207-212.

¹⁵² COMBLIN, José. *Evangelizar*, p. 5.

¹⁵³ EN, n. 57.

Deus e amor ao próximo”¹⁵⁴. Compreender o Evangelho, diz Comblin, é vivê-lo de novo, reinventá-lo a cada situação que surge, recebê-lo como resposta a uma interrogação da vida presente. “O Evangelho é sempre urgente; anuncia uma transformação que nunca deve acabar nesta história, que é nossa”¹⁵⁵. Creio que aí esteja o maior desafio para a Igreja no mundo de hoje.

A Igreja pós conciliar, sob o impulso do Deus que é Espírito e age no mundo, não deve ter medo de sair de si mesma para ir se juntar à ação dos homens e das mulheres de hoje e redescobrir sua origem que procede de Deus, sendo assim, instrumento disponível e fiel do Evangelho de Jesus Cristo. Sem dúvida, tocado pelo Espírito Santo, o Papa Francisco através da *Evangelii Gaudium* deseja que “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”¹⁵⁶. O documento fala sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, lembrando que “é com Jesus Cristo que renasce, sem cessar, a alegria”. Logo no início dessa Exortação, o Papa se dirige aos fiéis cristãos e os convida a fazer parte de uma nova etapa evangelizadora, marcada por esta alegria, e indica caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos¹⁵⁷.

O Papa Francisco direciona as atividades da Igreja a um caminho pastoral semelhante ao proposto no Documento de Aparecida. Na Exortação, o Papa convida todo cristão a renovar o seu encontro pessoal com Cristo ou, então, que se deixe encontrar por Ele, buscando-O sem cessar. “Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada”¹⁵⁸.

O Papa propõe uma Igreja “em saída”, quando o pastor vai ao encontro das suas ovelhas, imitando as atitudes do Bom Pastor. A Igreja deve recuperar sua característica missionária ao exemplo das primeiras comunidades cristãs conforme relatadas em Atos dos Apóstolos (At 1,12-14). As paróquias devem ser “a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”¹⁵⁹. O Papa prossegue falando a respeito dos desafios do mundo atual, entre eles os sociais, culturais e econômicos. Destaca que o fiel envolvido no trabalho pastoral deve ter uma característica otimista com uma visão de comunidade, alguém que desfavoreça ou erradique a guerra interna na comunidade e/ou entre os cristãos, e que saiba dizer não ao individualismo¹⁶⁰.

¹⁵⁴ EN, n. 31.

¹⁵⁵ COMBLIN, José. *Evangelizar*, p. 10.

¹⁵⁶ EG, n.1.

¹⁵⁷ EG, n.1.

¹⁵⁸ EG, n. 3.

¹⁵⁹ EG, n.28

¹⁶⁰ Cf. EG, cap. II.

Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo. Assim, o Papa Francisco quer lembrar à Igreja de hoje que o seu desafio se concentra em ter presente a dimensão social da evangelização, da fidelidade à Boa Nova transmitida e da opção preferencial pelos pobres, uma característica presente nos evangelhos. A Igreja deve ainda atentar para as questões referentes ao diálogo pela construção da paz¹⁶¹.

2.2.2. A atividade missionária da Igreja no mundo contemporâneo

O Decreto *Ad Gentes*, segundo Edênio, “apesar de seus limites, representa um passo formidável na evolução da Missiologia do século XX”¹⁶². Esse documento levou a Igreja a se situar e a entender que ela só poderá ser a “Igreja do Evangelho de Jesus na medida em que se fizer um sinal salvífico-sacramental do desígnio divino de salvação, encarnado no contexto histórico de cada povo e de cada cultura”¹⁶³.

No Decreto, sobre a atividade missionária da Igreja, está a seguinte afirmação: “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”¹⁶⁴. De maneira clara, encontra-se, neste texto, a origem, o propósito, bem como o dinamismo e a orientação da missão da Igreja. Esta compreensão da missão da Igreja consiste em que ela seja um instrumento eficaz do mandato que o próprio Jesus assim a convocou: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura”! (Mc 16,15).

Relevante dizer que o documento *Ad Gentes*, fruto do Concílio Vaticano II, reconhece a importância da presença ativa dos leigos na missão da Igreja. Propõe a essa mesma Igreja dispensar seus esforços no sentido de formar um laicato cristão amadurecido para atuar como Povo de Deus nos diversos segmentos da vida social, cumprindo sua principal tarefa de testemunhar o Cristo Jesus. Sem a presença ativa dos leigos, diz o documento, “O Evangelho não pode gravar-se profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho de um povo. Por isso, é necessário desde a fundação da Igreja prestar grande atenção à formação dum laicato cristão amadurecido”¹⁶⁵.

¹⁶¹ Cf. EG, cap. IV.

¹⁶² VALLE, João Edênio dos R. *Ad Gentes: Sobre a atividade Missionária da Igreja*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 7-8.

¹⁶³ *Ibidem*, pp. 7-8.

¹⁶⁴ AG, n. 2.

¹⁶⁵ AG, n. 21.

O Decreto *Ad Gentes*, trata ainda dos missionários, cuja vocação é especial: devem desenvolver uma verdadeira espiritualidade missionária de modo que, iluminados e guiados pelo Espírito, se disponham a entregar-se completamente à obra do Evangelho¹⁶⁶. O documento finaliza mostrando que é preciso uma cooperação de todos na tarefa missionária:

Dado que a Igreja é toda ela missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus, este sagrado Concílio exorta todos a uma profunda renovação interior, para que tomem viva consciência das próprias responsabilidades na difusão do Evangelho e assumam a parte que lhes compete na obra missionária junto dos gentios (AG 35).

A obra missionária em si é urgente nos dias atuais. Há, certamente, muitos homens e mulheres que ainda não conhecem o Evangelho ou mal ouviram falar dele. A atividade missionária produz frutos ao passar por etapas próprias: primeiro a adesão a Jesus Cristo, que é a conversão inicial, depois, ao longo de uma caminhada, precisa desenvolver-se a um tempo de catecumenato. Como fruto da ação missionária há também o surgimento de novas comunidades cristãs, cujos membros, renascidos pelo Batismo, integram o único Povo de Deus e participam das funções sacerdotal, profética e real de Cristo¹⁶⁷.

No entanto, para essa missão a Igreja deve respeitar a liberdade religiosa de cada um e de cada uma, sem jamais fazer proselitismo, ser agressiva ou coagir a liberdade humana, conforme fica claro no Decreto. É dever da Igreja anunciar o Evangelho a todos os homens e mulheres, cumprindo o mandato de seu Fundador, para que “a Palavra de Deus corra e seja glorificada” (2Ts 3,1), e o Reino de Deus seja por toda a terra anunciado e instaurado¹⁶⁸.

Pensando ainda nos desafios enfrentados pela evangelização no Continente Americano em contexto contemporâneo, onde se vive num mundo secularizado; numa sociedade marcadamente desigual e excludente; num relativismo moral e ético; numa subjetividade e ausência de Deus, a Assembleia Geral dos Bispos da América Latina e do Caribe, realizada em Aparecida, pediu à Igreja, peregrina nessa parte do mundo em estado permanente de missão¹⁶⁹, que formasse “discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, sob o lema bíblico: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6)¹⁷⁰.

No texto do Documento de Aparecida encontram-se muitos aspectos importantes para a compreensão e realização da missão da Igreja na América Latina e no Caribe. Dentre esses

¹⁶⁶ AG, n. 23.

¹⁶⁷ Cf. AG, n. 6

¹⁶⁸ VALLE, João Edênio dos R. *Ad Gentes: Sobre a atividade Missionária da Igreja*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 7-8.

¹⁶⁹ AG, n. 2.

¹⁷⁰ DAp., n. 101.

aspectos está o lugar teológico da prática missionária de Jesus. Jesus realiza a sua missão como pobre e no “lugar do pobre”. Por isso, mais uma vez cito Comblin, “o Evangelho é permanente e há de ser proclamado sempre de novo: o movimento há de renascer constantemente”¹⁷¹, por meio de uma Igreja viva, sensível à situação socioeconômica de seu povo, firmada na opção preferencial pelos pobres e excluídos¹⁷². Só assim a Igreja poderá restituir ao Evangelho todo o seu vigor e credibilidade, para que em Jesus Cristo nossos povos, de fato, tenham vida, e vida em abundância! (Cf. Jo 10,10). Com esse documento, os Bispos procuraram impulsionar a Igreja para a renovação de sua ação no mundo de hoje, assim como traçar linhas que dessem continuidade à nova evangelização, ao chamar todos os cristãos para viverem a alegria de serem discípulos missionários de Jesus Cristo.

Por isso, a Conferência Episcopal Latino-Americana, através das Comissões Episcopais de Catequese, elaborou um subsídio de formação contendo os elementos centrais da Iniciação à Vida Cristã em mudança de época. O documento é recente (junho de 2015), e sua primeira edição foi publicada no Brasil pela CNBB em 2017. Esse subsídio “*A alegria de iniciar discípulos missionários numa mudança de época. Novas perspectivas para a catequese na América Latina e Caribe*” pode ser considerado um presente de toda a equipe do CELAM para os catequistas em especial¹⁷³.

O livro abandona os modelos tradicionalistas, intelectualistas e sacramentalistas de catequese e propõe um novo paradigma de uma catequese de espírito missionário, experiencial e catecumenal nessa mudança de época. Segue o clássico método Ver-Julgar-Agir, porém, revestido com novas e significativas palavras: Contemplar-Discernir-Propor, cujas palavras, segundo Lima, “trazem novo frescor ao velho esquema”¹⁷⁴.

Os elementos pontuais do texto estão distribuídos em três breves capítulos, numa linguagem simples e de fácil compreensão para os catequistas em geral. Mas nem por isso o texto deixa de ser denso e provocativo, com um conteúdo carregado de ensinamentos, propondo um verdadeiro retorno aos processos de iniciação cristã.

Em primeiro lugar deseja: “Contemplar: um olhar de fé sobre nosso tempo” para resgatar todo o caminho pós-conciliar percorrido pela catequese na América Latina e no Caribe. Com esse olhar, assegura-se preservar as raízes vitais desse Continente para transmiti-las às futuras gerações. Verificam-se nos tempos atuais “mudanças rápidas em todas as dimensões da

¹⁷¹ COMBLIN, Jose. *Evangelizar*, p. 10.

¹⁷² DAp., n. 392.

¹⁷³ ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*, p. 215.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 216.

atividade humana”¹⁷⁵. O afastamento das pessoas de Deus; a família em fase de modificação; o institucional sofrendo rupturas e nossa identidade sendo posta em xeque. A catequese também passa por novos desafios: ausência da família, descuido na formação do catequista, catequese centrada no subsídio doutrinal e sacramental¹⁷⁶.

Qual o caminho de superação dessas insatisfações? O subsídio propõe que as Igrejas particulares e as paróquias gerem processos de conversão pessoal, pastoral e missionária e solicita que a catequese, por sua vez, desenvolva formas personalizadas de acompanhar o caminho de fé do discípulo missionário¹⁷⁷.

No segundo momento quer: “Discernir: Alguns critérios de iluminação” destacando-se quatro importantes pontos, que são: Primeiro: Novo paradigma da Catequese, “que consiste em conceber a catequese como um verdadeiro processo de iniciação à vida cristã”¹⁷⁸. Segundo: A Catequese, momento no itinerário da formação dos alegres discípulos missionários. “Esta ação, fruto da missão, requer um caminho de formação gradual e progressivo (...) que acompanhe o convertido à maturidade da fé (...)”¹⁷⁹. Terceiro: A formação para o ministério da Catequese no novo paradigma. O novo paradigma da catequese requer um novo catequista, e uma nova formação permanente¹⁸⁰. Quarto e último ponto: A comunidade cristã, lugar e meta para a Catequese. “A comunidade é o espaço para integrar a fé e a vida. É a casa aconchegante e calorosa de vivência da fé”, especialmente para a catequese¹⁸¹.

No terceiro momento o Documento fala em: “Propor: Novos horizontes para a Catequese”. A conversão pastoral gera uma mudança de mentalidade, de novas atitudes, significados, métodos e estruturas. Propõem-se novos horizontes para que a catequese promova a conversão pastoral em quatro formulações, sendo a primeira: a mudança de uma Igreja de cristandade para uma comunidade catequizadora em saída missionária e disposta à conversão pastoral. Segunda: a passagem de uma catequese intelectualista para uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã. Terceira: esvaziar-se de uma catequese centrada na criança para optar pela catequese de iniciação à vida cristã prioritariamente com adultos¹⁸². Quarta: zelar pelo

¹⁷⁵ CELAM. *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*, n. 15.

¹⁷⁶ *Ibidem*, n. 16.

¹⁷⁷ *Ibidem*, n. 35-36.

¹⁷⁸ *Ibidem*, n. 38.

¹⁷⁹ CELAM. *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*, n. 76.

¹⁸⁰ *Ibidem*, n. 82.

¹⁸¹ CELAM. *A Alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*, n. 97.

¹⁸² NOTA: Sendo esta pesquisa voltada para a catequese de crianças, adolescentes e jovens, embora o Documento do CELAM tenha proposto na terceira formulação do seu terceiro capítulo: a opção por uma catequese de iniciação à vida cristã prioritariamente com adultos, entende-se – de acordo com o próprio documento em seu n. 135 – que “a catequese cristã dos adultos seja o ponto de partida e modelo para todas as outras formas de catequese, adequando-a às crianças, adolescentes e jovens”. Ou seja, essa proposta de catequese prioritariamente com adultos

ministério de catequista, ou seja, formar catequistas com testemunho de vida, bons comunicadores, acompanhantes e mistagogos¹⁸³.

Esse mesmo assunto encontra-se ainda no novo e recente Documento da Igreja lançado pela CNBB na 55ª Assembleia Geral realizada em Aparecida/SP, de 26 de abril a 05 de maio de 2017, com o título: “Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários”. Propõe consolidar a iniciação onde o processo existe e motivar as dioceses onde o processo não existe. Oficialmente é o caminho da Igreja no Brasil que vai alavancar a renovação paroquial. A inspiração catecumenal não é meramente um novo método, mas é uma mística, um modo de ser e é o elemento central da iniciação à vida cristã¹⁸⁴.

O Documento inicia-se apresentando “Um ícone bíblico: Jesus e a Samaritana”, faz uma reflexão sobre o encontro de Jesus com a Samaritana e convida o leitor, a leitora a contemplar esse encontro transformador que “ilumina as nossas reflexões sobre a Iniciação à Vida Cristã, animando-nos a dar novos passos no caminho de nossa ação evangelizadora”¹⁸⁵.

Segue apresentando-nos como “Aprender da história e da realidade: Ver”, descreve o processo de Iniciação à Vida Cristã ao longo da história e apresenta o caminho já percorrido através da publicação de vários documentos importantes sobre a temática. Diante do momento de crise em que vivemos neste mundo em constante mudança, os Bispos do Brasil insistem na urgência de um novo processo de Iniciação à Vida Cristã. Destacam com um olhar pastoral os aspectos da realidade que desafiam o anúncio do evangelho. No final, propõem um caminho a ser percorrido nesse tempo de conversão pastoral que nos pede gestação permanente, sem nos apegarmos a um único modelo. Apresentam a inspiração catecumenal como uma dinâmica, uma pedagogia, um itinerário mistagógico para a transmissão da fé¹⁸⁶.

Continuando sua reflexão, “Discernir como Igreja: Iluminar” pode ser considerado o “coração” do Documento, pois ele começa lembrando que a Iniciação à Vida Cristã é a articuladora das urgências da ação evangelizadora. Prossegue com uma ampla reflexão sobre a Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal, ajudando-nos a entender cada passo desse processo: Iniciação, mergulho pessoal no mistério de Deus; Iniciação à vida cristã, mergulho no mistério de Cristo; Dimensões teológicas da Iniciação à Vida Cristã¹⁸⁷. Apresenta ainda o

não se fecha em si mesma, mas se expande em todas as fases da vida cristã, desde a infância até a vida adulta. A Igreja de hoje necessita urgentemente se preocupar com uma catequese de iniciação à vida cristã com adultos para suprir a carência de catequista existente nas dioceses, paróquias e comunidades. Conferir também o DGC, n. 171.

¹⁸³ ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*, p. 234.

¹⁸⁴ CELAM. *A Alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*, n. 41-42.

¹⁸⁵ CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, n.11.

¹⁸⁶ *Ibidem*, n. 39 a 61.

¹⁸⁷ *Ibidem*, n. 77 a 104.

sujeito indispensável à Iniciação à Vida Cristã que é a comunidade cristã, abordando a “imersão no mistério de Cristo, mediante a Igreja”, enquanto comunidade querigmática, missionária, mistagógica e materna¹⁸⁸. Na sequência, descreve o processo de inspiração exposto no RICA (Ritual da Iniciação Cristã de Adultos). Faz uma reflexão sobre os sacramentos da Iniciação à Vida Cristã e afirma que a vivência cristã é fruto da iniciação.

Nas suas orientações sobre “Propondo caminhos: Agir”, apresenta propostas para um Projeto Diocesano de Iniciação à Vida Cristã para formar discípulos missionários. Faz indicações para cada tempo de um processo de inspiração catecumenal: Querigma, Catecumenato, Purificação e Iluminação, Mistagogia. Insiste que o processo precisa de acompanhamento e formação dos agentes da Iniciação à Vida Cristã, acentuando a centralidade da Palavra de Deus nesse processo formativo. Trata ainda das instâncias formativas e dos sujeitos da Iniciação à Vida Cristã, destacando que a mesma não é tarefa específica da catequese, mas envolve a comunidade, a família, a liturgia, entre outros¹⁸⁹.

Por fim, os bispos dizem ser urgente construir uma Igreja como casa da Iniciação à Vida Cristã. Para que isso aconteça, é preciso: formação continuada da comunidade, dos ministros ordenados e dos catequistas; compreensão da importância da Iniciação à Vida Cristã (IVC) na ação evangelizadora; valorização da dimensão litúrgica; pastoral de conjunto e projetos pastorais; promoção da unidade dos sacramentos na IVC e articulação entre o processo de IVC e missão da comunidade eclesial¹⁹⁰.

A Igreja existe para evangelizar, por isso, ela anuncia Jesus Cristo por palavras e ações que enchem nossos corações e nos impelem igualmente a evangelizar. Jesus atrai a si os homens e as mulheres de cada geração, convocando a Igreja a anunciar o Evangelho com um mandato que é sempre novo. Hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor de uma nova evangelização, para redescobrir a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé¹⁹¹.

2.2.3. A colegialidade Episcopal

A colegialidade, tema já tratado pelo Concílio Vaticano I, é reconhecido como um tema importante, e, portanto, retomado com ênfase e grande insistência pelo Vaticano II. Em

¹⁸⁸ CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, n. 105 a 115.

¹⁸⁹ Cf. CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, n. 137 a 243.

¹⁹⁰ Cf. *Ibidem*, n. 144 a 250.

¹⁹¹ CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, n.1.

suas amplas e cerradas exposições nas sessões conciliares, o tema passa a integrar no terceiro capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Por isso, a *Lumen Gentium*, não por acaso, é reconhecida como um dos grandes textos do Concílio, ao lembrar e afirmar a importância da colegialidade episcopal. Assim, analisa Josaphat: “No Capítulo III da *Lumen Gentium*, o Concílio afina suas opções e posições cristológicas e eclesiológicas, proclamando a referência de dependência imediata do colégio episcopal em relação a Cristo (...)”¹⁹².

O Vaticano II, seguindo estritamente os passos do Concílio Vaticano I, ensina-nos e declara que Jesus Cristo, Pastor eterno, edificou a Igreja enviando os Apóstolos, assim como Ele fora enviado pelo Pai (cf. Jo 20,21) e quis que os Bispos, sucessores dos Apóstolos, fossem, até o fim dos tempos, pastores na sua Igreja, colocando Pedro à frente dos outros Apóstolos para instituir nele o princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade de fé e comunhão: “Assim como, por disposição do Senhor, São Pedro e os demais Apóstolos formam um Colégio apostólico, de um modo proporcional se unem entre si o Romano Pontífice, sucessor de Pedro e os Bispos, sucessores dos Apóstolos”¹⁹³.

No Capítulo III da *Lumen Gentium*, O Vaticano II dá à colegialidade uma fundamentação cristológica, sendo esta “a forma atual do colégio apostólico ao qual Cristo confia a continuidade de sua própria missão”¹⁹⁴. Mas essa primeira fundamentação da colegialidade, ainda no Capítulo III da Constituição, vem completada no documento com o título “O episcopado como sacramento”. Pela consagração episcopal, é conferida a plenitude do sacramento da Ordem, ou seja, esse sacramento constitui o bispo ministro na Igreja, consagrando-o para que seja e tenha consciência do que lhe é conferido: “o cuidado com toda a Igreja”, sendo, portanto, “portador de uma vocação de amor universal”¹⁹⁵.

Esse paradigma teológico da colegialidade, constante no Capítulo III da *Lumen Gentium*, vai se desdobrar em suas aplicações pastorais no Capítulo I do Decreto *Christus Dominus*. Este Decreto explica a participação de todos os bispos na responsabilidade da Igreja universal, explicitando um problema de importância fundamental que é o exercício do poder do Colégio Episcopal e assim esclarece: “Os Bispos, em virtude da sua consagração sacramental e pela comunhão hierárquica com a cabeça e os membros do colégio, são constituídos membros do corpo episcopal (...)”¹⁹⁶.

¹⁹² JOSAPHAT, Carlos. *Colegialidade*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 149.

¹⁹³ LG, n. 22, §1.

¹⁹⁴ JOSAPHAT, Carlos. *Colegialidade*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 150.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 150.

¹⁹⁶ CD, n. 4.

Segundo Josaphat, a *Lumen Gentium* e a *Christus Dominus*, são os dois documentos “especialmente consagrados à exposição e explicação da colegialidade, começam precisamente por abordar amplamente a missão dos bispos sobre toda a Igreja (...)”¹⁹⁷, cuja missão se exalta como primeiro fruto da graça sacramental da ordenação episcopal e da dócil ação do Espírito de amor e santidade¹⁹⁸. O Concílio Vaticano II – apesar dos debates cerrados desde as primeiras discussões nas sessões conciliares, sobre o complexo e delicado problema da colegialidade – dotado de grande anseio de inovação e de criatividade, se mostra acolhedor à realidade atual da Igreja e decidido a realizar as necessárias e urgentes mudanças no interior da própria Igreja. Propõe, portanto, uma visão doutrinal e uma série de orientações sobre a colegialidade para que a Igreja possa cumprir sua missão apostólica nos dias de hoje¹⁹⁹.

2.2.4. Os meios de comunicação social da Igreja

O segundo documento do Concílio Vaticano II a ser promulgado pelo Papa Paulo VI foi o Decreto *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social. A expressão latina "*inter mirifica*" poderia ser traduzida como "dentre as maravilhas" e refere-se às grandes conquistas técnicas que o homem tem alcançado nas últimas décadas. Sua promulgação foi feita juntamente com a Constituição *Sacrossanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, no final da II Sessão Conciliar, em 4 de dezembro de 1963²⁰⁰.

Nos dois primeiros números do Decreto, logo na introdução, o Concílio justifica por que trata desse tema. Considerando que o Pai, criador de todas as coisas, possibilitou às criaturas humanas extrair das coisas criadas maravilhosos inventos. Dentre eles, as ferramentas desenvolvidas para abrirem caminhos a uma eficaz comunicação entre toda a sociedade humana, desde a criação da tipografia pelo alemão Johannes Gutenberg, no século XV, até os meios atuais de comunicação social, como a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão, e outros²⁰¹.

No número dois, resumidamente, se lê: a Igreja, como mãe, sabe que estes meios, se usados corretamente, prestam um enorme serviço ao gênero humano, dão eminente contribuição para o lazer e o cultivo dos espíritos e ajudam a propagar e tornar mais consistente

¹⁹⁷ JOSAPHAT, Carlos. *Colegialidade*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 150.

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 150.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 152.

²⁰⁰ PUNTEL, Joana T. *Inter Mirifica*: Sobre a Comunicação social. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 480-481.

²⁰¹ IM, n. 1.

o Reino de Deus. Mas a Igreja sabe também que estes mesmos meios podem ser usados contra os propósitos do Criador e contribuir para a degradação dos seres humanos²⁰².

A Igreja sofre ao constatar que os males que afligem a sociedade em que vivemos, muitas vezes, são decorrência do mau uso desses meios. Assim, o Capítulo I do Documento versa sobre normas para o correto uso dos meios de comunicação social. Especificamente no número três do Decreto há uma afirmação importante sobre “o direito natural que a Igreja tem de usar os meios e de ensinar a sua reta utilização”²⁰³. Certamente, a grande contribuição do *Inter Mirifica* foi sua assertiva sobre “o direito de informação” quando diz:

Existe, pois, no seio da sociedade humana, o direito à informação sobre aquelas coisas que convêm aos homens, segundo as circunstâncias de cada um, tanto particularmente como constituídos em sociedade. No entanto, o uso reto deste direito exige que a informação seja sempre objetivamente verdadeira e, salvas a justiça e a caridade, íntegra. Quanto ao modo, tem de ser, além disso, honesto e conveniente, isto é, que respeite as leis morais do homem, os seus legítimos direitos e dignidade, tanto na obtenção da notícia como na sua divulgação. Na verdade, nem toda a ciência aproveita, “mas a caridade é construtiva” (1 Cor. 8,1) (IM, n. 5).

O Documento, no seu segundo capítulo traçará importante relação desses meios com a pastoral, com o apostolado da Igreja. Incentiva todos os católicos para a promoção da doutrina e princípios católicos, ao mesmo tempo solicita-lhes que divulguem e desenvolvam adequadamente os acontecimentos relacionados com a vida da Igreja. Para tanto, “hão de formar-se oportunamente sacerdotes, religiosos e também leigos, que possuam a devida perícia nestes meios e possam dirigi-los para os fins do apostolado”²⁰⁴.

A “Conclusão” fecha o Decreto com a exortação aos filhos e filhas da Igreja para que coloquem em prática aquelas disposições²⁰⁵. Assim, torna-se verdadeiramente importante recordar este Documento, especialmente no momento em que vivemos envoltos em uma poderosa revolução nas comunicações sociais, com a exploração e a popularização do “mundo digital”. O próprio Papa Bento XVI, no Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 16 de maio de 2010, convidou os sacerdotes do mundo inteiro a se tornarem cidadãos digitais, pastores também no mundo digital²⁰⁶.

²⁰² IM, n. 2.

²⁰³ PUNTEL, Joana T. *Inter Mirifica: Sobre a Comunicação social. Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 483-484.

²⁰⁴ IM, n. 15.

²⁰⁵ IM, n. 24.

²⁰⁶ Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html> Acesso em 27/dezembro/2017, às 16:35h.

Ao longo das últimas décadas, a Igreja no Brasil também vem refletindo sobre a ação evangelizadora como prática de comunicação. Testemunho disso são a vivência e o exercício da comunicação na vida das comunidades, nas ações pastorais dos organismos especializados e nos documentos produzidos: Comunicação para a Verdade e Paz (Campanha da Fraternidade - 1989), Comunicação e Igreja no Brasil (1994), Comunicação rumo ao novo milênio: conclusões e compromissos (1997)²⁰⁷.

O mais recente texto sobre o assunto é o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil – Documentos n. 99, que foi aprovado no dia 13 de março de 2014, por ocasião da 83ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente da CNBB e tem como objetivo motivar a Igreja a atualizar e aprofundar os conhecimentos e referências – tanto de seus pastores quanto de seus fiéis – sobre a natureza e a importância da comunicação para a vida da comunidade eclesial, nos processos de evangelização e no diálogo com a sociedade, observando as mudanças pelas quais o mundo vem passando, especialmente pelo avanço acelerado das tecnologias²⁰⁸.

O Documento, composto por dez capítulos quer motivar a Igreja a ampliar suas relações com a comunidade humana, visando uma "cultura do encontro", como foi proposto pelo Papa Francisco em um de seus Discursos durante a Jornada Mundial da Juventude, realizada no Brasil (Rio de Janeiro) em 2013. Um caminho já apontado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, através do Decreto *Inter Mirifica*²⁰⁹, aqui já citado.

Esse Diretório destina-se - mas não só a eles - aos responsáveis pela formulação e pela condução das práticas de comunicação nos diferentes âmbitos da vida eclesial e nas relações da Igreja com a sociedade. O conteúdo dos diferentes capítulos serve como base para a formação de sacerdotes, religiosos e leigos que através de uma linguagem simples e apropriada, possa fortalecer a Pastoral da Comunicação em todos os seus níveis e projetos²¹⁰.

O Diretório chega no momento em que a Igreja é interpelada pelas mudanças trazidas à sociedade contemporânea pela revolução digital, tema já tratado com vigor pelo então Papa Bento XVI, em suas mensagens por ocasião do “Dia Mundial das Comunicações Sociais” (2006-2013)²¹¹. A comunicação é entendida como um processo social a serviço das relações humanas, favorecendo a comunhão e a cooperação entre as pessoas. Tanto os tradicionais meios

²⁰⁷ CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, n. 2.

²⁰⁸ *Ibidem*, n. 3.

²⁰⁹ *Ibidem*, n. 4.

²¹⁰ *Ibidem*, n. 5.

²¹¹ Disponível <<https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications.index.html>> Acesso em 11/03/18, às 21:24h.

de comunicação social quanto as novidades trazidas pelo mundo da internet devem promover uma cultura de respeito, de diálogo e de amizade²¹².

Atenção especial merecem os processos comunicativos que envolvam as crianças e os jovens como membros ativos da sociedade e da Igreja. É importante adotar procedimentos *educativos* que favoreçam às novas gerações uma aproximação dos meios e recursos da informação a partir de uma perspectiva crítica, construtiva, autoral e cristã. Por isso, a comunicação que emerge das comunidades necessita ganhar reconhecimento por parte dos pastores²¹³.

O Diretório entende a Pastoral da Comunicação como um processo dinâmico, dialógico, interativo e multidirecional. Os frutos serão colhidos com o tempo e com a ajuda de toda a Igreja. Todas as dioceses, paróquias, pastorais, movimentos e mídias católicas podem ter o Diretório e estudá-lo e, a partir de seus dez capítulos confrontar suas proposições com a realidade local e definir os tipos de intervenções necessárias para solucionar as questões levantadas conforme a realidade de cada segmento²¹⁴.

Por fim, o Documento oferece uma visão orgânica de como os processos de comunicação e suas tecnologias se fazem presentes no dia a dia da sociedade contemporânea. Igualmente, lança um olhar sobre a Igreja, uma instituição complexa em sua estrutura e em suas múltiplas ações, animadas por um mesmo e grande ideal que é a mística missionária da "Igreja em saída". "O Diretório aspira que todas as pessoas, setores ou organismos vinculados à Igreja não se sintam alheios ao grande plano de comunicação, que se espera ver realizado e plenamente estabelecido em todas as instâncias da vida eclesial"²¹⁵.

Considerações Finais.

Finalizando esse segundo capítulo sobre os desafios do mundo contemporâneo ao anúncio do *querigma*; observando as mudanças sociais, culturas e religiosas desse tempo; acompanhando essas realidades no pensamento de alguns estudiosos contemporâneos e também no pensamento da Igreja à luz dos seus Documentos e a partir dos dados apresentados, vamos nos referir como está sendo ou não feita a relação: Anúncio do *Querigma* – A noção Reino de

²¹² CNBB, *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*, n. 6.

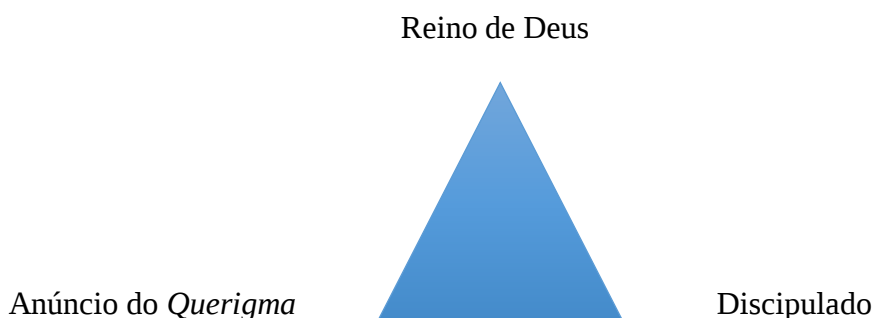
²¹³ *Ibidem*, n. 9.

²¹⁴ *Ibidem*, n.10.

²¹⁵ *Ibidem*, n. 8.

Deus – Formação de um discipulado encarregado de testemunhá-lo (vivências, recursos de aprendizagem, linguagem utilizada).

Ainda que o Reino de Deus seja considerado o elemento central da tríade, o esquema apresentado abaixo nos propõe visualizar em igual importância cada um dos fatores que compõem a totalidade e a eficácia da evangelização, cuja relação há de ser sempre estreita. Nenhum discipulado conseguirá anunciar o *querigma* – a mensagem central da nossa fé: a salvação em Cristo aos homens e mulheres que vivem num determinado contexto cultural, social, religioso e político – sem que o *querigma* seja proclamado a partir da experiência do encontro com Jesus Cristo que nos revelou o Pai e o seu Reino de amor. No que se refere à estrutura de base da evangelização, o modelo pode ser assim esquematizado:



Ao realizarmos uma breve releitura dos Documentos da Igreja, ficou patente – pelos relatos apresentados em cada um deles – sobretudo a partir da exortação *Evangelii Nuntiandi*, que a missão da Igreja de evangelizar todos os povos do mundo atual está bastante concentrada na pregação do Reino de Deus por Jesus, através do qual Deus se manifestou plenamente, sobretudo na paixão, morte e ressurreição de Cristo, pois o caminho do Reino passa pela cruz. A ressurreição de Jesus é o sinal visível, a prova cabal de que o Reino de Deus já está no meio de nós como luz que orienta o nosso caminho. Por isso, após a ascensão do Senhor, os apóstolos compreenderam que a missão de cada um deles seria a de renovar a história e a humanidade através do discipulado de Jesus. Assim também os cristãos de hoje devem ter presente esse mandato missionário de Jesus Cristo (Mc 16,19-20; Mt 28,19-20), a fim de que as propostas do Evangelho sejam respostas existenciais e não mero sistema ético-moral e que o anúncio do *querigma* provoque uma verdadeira conversão (*shûb*, *metanoia*), primeiramente em cada pregador para em seguida se estender a todos os outros destinatários.

O Reino de Deus perpassa toda a Sagrada Escritura. Os quatro evangelistas anunciaram o Reino de Deus; Paulo também conhecia essa expressão. Mas o que é o Reino de Deus anunciado por Jesus? Qual foi o significado que Jesus lhe deu? Jesus está na fonte dos diversos significados que só poderemos conhecer através dos evangelistas que relataram as orientações dos apóstolos, deixando-nos o suficiente para sermos capazes de descobrir hoje, na nossa vida o alcance do Evangelho de Jesus Cristo.

No entanto, resta-nos ainda uma pergunta: Como a noção Reino de Deus, elemento central da tríade apresentada, é entendida em nossas comunidades e, quais os recursos didáticos e pedagógicos são utilizados para melhor compreendê-la e vivenciá-la?

Para uma investigação mais rigorosa que vise responder essas questões, lançaremos mão de um breve levantamento de dados documentais e de uma pesquisa de campo realizada através de um questionário (pesquisa qualitativa). Os dados relatados terão como amostragem quatro comunidades da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes do Parque Industrial, pertencente a Diocese de São José dos Campos-SP, os quais estarão contidos no terceiro capítulo dessa pesquisa a seguir.

* * *

CAPÍTULO 3

A RELAÇÃO ENTRE CATEQUESE, ANÚNCIO E A NOÇÃO DO REINO DE DEUS

Introdução

Propor o Evangelho a todas as gentes é a primeira tarefa da Igreja. Anunciar a Boa Nova é garantir que o Reino de Deus se faz presente em nosso meio, porque foi o próprio Jesus quem nos deu a conhecê-lo, revelando-nos Deus Pai que é a origem e o destino de toda a criatura. Hoje, mais do que nunca, a Igreja – pela ação do Espírito invisível que habita em cada um de seus membros – vai se comprometendo a cumprir a sua missão de anunciar o Evangelho como Boa-Notícia não somente para a vida humana, mas também para toda forma de vida, assim como diz São Paulo:

A criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente (Rm 8,20-22).

O Diretório Nacional de Catequese por sua vez afirma: “O centro do *primeiro anúncio* (*querigma*) é a pessoa de Jesus, proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva com um poder superior àquele que utilizou na criação do mundo”²¹⁶. Por conseguinte, podemos dizer que a comunidade é o lugar da experiência do Divino, pois é na comunidade de fé que encontramos o essencial para a nossa vida: a revelação de Deus. Em suas diversas manifestações, entendemos que a comunidade é a família, grupos diversos, associações, comunidades de base e comunidade eclesial. Esta se apresenta hoje como o lugar por excelência da catequese, onde é possível o aprofundamento da fé no contexto de uma autêntica experiência de fraternidade e de comunicação. Portanto, “a comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo”²¹⁷.

A catequese hoje deve ser primordialmente “catequese a serviço da iniciação cristã”, inserida, portanto, em um processo de aprendizagem da vida cristã e de amadurecimento da fé.

²¹⁶ DNC, n. 30.

²¹⁷ DGC, n. 253-254.

Dentro dessa exigência se destaca a urgência do “primeiro anúncio” do Evangelho em duas opções preferenciais: pelo catecumenato, entendido em sua concepção principal de caminho em direção ao batismo e pelos adultos, que devem ser os primeiros protagonistas e destinatários da ação catequética²¹⁸. São exigências que fazem vislumbrar as radicais transformações pelas quais hoje a catequese é chamada, se quiser responder aos desafios de um mundo profundamente mudado e construir, aqui e agora, o Reino de Deus, sem perder de vista que “Jesus Cristo é o comunicador do Pai, o Caminho, a Verdade e a Vida, modelo inculturado e dialógico da comunicação”²¹⁹.

3.1. Pesquisa de Campo: Percurso metodológico

A pesquisa de campo descrita neste capítulo propõe uma integração dos dados a serem obtidos pela pesquisa bibliográfica, documental e de campo, onde o pesquisador colherá junto aos catequistas de sua paróquia – através de questionário proporcionalmente distribuído – as informações necessárias para análise e conclusões sobre a questão problema levantada em relação aos trabalhos catequéticos nas comunidades observadas.

Sobre os conceitos de pesquisa, são inúmeros os significados, conforme os estudiosos e pesquisadores do assunto. De acordo com o Dicionário Enciclopédico *Veja Larousse*, a pesquisa é uma busca, investigação; recolhimento de dados; conjunto de atividades que buscam novos conhecimentos nos domínios científico, artístico, literário, entre outros²²⁰.

Para Bardin, a pesquisa de campo é uma das etapas da metodologia científica de pesquisa que corresponde à observação, coleta, análise e interpretação de fatos e fenômenos que ocorrem dentro de seus nichos, cenários e ambientes naturais de vivência. É uma etapa importante da pesquisa, pois é responsável por extrair dados e informações diretamente da realidade do objeto de estudo. Ela também define os objetivos e hipóteses da pesquisa, assim como define a melhor forma para coletar os dados necessários, como o uso de entrevistas ou questionários avaliativos, que darão respostas para situações ou problemas abordados na pesquisa²²¹.

²¹⁸ DGC, n. 65-66.

²¹⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Communio et Progressio*, n. 10.

²²⁰ DICIONÁRIO LAROUSSE. Verbete “Pesquisa”, Vol. 18. p. 2034.

²²¹ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*, pp. 125-132.

Segundo José Filho, “O ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”²²².

Para conhecer qualquer fenômeno integrante da realidade catequética, objeto do nosso estudo, considerado em sua complexidade e dinamicidade dialética, faz-se necessário uma aproximação com apoio de técnicas e de instrumentos metodológicos adequados, que permitam uma atitude processual de investigação diante de um ou outro fato desconhecido, de um aspecto da realidade a ser estudada, ou seja, o modo como a noção “Reino de Deus” é transmitida ou vivenciada em nossas comunidades.

A presente pesquisa traz como objeto de estudo a Catequese na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, pertencente à Diocese de São José dos Campos/SP, delimitando, nesse universo, quatro Comunidades (amostragem). Nesse percurso, formular-se-á o problema da pesquisa, através de uma “Pergunta Problema” e a elaboração de um “Questionário” para coleta dos dados. A coleta será realizada diretamente pelo pesquisador junto aos seus pesquisados, ou seja, junto aos catequistas em suas respectivas comunidades paroquiais, visando, dessa forma, a possibilitar a análise e a compreensão dos dados obtidos.

Com base em tais objetivos, optou-se por uma pesquisa qualitativa que possibilita a leitura da realidade, pois, segundo Bardin, a pesquisa qualitativa é um método de investigação científica focada no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo. Com a pesquisa qualitativa, os entrevistados estão mais livres para apontar os seus pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo²²³.

A pesquisa qualitativa seguirá as etapas no desenvolvimento da Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*), de Straus e Glaser²²⁴, comentada por Emilie Raymond²²⁵, cujas etapas mais importantes são: formulação do problema (pergunta); seleção da amostra; coleta de dados; análise dos dados e redação do relatório. Na *Grounded Theory* (teoria fundamentada em dados), segundo Gil, o pesquisador, mediante procedimentos diversos, reúne um volume de dados referentes a determinado fenômeno; após compará-los, codificá-los e extrair suas regularidades,

²²² JOSÉ FILHO, *Pesquisa: contornos no processo educativo*, p. 64.

²²³ BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*, pp. 144-146.

²²⁴ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*, p.143.

²²⁵ La Teorización Aciada (*Grounded Theory*). Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10102307>> Acesso em 29/04/2018.

conclui com teorias que emergem desse processo de análise, tendo-se aí uma teoria fundamentada nos dados²²⁶.

Assim sendo, para nos situarmos, este estudo desenvolverá a seguir um levantamento de dados documentais do campo de investigação, ou seja, da Paróquia onde a pesquisa será realizada, com o propósito de conhecer um pouco da sua história e realidade. Nesse sentido, serão utilizados documentos de domínio público e outros documentos cedidos pela Secretaria Paroquial, com a devida autorização do pároco local.

3.2. Caracterização do campo de investigação

O cenário de investigação é a Paróquia “Nossa Senhora de Lourdes”, da Diocese de São José dos Campos-SP. Por meio das pesquisas documentais e de campo, busca-se ressaltar alguns aspectos mais relevantes da sua história, considerando que, assim, possamos nos situar melhor nesse campo de trabalho. Dessa forma, há de se destacar primeiramente um pouco da história da Diocese de São José dos Campos-SP, para, em seguida, descrever um breve apanhado da história da Paróquia referenciada.

3.2.1. Um pouco da história da Diocese de São José dos Campos-SP.

Diante do extraordinário crescimento demográfico da região de São José dos Campos e de cidades vizinhas, então pertencentes à Igreja Particular de Taubaté, tornando-se cada vez mais difícil a presença qualificada do bispo como pastor junto ao povo, acrescentando-se, ainda, a cada momento, outros desafios pastorais, dom José Antônio do Couto (+1997) – 4º bispo titular da Diocese de Taubaté/SP – não hesitou em fazer as devidas consultas à autoridade da Santa Sé, à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e ao Regional Sul 1 (Arquidiocese de Aparecida), propondo a criação de um novo bispado²²⁷.

Assim, a Diocese de São José dos Campos é criada pelo Papa João Paulo II, em 30 de janeiro de 1981, com a Bula *Qui in Beati Petri*, e intitulada em 1º de maio de 1981. Até o presente momento, teve quatro Bispos Diocesanos: Dom Eusébio Oscar Scheid, SCJ (1981 –

²²⁶ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*, p. 41.

²²⁷ SCHMITT, José Francisco. *A Paróquia do Parque Industrial: 35 anos de história*, p. 76.

1991); Dom Nelson Westrupp, SCJ (1991 – 2003); Dom Moacir Silva (2004 – 2013) e Dom José Valmor Cesar Teixeira, SDB (desde 2014)²²⁸.

Em 2017, a Diocese encontra-se constituída por quarenta e cinco paróquias organizadas em sete Regiões Pastorais. Possui setenta padres diocesanos, cento e doze diáconos permanentes e trinta e cinco seminaristas. Conta ainda com a presença e a atuação pastoral de quatorze Congregações Religiosas: seis masculinas (dezenove padres e dois irmãos) e oito femininas. Há dois bispos eméritos com residência canônica na Diocese²²⁹.

Ao longo de seus trinta e seis anos de existência, foram realizadas na Diocese quatro assembleias diocesanas e um sínodo: Primeira Assembleia de Pastoral (1994), com o objetivo de priorizar a formação permanente dos agentes, a Pastoral Social e a Juventude. A segunda Assembleia (1996) retoma as prioridades da primeira à luz do Projeto de Evangelização Rumo ao Novo Milênio. Passa a ser feita a partir das quatro exigências da evangelização: Testemunho de comunhão eclesial; Anúncio missionário do Evangelho; Diálogo ecumênico e inter-religioso e Serviço e participação na transformação da sociedade pelo bem dos pobres. Na terceira Assembleia, foram eleitas três prioridades para cada comissão: Comissão do Testemunho de comunhão (Juventude, Formação permanente e CEB's); Comissão do Anúncio (Formação, Missões e Comunicação); Comissão do Diálogo (Formação, ação na educação, Interação entre Igrejas cristãs, religiões e culturas); Comissão do Serviço (Formação permanente, Participação sociopolítica e Promoção humana)²³⁰.

O Sínodo Diocesano foi realizado entre 2008 a 2010, tendo como fruto o Documento Conclusivo que apresenta constatações da realidade e dos seus desafios, bem como indicações de ações pastorais para cada uma das nove comissões pastorais adotadas pelas Dioceses da Sub-Região de Aparecida: 1. Ministérios Ordenados e Vida Consagrada; 2. Laicato, Vida e Família; 3. Ação Missionária e Cooperação Intereclesial; 4. Animação Bíblico-Catequética; 5. Liturgia; 6. Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso; 7. Serviço da Caridade, Justiça e Paz; 8. Cultura, Educação e Comunicação Social; 9. Movimentos Eclesiais, Novas Comunidades e Associações²³¹.

A quarta e última Assembleia foi realizada em 2015, nos dias 12 e 13 de setembro; acolheu cinco áreas prioritárias ou cinco opções pastorais que são: 1. Família, Projeto de Deus;

²²⁸ DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP. *Plano Diocesano de Evangelização e Pastoral* (2017 – 2021), p. 7.

²²⁹ *Ibidem*, p. 7.

²³⁰ *Ibidem*, p. 7.

²³¹ Cf. DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP. *Documento conclusivo do I Sínodo Diocesano*, 2008-2010, pp. 15-55.

2. Juventude; 3. Processo Catequético Formador de Discípulos Missionários; 4. Dimensão Social da Fé e 5. Ação Missionária. A partir dessas cinco áreas, foi elaborado o Plano Diocesano de Evangelização e Pastoral (PDEP), que procura responder às seguintes perguntas: O que somos? A quem servimos? Aonde queremos chegar? Como faremos para chegar²³²?

3.2.2. A Paróquia “Nossa Senhora de Lourdes” – Região Pastoral V.

Quando foi criada a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes do Parque Industrial, em 07 de abril de 1976, por Dom Francisco Borja do Amaral (+1989- bispo da Diocese de Taubaté-SP), todo o município de São José dos Campos e os municípios adjacentes pertenciam à Diocese de Taubaté – criada em 07 de junho de 1908. Assim, por mais de cinco anos a Paróquia esteve sob a jurisdição e solicitude pastoral da Diocese de Taubaté. Dom José Antônio do Couto-SJC (+1997), como o 4º bispo titular da Diocese de Taubaté, durante os cinco anos de seu episcopado (1976-1981), chegou a nomear quatro padres Dehonianos para a função de pároco a serviço da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, que, até hoje, é servida por esses padres da Congregação do Sagrado Coração de Jesus (SCJ), cujo fundador foi o padre francês João Leão Dehon (1843-1925)²³³.

A Paróquia Nossa Senhora de Lourdes pertence à Região Pastoral V²³⁴, formada atualmente por sete paróquias irmãs. Eis a relação das paróquias que integram à Região Pastoral V, seguindo a ordem cronológica por criação: Nossa Senhora de Lourdes, Parque Industrial, criada em 07 de abril de 1976; Coração de Jesus, Bosque dos Eucaliptos, criada em 16 de junho de 1985; Espírito Santo, Jardim Satélite, criada em 20 de março de 1992; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Campo dos Alemães, criada em 28 de fevereiro de 1993; São Bento, Jardim Morumbi, criada em 11 de julho de 1996; Nossa Senhora Aparecida, Parque Interlagos, criada em 12 de outubro de 2011 e Nossa Senhora de Fátima, Jardim Oriente, criada em 25 de janeiro de 2013.

A Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, como quase todas as paróquias, tem origem remota com um pequeno grupo de fiéis cristãos que se reuniam em determinado lugar para rezar e celebrar o mistério da sua fé no âmbito de uma paróquia canonicamente erigida. Esse grupo

²³² DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS–SP. *Plano Diocesano de Evangelização e Pastoral* (2017 – 2021), p. 8.

²³³ SCHMITT, José Francisco. *A Paróquia do Parque Industrial: 35 anos de história*, pp. 76, 81 e 147.

²³⁴ *Ibidem*. NOTA: Por *Região Pastoral* entende-se aqui o conjunto de paróquias no âmbito da Diocese que apresentam situações, desafios, realidades humanas e sociais comuns e, desejam expressar e intensificar a comunhão com a Igreja Particular através da partilha e da reflexão em vista de uma evangelização mais profunda e melhor aproveitamento das forças vivas das paróquias da região, p.81.

de fiéis ou de famílias, pelo fato de se reunir em nome da fé e da Igreja, já tinha o gérmen de uma comunidade eclesial. Tanto é verdade que essas famílias sentiram logo a necessidade de orar em comunidade, de escutar a Palavra de Deus, de evangelizar, de organizar a catequese para as crianças, jovens e adultos, viver a santificação do matrimônio com o acompanhamento pastoral de um padre ou por outros ministros ou, ainda, por religiosas.

É a partir desse espírito eclesial que surgiram os primeiros serviços de animação pastoral. Logo nasce nessa comunidade a ideia da construção de uma capela. Com essa consciência de Igreja, surge a Paróquia - Comunidade e em seguida, as demais comunidades. Atualmente são seis as comunidades pertencentes à Paróquia: Comunidade Matriz (1976); São Cristóvão (1977); São Luiz Gonzaga (1979); São Lucas (1982); São Francisco de Assis (1987) e a Comunidade de Santa Terezinha do Menino Jesus (2013)²³⁵.

Assim sendo, podemos teologicamente afirmar que a paróquia é uma grande Comunidade de Comunidades, sempre atenta à Palavra de Deus, à vivência eucarística, à oração comum e à prática da caridade. São essas características essenciais que definem uma paróquia como comunidade que acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta. “Sem vida em comunidade, não há como efetivamente viver a proposta cristã, isto é, o Reino de Deus”²³⁶.

3.3. Elaboração do protocolo de pesquisa

O Protocolo de Pesquisa²³⁷, em geral, deve conter detalhes suficientes em todos os itens que correspondam ao tipo de pesquisa a ser desenvolvida e deve descrever a pesquisa em seus aspectos fundamentais; a qualificação dos pesquisadores e as informações devem ser claras e concisas para permitir o entendimento e a avaliação dos leitores.

Embora haja uma Norma Técnica que regulamenta os Protocolos – os quais devem conter os itens Capa, Primeira Folha, Resumo Informativo, Sumário ou Índice, Introdução, Justificativa, Objetivos, Hipóteses, Sujeitos e Métodos, Procedimentos e Análise dos Dados, Resultados, Referências Bibliográficas, Orçamento e Cronograma²³⁸ – neste trabalho não seguiremos a ordem proposta, pois a justificativa de sua realização está explicitada na estrutura

²³⁵ PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES – SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. *Sua história*. Disponível em: <<http://paroquiadelourdes.org.br/sobre.php?q=historia>> Acesso em 01 maio de 2018.

²³⁶ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2011-2015), n. 56.

²³⁷ Cf. ANEXO 1. *Protocolo de Pesquisa*.

²³⁸ MARCONI, Mariana de Andrade. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas elaboração, análise e interpretação de dados*, pp. 158-162.

de alguns tópicos deste capítulo, como: Dados de identificação (título do projeto, responsável, período e local de realização); Trabalho de campo (definição de organizações e pessoas que constituirão objeto de pesquisa, estratégias para obtenção de acesso aos informantes, agenda para atividades de coleta de dados); Questões específicas-Questionário (questões a serem utilizadas na coleta de dados, que são baseadas no problema ou na pergunta chave do problema); Previsão de análise dos dados e Guia para elaboração do relatório²³⁹.

3.3.1. Amostragem pesquisada

Dentre o universo das seis Comunidades da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, foram selecionadas quatro Comunidades para formar a amostragem da pesquisa. Pretendemos fixar a porcentagem aproximadamente em 30% (trinta por cento) do total dos catequistas pertencentes a cada Comunidade selecionada para a aplicação do questionário e consequentemente para a coleta dos dados pesquisados. Esses catequistas fazem parte somente do grupo que prepara as crianças para o Sacramento da Eucaristia por etapa e módulo no percurso de três anos, ou seja, Etapa I = Módulo I; Etapa II = Módulo II e Etapa III = Módulo III.

Para nos situarmos e conhecermos mais bem essa amostragem, faremos um breve relato de cada Comunidade, com base documental da história da Paróquia. As informações de cada Comunidade serão úteis para identificar a sua realidade. São elas: Comunidade Matriz (Bairro Parque Industrial), Comunidade São Lucas (Bairro 31 de Março), São Luiz Gonzaga (Bairro Jardim Vale do Sol) e São Francisco de Assis (Bairro Rio Comprido):

a) Comunidade Matriz (Bairro Parque Industrial):

Na condição de sede da unidade paroquial, a Comunidade Matriz deve ser a grande promotora da história, cabendo a ela ser geradora de novas ações e compromissos a partir da fé no espaço da realidade paroquial. “O sentido dinâmico da palavra matriz nos sugere pensar o lugar onde algo se gera, ou onde se dá o impulso àquilo que é fonte, origem, base, sede: o lugar de partida para a missão”²⁴⁰. A Matriz como comunidade geradora deve articular e dinamizar todas as outras comunidades, levando-nos a entender que não existe paróquia sem comunidade nem comunidade sem paróquia. A paróquia é uma rede de comunidades que não caminha sem

²³⁹ GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*, p. 120.

²⁴⁰ SCHMITT, José Francisco. *A Paróquia do Parque Industrial: 35 anos de história*, p.86.

a comunhão paroquial. Assim, a história da Comunidade Matriz perpassa a história da própria Paróquia.

A visão teológico-ecclesial da Comunidade Matriz se dá através do espírito de unidade, de comunhão e de participação que faz gerar, edificar, animar e constituir a verdadeira família de Deus. Portanto, a paróquia é chamada a ser uma verdadeira rede de comunidades aptas para renovar a partir de estruturas que permitam setorizar as diversas atividades pastorais, mediante pequenas comunidades que vivem o Evangelho nas quais apareça a responsabilidade dos fiéis leigos e leigas. A paróquia é uma grande comunidade de comunidades, sempre atenta à Palavra de Deus, à vivência eucarística, à oração comum e à prática da caridade que acolhe as angústias e as esperanças dos homens e mulheres, anima e orienta a comunhão, a participação e a prática da caridade. São essas características essenciais que definem uma paróquia como comunidade matriz²⁴¹.

b) Comunidade São Lucas (Conjunto Residencial 31 de Março):

A Comunidade São Lucas, no dia 24 de agosto de 1986, pode experimentar a alegria de iniciar os seus trabalhos como Igreja, ao inaugurar – antes da construção de sua capela – a Obra Social e Assistencial São Lucas. A inauguração da Obra Social disponibilizou excelente espaço físico para os encontros de formação e ajudou a incentivar a organização da Pastoral da Catequese, cujos primeiros catequistas, revestidos de grande entusiasmo e com novo espírito para a evangelização, despertou na comunidade novas lideranças e novas pastorais, como a Pastoral do Dízimo, movimentos e associações religiosas.

Logo após a inauguração da Obra Social, inicia-se a construção da igreja da Comunidade São Lucas. Assim, em tempo recorde, em 18 de outubro de 1987, na festa litúrgica do padroeiro, num domingo, foi celebrada a primeira missa na nova igreja, ainda em obra de acabamento. Hoje, a Comunidade São Lucas tem uma bela Igreja construída em forma octogonal e destaca-se pela sua simplicidade, oferecendo aos fiéis um excelente ambiente para a celebração litúrgica²⁴².

Por fim, no dia 3 de setembro de 2011, após 25 anos da inauguração da Obra Social e Assistencial São Lucas, foi inaugurada a ampliação da entidade, com um moderno prédio, equipado com excelentes salas. Esse espaço atende às necessidades temporais e espirituais das pessoas que dele buscam ajuda e observa que “o amor tem diante de si um vasto campo de

²⁴¹ Cf. DOCUMENTOS DO CELAM. *Conferência de Santo Domingo* (1992), n.58.

²⁴² SCHMITT, José Francisco. *A Paróquia do Parque Industrial: 35 anos de história*, p. 116.

trabalho, onde a Igreja quer estar presente também com a sua doutrina social, que diz respeito ao homem todo e se volve a todos os homens”²⁴³.

c) Comunidade São Luiz Gonzaga (Bairro Jardim Vale do Sol):

A Comunidade São Luiz Gonzaga, no bairro Jardim Vale do Sol, iniciou suas atividades pastorais em 1976, com a Pastoral Catequética, onde os trabalhos eram realizados numa pequena Escola Municipal. No ano seguinte, o Livro do Tombo da Paróquia relata que em março de 1977, ao reiniciar as atividades da catequese na Comunidade São Luiz Gonzaga, agora realizada numa Escola Estadual do bairro, havia 170 catequizandos inscritos. Desses, 40 crianças foram admitidas à primeira comunhão no fim do ano²⁴⁴.

Com o trabalho da catequese, aos poucos, foram surgindo as primeiras pastorais e movimentos, como o grupo de Jovens Unidos do Vale do Sol (JUVS), que chegou a ser o maior grupo de jovens da Paróquia e que é atuante até os dias de hoje. Também atuam aqui, a PLC (Peregrinação de Leigos Cristãos) e Legião de Maria. Ainda hoje, a comunidade é animada por diversas pastorais, movimentos, associações e pelos setores missionários.

Em 1995, mesmo ainda não concluída as obras da igreja da Comunidade do Vale do Sol, no dia da festa do padroeiro São Luiz Gonzaga, numa quarta-feira, foi celebrada ali a primeira Missa. Hoje, a Comunidade tem um belo templo, amplo e funcional, proporcionando um ambiente agradável e convidativo, onde a Comunidade é servida por duas missas aos domingos; durante a semana, todas as quintas-feiras e, ainda, todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, precedida da adoração eucarística. Todos os anos, a Comunidade celebra, no dia 21 de junho, a festa de seu padroeiro, São Luiz Gonzaga²⁴⁵.

d) Comunidade São Francisco de Assis (Bairro Rio Comprido):

A origem do nome do bairro Rio Comprido, segundo os historiadores, está ligada à história de uma fazenda jesuítica do século XVI, chamada “Aldeia do Rio Comprido”. Sabe-se que esse aldeamento não vingou, pois, por ordem da corte portuguesa, o povoamento foi dissolvido. O que restou para essa região como legado é apenas o célebre nome do bairro “Rio Comprido”.

²⁴³ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSICA E PAZ” - *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 5.

²⁴⁴ LIVRO DO TOMBO da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes em São José dos Campos, às fls.3v; 4 e 4v.

²⁴⁵ SCHMITT, José Francisco. *A Paróquia do Parque Industrial: 35 anos de história*, pp.107-111.

Conforme o levantamento histórico realizado na Comunidade de São Francisco de Assis, os primeiros moradores começaram a vir para essa localidade a partir de 1973, dando início ao atual bairro do Rio Comprido, considerado um bairro da periferia de São José dos Campos, bem na divisa com a cidade de Jacareí.

A pequena comunidade começou praticamente a existir a partir do ano de 1980, quando um casal, morador do bairro, fez um levantamento das pessoas católicas, das crianças e adolescentes que já tinham feito a primeira Eucaristia e Crisma. Estas foram convidadas para participar da “reza do terço” que já vinha acontecendo nas casas das famílias ali residentes.

Sob a liderança de um pequeno grupo da comunidade, ao constatar que estavam chegando cada vez mais novas famílias para o bairro, por sugestão e incentivo da coordenadora do Movimento de Peregrinação de Leigos Cristãos (PLC) da Comunidade Matriz do Parque Industrial, formou-se o subnúcleo desse movimento no Rio Comprido, que começou a funcionar no salão da Sociedade de Amigos do Bairro (SAB). Assim crescia a comunidade em suas atividades pastorais animadas pelo Grupo da PLC.

A catequese começou a dar seus primeiros passos praticamente junto ao movimento da PLC e, na medida em que iam chegando novos moradores no bairro, formavam-se novos grupos de catequizandos. Os encontros catequéticos eram realizados no salão da SAB, todos os domingos, antes da celebração do culto ou da santa missa, celebrados pelos ministros da Sagrada Comunhão e do padre que atendiam a Comunidade São Cristóvão, vizinha à Comunidade do Rio Comprido que ainda não dispunha de celebrantes próprios.

Em 1993, no dia 10 de junho, um fato importante veio entusiasmar a fé do povo do Rio Comprido, com a celebração pela primeira vez da Solenidade de *Corpus Christi*. Mesmo com o frio e debaixo de chuva, o povo não deixou de participar desse evento eucarístico²⁴⁶. Nessa caminhada, em 1994, mais um fato importante aconteceu e marcou a atividade da catequese na Comunidade. Com a colaboração de um grupo de catequistas da Igreja Matriz, realizou-se a primeira festa de Natal para as crianças pobres²⁴⁷.

No dia 10 de março de 2001, num sábado, por ocasião dos 25 anos da criação da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, celebrou-se a primeira missa na nova Igreja de São Francisco de Assis do Rio Comprido, ainda em fase de acabamento. Nesse evento estiveram presentes 150 missionários de toda a paróquia.

Atualmente, a Comunidade, apesar da sua simplicidade, orgulha-se de ter uma igreja bem construída, com bom espaço para as celebrações, possuindo em seu interior uma bela

²⁴⁶ LIVRO DO TOMBO da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. São José dos Campos/SP, fls. 88.

²⁴⁷ *Ibidem*, fls. 96.

imagem de São Francisco de Assis e uma cruz do estilo da Igreja de São Damião (capela onde São Francisco, em 1206, teve o convite para restaurar a Igreja de Jesus), cujas peças foram doadas à capela do Rio Comprido pelo ator Edson Celulari, devoto de São Francisco²⁴⁸.

A Comunidade, situada em área da periferia, trabalha com diversas pastorais, com a atuação e atenção especial do setor missionário através de visitas às casas de todos os moradores do bairro Rio Comprido, considerado um espaço propício para a missão da Igreja. Todos os domingos a Comunidade pode participar da celebração da Santa Missa na sua própria capela.

3.3.1.1. Fundamentação da amostragem

A preocupação em selecionar a amostra proporcional e representativa em relação ao universo pesquisado para esse estudo foi com base no meu conhecimento da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, uma vez que a ela pertencço, fazendo parte do grupo de catequistas desde a sua fundação. Ainda, semanalmente há um encontro com os catequistas da Região Pastoral V, onde participamos do Projeto Estratégico N. 9: Escola Catequética Diocesana – ECAT – (nas Regiões Pastorais) com a opção pastoral de formar Discípulos Missionários. Segundo a edição de abril de 2018 do Jornal Expressão da Diocese São José dos Campos, na matéria intitulada “Catequese e os desafios do século XXI”, páginas 8 e 9, seiscentos e doze é o número de catequistas inscritos nas Escolas Catequéticas em 2018.

É importante dizer que a seleção das quatro Comunidades para a pesquisa – a) Matriz, b) São Lucas, c) São Luiz Gonzaga e d) São Francisco de Assis – se deu por julgar que as suas características próprias, inclusive a localização geográfica de cada uma delas (item 3.3.1), seja a mais adequada para fornecer as respostas ao problema proposto.

3.4. Formulação da pergunta-problema

Posto que, anunciar o *querigma* é anunciar a Jesus, e que a mensagem de Jesus tem como centro o Reino de Deus. Na catequese da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em que medida e em que grau há uma associação entre o anúncio do *querigma* e a proclamação da vinda do Reino de Deus (cf. Mc 1,15)?

²⁴⁸ SCHMITT, José Francisco. *A Paróquia do Parque Industrial: 35 anos de história*, pp. 129-133.

3.5. Processo de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de contatos pessoais junto aos catequistas, significando, num primeiro momento, um procedimento informal, para, em seguida, formalizar a pesquisa por meio do questionário dirigido a eles. Para obter as informações desejadas, estipulou-se um prazo máximo de dez dias para cada grupo de catequistas das respectivas comunidades pesquisadas, considerando a objetividade das perguntas elaboradas no questionário a serem respondidas de forma simples e direta.

Observamos que esse contato com os catequistas e a expectativa de cada um e cada uma em participar da pesquisa nos permitiu conhecer melhor a realidade dos seus trabalhos na catequese os quais expressam as representações objetivas das dificuldades dos participantes no processo de evangelização, solicitando de todos e todas, especialmente da Igreja, ações transformadoras mediante questões tão relevantes para os dias de hoje.

3.5.1. Elaboração do questionário

O questionário²⁴⁹ foi elaborado a partir do eixo central do anúncio de Jesus, ou seja, do Reino de Deus. A partir desse eixo central, reafirmamos que, ao longo do trabalho, tudo deverá estar orbitando a questão do “anúncio do Reino de Deus”. Trata-se de saber: Como essa noção é apreendida pelos catequistas e repassada aos catequizandos? Quais os meios pedagógicos estão sendo utilizados para transmiti-la, tanto na formação das crianças, adolescentes e jovens, como para a formação dos novos catequistas? As hipóteses iniciais a serem referenciadas pela pesquisa são: 1) Na preparação ao Sacramento da Primeira Eucaristia não há uma preocupação em associar de forma sistemática e consistente o anúncio do *Querigma* ao Advento do Reino de Deus, com sua dimensão política (vivência social e comunitária). 2) A noção é geralmente espiritualizada, fugindo da preocupação e vivência de Jesus e de sua comunidade de discípulos.

²⁴⁹ Cf. Anexo 2. Questionário aplicado aos catequistas.

3.5.2. Caracterização dos sujeitos da pesquisa

As tabelas abaixo definem o perfil dos sujeitos da pesquisa, de acordo com os dados coletados através do questionário. Nessa pesquisa, optamos pela isenção dos nomes (não identificação) dos catequistas.

Tabela 1 – Perfil dos catequistas investigados – Maio/2018

Comunidade	Idade entre:	Escolaridade	Sexo	Tempo de atuação na Paróquia	Tempo de atuação na Catequese
Matriz “Nossa Senhora de Lourdes”	36-41	Ensino Superior	F	06 anos	26 anos
	36-41	Ensino Superior	M	06 meses	06 meses
	36-41	Ensino Superior	F	06 meses	06 meses
	42-55	Superior incompleto	F	14 anos	07 anos
	36-41	Ensino Superior	M	14 anos	07 anos
	Acima de 56	Ensino Médio	F	20 anos	11 anos

Fonte: Pesquisa de Campo realizada pela pesquisadora/2018 – Obs.: Total dos Catequistas atuantes na Comunidade Matriz, na preparação de crianças para receber a Eucaristia: 20 (vinte).

Tabela 2 – Perfil dos catequistas investigados – Maio/2018

Comunidade	Idade entre:	Escolaridade	Sexo	Tempo de atuação na Paróquia	Tempo de atuação na Catequese
São Lucas	36-41	Ensino Médio	F	08 anos	06 anos
	36-41	Ensino Superior	F	30 anos	05 meses
	Acima de 56	Ensino Médio	F	32 anos	28 anos

Fonte: Pesquisa de Campo realizada pela pesquisadora/2018 – Obs.: Total dos Catequistas atuantes na Comunidade São Lucas, na preparação de crianças para receber a Eucaristia: 10 (dez).

Tabela 3 – Perfil dos catequistas investigados – Maio/2018

Comunidade	Idade entre:	Escolaridade	Sexo	Tempo de atuação na Paróquia	Tempo de atuação na Catequese
São Luiz Gonzaga	42-55	Superior incompleto	F	30 anos	6 anos
	42-55	Superior com pós-graduação	F	16 anos	15 anos

Fonte: Pesquisa de Campo realizada pela pesquisadora/2018 – Obs.: Total dos Catequistas atuantes na Comunidade São Luiz Gonzaga, na preparação de crianças para receber a Eucaristia: 05 (cinco).

Tabela 4 – Perfil dos catequistas investigados – Maio/2018

Comunidade	Idade entre:	Escolaridade	Sexo	Tempo de atuação na Paróquia	Tempo de atuação na Catequese
São Francisco de Assis	22-35	Ensino Médio	F	10 anos	02 anos
	36-41	Ensino Médio	F	15 anos	15 anos

Fonte: Pesquisa de Campo realizada pela pesquisadora/2018 – Obs.: Total dos Catequistas atuantes na Comunidade São Francisco de Assis, na preparação de crianças para receber a Eucaristia: 05 (cinco).

Embora os sujeitos da pesquisa não tenham sido identificados pelo nome, não houve impedimento a que os relatos registrados nas análises fossem acompanhados pelas outras identificações de cada um deles. Entre os sujeitos da pesquisa, constatamos que aproximadamente 85% são do sexo feminino, ou seja, a maioria dos catequistas nas Comunidades pesquisadas são mulheres que sempre se destacam com grande representatividade no cenário educacional, conforme ilustrado pela Figura 1.

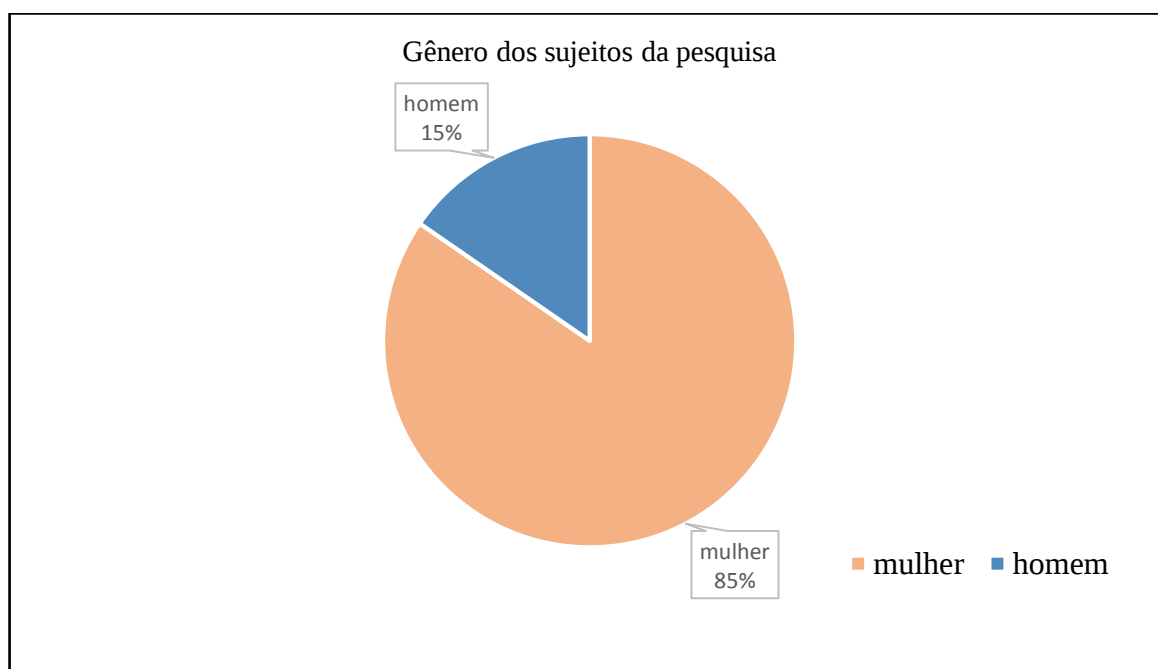


Figura 1: Gênero dos sujeitos da pesquisa (Dos treze catequistas pesquisados, apenas dois são homens).

Quanto à idade, a figura 2 demonstra que os catequistas, em maior número, estão na faixa etária entre 36 a 41 anos de idade (seis catequistas) e, em seguida, a faixa etária entre 42-55 comporta quatro catequistas. Observa-se que, no geral, a idade é proporcional ao tempo de atuação na catequese, pois contamos com cinco catequistas entre a faixa de 36 a 56 anos

atuantes na pastoral da catequese já há mais de dez anos. Por essa amostragem notamos ainda a ausência total de jovens na faixa de idade entre 16-21 anos, ou seja, aqui não há jovens engajados na pastoral catequética. Por onde andam? A figura abaixo demonstra a quantidade de catequistas por faixa etária.

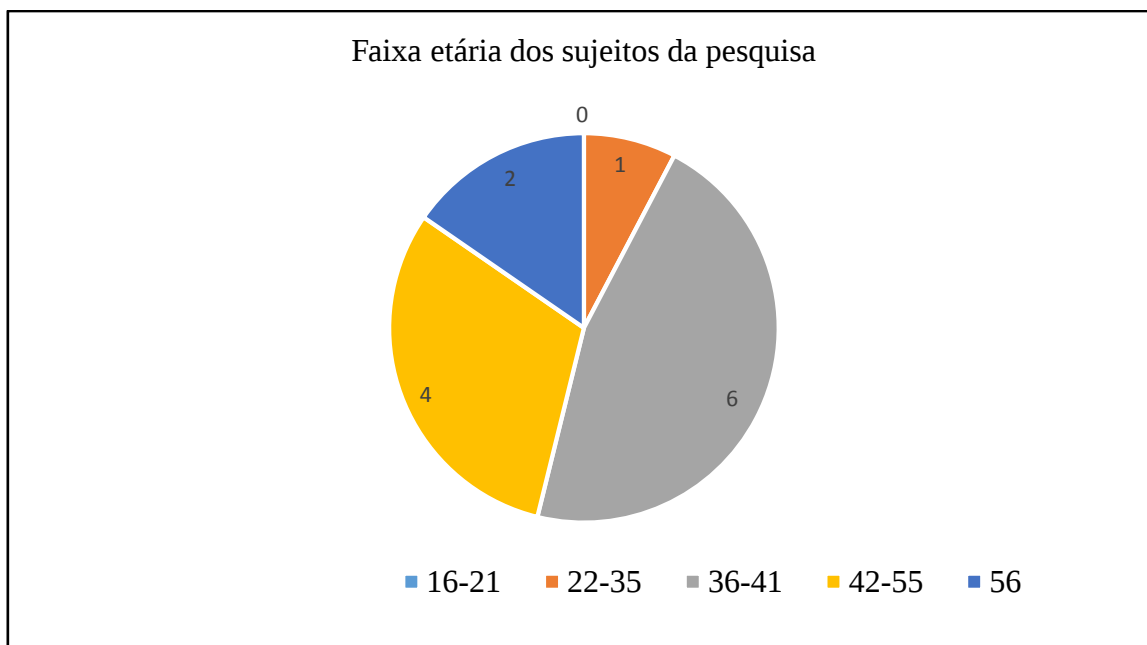


Figura 2: Quantidade dos catequistas por faixa etária -

Ainda, dos sujeitos pesquisados notamos que apenas seis possuem formação em curso superior completo; porém, desses seis, apenas um deles possui pós-graduação em nível de especialização (*lato sensu*). No restante, dos sete catequistas pesquisados, três concluíram seus estudos somente até o Ensino Fundamental e quatro deles concluíram o Ensino Médio. Esta informação está visualizada na Figura 3 abaixo.

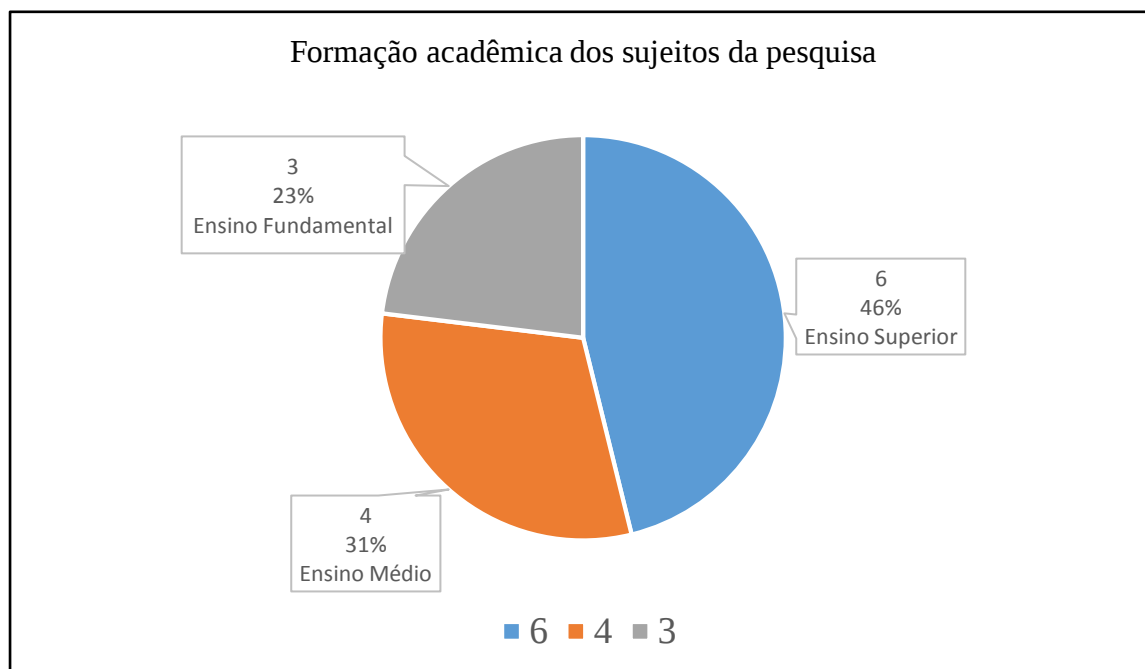


Figura 3: Formação acadêmica dos sujeitos

3.5.3. Análise e interpretação dos dados

A partir da coleta dos dados, buscamos analisar e interpretar as informações. O procedimento metodológico utilizado na interpretação das respostas dadas pelos catequistas via questionário baseou-se na análise de conteúdo que se configura, segundo Bardin, como “um conjunto de técnicas de análises das comunicações, visando obter através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações a interpretação destas mesmas comunicações”²⁵⁰. De acordo com a autora, sendo essa técnica compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos, assegura-se a objetividade, a sistematização e a influência aplicadas nos diversos discursos, permitindo estudar e analisar o material qualitativo para mais bem compreender a comunicação e extrair os aspectos mais relevantes da pesquisa²⁵¹.

Portanto, essa metodologia de análise e de interpretação nos permitiu compreender criticamente o sentido das falas dos sujeitos, o conteúdo, o manifesto latente, os significados explícitos ou ocultos de cada um dos pesquisados. Mediante tal procedimento de análise, as respostas dos catequistas foram classificadas em categorias, visando a uma análise fidedigna ao texto, conforme explicitadas nas Tabelas 1, 2, 3 e 4 e nas Figuras 1, 2 e 3 acima.

²⁵⁰ BARDIN. *Análise de Conteúdo*, p. 42.

²⁵¹ *Ibidem*, pp.37-38.

Os objetivos estabelecidos antes do trabalho de campo, na fase exploratória da pesquisa, exigiram um roteiro fundamentado através dos tópicos desse terceiro capítulo, desde a sua introdução, passando pelo primeiro tópico: Pesquisa de Campo, percurso metodológico; em segundo lugar: Caracterização do campo de investigação; terceiro: Elaboração do protocolo de pesquisa; quarto: Formulação da pergunta-problema, este considerado um tópico importante segundo o propósito da nossa pesquisa. Por último, o tópico cinco: Processo de coleta de dados, que finaliza este estudo.

As respostas fornecidas pelos sujeitos, referentes às seis questões formuladas no questionário, receberam um tratamento adequado, sendo necessário organizá-las em agrupamentos de acordo com suas características e as argumentações dadas por cada um dos catequistas pesquisados.

Em primeiro lugar, verificaremos a questão quatro, pois ela, embora objetiva, faz parte de uma categoria de avaliação diferenciada das demais questões. Em seguida, analisaremos as questões dissertativas (5 e 6). Finalizaremos com a análise das questões de múltipla escolha (1, 2, e 3), sendo agregado, a partir delas, um tratamento percentual. Com base em tal resultado, ou seja, na classificação das respostas dadas pelos sujeitos, referente ao total de seis questões, procederemos aos registros dos resultados e discussões do questionário dessa pesquisa de campo que serão, detalhadamente, explicados no próximo item.

3.5.4. Resultados e discussões do questionário: um balanço das respostas

São apresentados, nesse item, os resultados da pesquisa de campo realizada com os catequistas de quatro Comunidades da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, situada na cidade de São José dos Campos-SP, objetivando conhecer a realidade de cada um deles no desenvolvimento dos trabalhos catequéticos em suas respectivas Comunidades.

Como já dito, partiremos da análise da questão quatro. Nessa questão solicitou-se a cada um dos catequistas que “numerasse de 1 a 4 em ordem de importância o seu entendimento sobre o Reino de Deus”. Constatamos que dentre as respostas, em grau de importância, sete catequistas consideram que o Reino de Deus é “Reino de justiça, paz, fraternidade, partilha e comunhão para toda a humanidade” e, em segundo lugar, três deles consideram ainda ser “Reino da igualdade e de libertação dos povos”. Seguindo a ordem de importância, em terceiro lugar ficou a questão do “Reino do Poder de Deus” e, em quarto lugar, ficou a alternativa “Reino de vida depois da morte”. A figura 4 abaixo permite visualizar com mais clareza os resultados da análise.

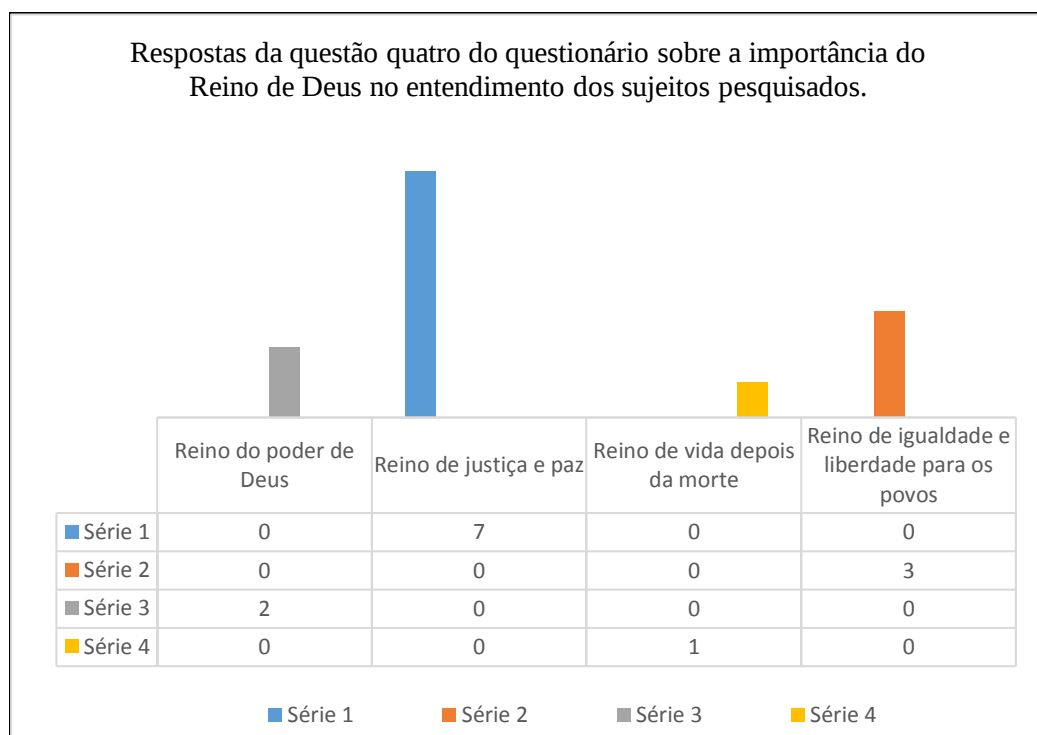


Figura 4: Questionário - Questão 4: Numere de 1 a 4 em ordem de importância o seu entendimento sobre o Reino de Deus:

- Série 3 (3º + importante) () Reino do poder de Deus.
- Série 1 (1º + importante) () Reino de justiça, paz, fraternidade, (...) para toda a humanidade.
- Série 4 (4º + importante) () Reino de vida depois da morte.
- Série 2 (2º + importante) () Reino da igualdade e liberdade dos povos.

A análise das questões dissertativas (5 e 6), consideradas questões de depoimentos livres e pessoais, revelou-nos que os sujeitos, ao seu modo, entre as alegrias e as preocupações, esforçam-se para entender a dimensão do “que é ser catequista hoje”, bem como reconhecem “quais as maiores dificuldades para exercer essa missão hoje”. As falas a seguir confirmam tais afirmações:

Ser catequista hoje é um desafio a cada encontro, pois os temas abordam assuntos ligados ao nosso cotidiano, porém, constatamos que há poucas mudanças porque a educação (social e familiar) não preserva os valores, as famílias não são mais como antigamente, por isso temos que orientar os catequizandos sobre o que Deus espera de nós. Encontramos dificuldades para tratar de temas delicados para as crianças ansiosas e dificuldades com a pouca disponibilidade de tempo para que possamos dedicar mais aos trabalhos da pastoral. (Catequista da Matriz).

Ser catequista é poder levar aos catequizandos o conhecimento da Palavra de Deus, do seu amor por nós. Encontramos dificuldades para contar com a presença e participação das famílias junto aos seus filhos na catequese; sentimos falta de materiais disponibilizados pela Paróquia e também falta formação para os catequistas e isso é um grande desafio diante do que o mundo nos oferece. (Catequista Comunidade S. Francisco de Assis).

Ser catequista hoje é poder transmitir aos jovens e crianças o meu testemunho de fé e de prática cristã e levá-los a ter sua própria experiência de amor, seu encontro pessoal com Deus na pessoa de Jesus Cristo. Encontramos as maiores dificuldades em ser catequista hoje: pela falta de colaboração entre o grupo de catequistas; dificuldade para identificar e sanar as feridas causadas por experiências ruins dos catequizandos e suas famílias; dificuldade para superar as barreiras do mundo moderno e conseguir apresentar de modo atrativo, especialmente aos jovens, as alegrias do Evangelho. (Catequista Comunidade São Lucas).

Ser catequista hoje é um grande desafio, porque o mundo oferece muitas facilidades onde desvia a atenção das famílias e dos catequizandos. O catequista tem que ter muita sabedoria ou buscar essa sabedoria para poder lidar com as diversas situações. As maiores dificuldades que encontro são: crianças desinteressadas, pois as mídias oferecem mais novidades para as crianças, principalmente a internet, e observo muito a ausência da família na participação da vida da comunidade. (Catequista Comunidade Matriz).

É uma missão especial, forte e necessária. Hoje precisamos estar mais atentos às mudanças do mundo, sem perder a postura de cristãos, de católicos, o que não é fácil perante a tudo. Encontramos muitas dificuldades em relação à participação dos pais no acompanhamento de seus filhos junto a catequese. Hoje encontramos crianças muito agitadas devido ao uso das mídias, principalmente dos celulares. Deparamos ainda com o problema da nossa falta de tempo para preparar melhor nossos encontros e principalmente para a nossa formação. (Catequista da Comunidade São Luiz Gonzaga).

Para finalizar, a partir desse bloco, de acordo com a ordem da análise anteriormente indicada, serão relatados os resultados das questões um, dois e três do questionário.

Tabela 5 – Classificação do resultado das questões 1, 2 e 3 respondidas pelos sujeitos da pesquisa:

Questão 1	Quantidade Resposta	%	Questão 2	Quantidade Resposta	%	Questão 3	Quantidade Resposta	%
a)	1	8%	a)	2	16%	a)	4	31%
b)	2	16%	b)	3	22%	b)	3	22%
c)	1	8%	c)	2	16%	c)	2	16%
d)	9	68%	d)	6	46%	d)	4	31%
Total	13	100%	Total	13	100%	Total	13	100%

Fonte: Pesquisa de Campo realizada pela pesquisadora/2018 – Obs.: Avaliação das respostas dos catequistas através de questionário.

Na questão um, observamos que a maior parte dos catequistas, ao responder a letra “d”, afirma: “falamos concretamente do Reino de Deus” às crianças, nos encontros de catequese de sua comunidade (69% das respostas). Na questão dois, também a maioria deles assinalou a letra “d” dizendo: “a frequência com que o tema Reino de Deus é tratado durante todo o processo de catequese” atinge mais de 31 vezes” (46% das respostas).

No entanto, quando perguntado na questão três: “Quais os recursos pedagógicos utilizados para apresentar o Reino de Deus aos catequizandos”, grande parte respondeu que usa “atividades manuais, tais como desenhos, pinturas, esculturas” (letra “d”). Nessa mesma questão quando foi solicitado para cada catequista “narrar um exemplo de como efetivou essa atividade”, as respostas foram vagas, equivocadas e confusas. Alguns catequistas nem ao mesmo conseguiram relatar suas atividades, outros deram explicações contraditórias principalmente em relação ao entendimento e respostas das questões anteriores (1 e 2). Eis alguns relatos:

- Falei sobre o Céu, relacionando que o nosso lugar é o Céu, o Reino de Deus!
- Fiz uma dinâmica de repartir. Jesus nos ensina a repartir.
- Fiz uma dinâmica do Ano Litúrgico.
- Falamos sobre a criação em Gêneses.
- Falei sobre a Parábola do grão de mostarda (...).
- Experiência de grupo, gostaram de ouvir o outro falar do Reino de Deus através de teatro.
- Fizemos um dinâmica com dobraduras de peixe e cestinho de pão para ensinar a partilha, assim como Jesus fez e ensinou os apóstolos.

Diante das respostas e dos relatos dos catequistas sobre a questão do Reino de Deus apresentada às crianças nos encontros de catequese das Comunidades pesquisadas, concluímos faltar clareza e preparo dos catequistas para trabalhar esse tema. Percebemos que são poucos os catequistas que têm pelo menos alguma noção sobre o que é o Reino de Deus. Na preparação das crianças para o Sacramento da Eucaristia, não há uma preocupação em associar de forma sistemática e consistente o anúncio do *Querigma* ao advento do Reino de Deus, com sua dimensão política (vivência social e comunitária). A noção é geralmente espiritualizada, fugindo da preocupação e vivência de Jesus e de sua comunidade de discípulos.

Para ser objetiva, segundo depoimento de uma catequista da Comunidade Matriz, “Os catequistas recebem em cada ano uma cartilha com os temas já estabelecidos para os encontros de preparação dos catequizandos e nessa cartilha não há nenhum tema que fala diretamente sobre o Reino de Deus”. Com isso, confirmamos as hipóteses iniciais referenciadas por essa pesquisa.

Considerações finais

Esse capítulo, envolvendo a pesquisa de campo, buscou compreender como se dá a relação entre catequese, anúncio e a noção do Reino de Deus nos encontros catequéticos de nossas comunidades, bem como a partir desse estudo, voltar nosso olhar com mais cuidado sobre a importância de se imprimir essa relação na formação das nossas crianças, adolescentes e jovens e, principalmente, para a formação de novos catequistas, novos discípulos missionários para a Igreja.

Com base nas respostas da pesquisa de campo feita com os catequistas das comunidades da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, descobrimos, de certo modo, algumas deficiências ainda hoje experimentadas pela catequese em nossas comunidades paroquiais, constituindo um grande desafio para a missão da Igreja. Vivemos numa sociedade com traços próprios que configuram um contexto sociocultural, no interior do qual vivemos também a nossa fé cristã. Nesse contexto contemporâneo, deparamo-nos com um amplo leque de acontecimentos: o progresso das ciências, o individualismo hedonista, as desigualdades de direitos e deveres entre as pessoas, a enorme e inalcançável massa de novos dados nas mídias sociais, levando-nos a viver uma vida tensa e agitada com tantas informações que não nos permitem uma compreensão ampla da realidade e, menos ainda, um espaço de reflexão pessoal.

Ao depararmos com essa realidade podemos nos perguntar: E nossas crianças, adolescentes e jovens, como se sentem? Perante eles, todos nós sabemos da nossa

responsabilidade como formadores e educadores para a fé e para a vida. Por isso, é preciso reconhecer a necessidade da integração das pastorais com seus valores, com preparação adequada e dos objetivos comuns dos diversos grupos envolvidos no processo de evangelização, tais como os bispos, padres, religiosos e leigos, a fim de viabilizar uma efetiva ação pastoral na Igreja para anunciar a Boa Nova e garantir a presença do Reino de Deus em nosso meio.

Por fim, essa pesquisa revelou-nos a importância da formação continuada para todos os catequistas. A diocese de São José dos Campos, nos últimos anos, através da Escola Catequética Diocesana (ECAT), busca avançar no âmbito da formação dos agentes de pastorais em suas respectivas paróquias, possibilitando aprimoramento, nova visão no ensino e aprendizagem. Com isso, as reflexões se estendem para a melhoria da qualidade dos atuantes que se colocam a serviço da evangelização, para as práticas adequadas na formação das crianças, adolescentes e jovens em seu processo de desenvolvimento na fé e na dimensão humana como protagonistas de um mundo melhor.

Em todas as declarações eclesiais se considera a importância e a urgência da formação dos catequistas. Por outro lado, a realidade efetiva fica muito distante de corresponder aos desejos declarados e não parece estar à altura do desafio da situação. Por isso, podemos dizer que a formação pastoral segue sendo uma questão pendente e uma autêntica emergência pastoral para a Igreja. O caminho é longo; permito-me, então, um alento, citando Mia Couto: “O que faz a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar, a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro”²⁵².

O caminho a seguir deverá ser iluminado a partir dos Evangelhos, para que possamos compreender os princípios norteadores da prática pedagógica de Jesus ao anunciar o Reino de Deus. Segundo Comblin: “Tudo o que sabemos de consistente da vida de Jesus encontramos nos quatro evangelhos canônicos”²⁵³. É preciso que tornemos presente o Evangelho de Jesus nesse tempo e nessa sociedade em que nos coube viver. Será também significativo lançar mão do pensamento de alguns estudiosos que trilharam seus caminhos na investigação da vida e obra de Jesus Cristo. Com essa proposta, desejamos enriquecer esse estudo a partir do próximo capítulo.

* * *

²⁵² PACHECO, José. *Dicionário de Valores*. Verbete “Esperança”, p. 18.

²⁵³ COMBLIN, José. *A vida: em busca da liberdade*, p. 118.

CAPÍTULO 4

A PEDAGOGIA DE JESUS NO ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

Introdução

O anúncio do Reino de Deus é a mensagem central de Jesus Cristo. Os dados constantes nos Evangelhos, sobretudo nas parábolas, nos comprovam que a principal ocupação de Jesus foi o exercício da pregação do Reino de Deus. Neste estudo – tomando como fonte principal os quatro Evangelhos, especialmente os Sinóticos e, contando ainda com o apoio de alguns estudiosos – queremos apresentar a proposta pedagógica que perpassa toda a prática de Jesus, a relação que Ele estabeleceu com seus discípulos, seu método de formar os discípulos e o seu jeito de ensinar todas as pessoas que dEle se aproximavam.

Enquanto Mestre por excelência, Jesus adotou uma postura por demais inovadora no que diz respeito à aprendizagem e aos métodos, aos procedimentos de ensino que possibilitam a construção de uma vida em plenitude. Afastou-se da verbosidade, do formalismo, da memorização, da lição *ex cathedra*²⁵⁴, demonstrando sua preocupação com a assimilação ativa do conteúdo, com uma aprendizagem verdadeiramente significativa, testemunhal. Jesus é o portador de uma notícia boa (*εὐαγγέλιον* - evangelho) que nos revela uma nova visão sobre Deus e um culto religioso diferente, com base na noção de paternidade divina (cf. Jo 4,19-24).

A conceituação revolucionária de Jesus em torno das virtudes sócio morais apresenta um modo inusitado de se relacionar com o poder. Tal é o caso referente aos discípulos que discutiam sobre quem poderia se assentar à direita do Mestre quando ele estivesse em sua glória, Jesus se volta para eles e lhes dá uma lição ao indicar o caminho da humildade em vez do orgulho, da abnegação no lugar da exploração, da indulgência ao invés do ódio; dá-lhes, ainda, o testemunho de si mesmo ao dizer que veio para servir e não para ser servido (cf. Mc 10,35-45).

No anúncio do Reino de Deus operado por Jesus, há uma dimensão política latente, na qual Ele ensina a valorização da pessoa humana como criatura divina, independentemente de sua condição de raça, credo ou posição social, ao inverter a posição da pirâmide social e ao mostrar que os pobres e os doentes é que são os bem-aventurados. Jesus ensina que o Reino de

²⁵⁴ FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de Latim-Português*. Significado de *ex cathedra*: Da cadeira. (Cadeira de São Pedro, símbolo da autoridade do papa. Quando o papa fala *ex cathedra* ensina como chefe da Igreja), p. 195.

Deus deve ser construído na terra a partir da ação solidária entre homens e mulheres de todos os tempos. Mas a questão central é: Como as pessoas que ouviram a mensagem de Jesus na Palestina daquele tempo compreendiam esses ensinamentos? E nós, hoje, que noção temos sobre todos esses ensinamentos?

Queremos conhecer melhor o Mestre dos mestres, o modelo a ser meditado, estudado, sentido e, sobretudo, praticado por todos os homens e mulheres que acreditam nas possibilidades da evangelização enquanto prática de libertação e crescimento do ser humano. Que as reflexões a seguir possam despertar em cada um de nós a alegria e a certeza de encontrarmos, na pedagogia de Jesus, elementos teórico-práticos capazes de nos estimular em nosso trabalho de evangelização para ensinar como Jesus ensinou e viver como Ele viveu. Tenhamos a convicção de sermos hoje os convidados à ação pedagógica que acolhe as palavras incisivas do Senhor: “Ide e evangelizai a todas as gentes”²⁵⁵.

4.1. Anúncio do Reino de Deus feito por Jesus

Jesus, já no início de sua vida pública – conforme nos aponta o evangelista Lucas, em seu capítulo quarto, ao narrar uma das primeiras pregações do Mestre da Galileia – nos revela a grandeza de sua missão. Ele estava em Nazaré onde fora criado, era dia de sábado e, como de costume, entrou na Sinagoga e foi-lhe entregue o livro do Profeta Isaías, no qual ele leu a seguinte passagem: “O Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos...” (Lc 4,18-19). Segundo Malina, “Se Jesus falou a respeito de algo, ele falou a respeito do Reino do Céu”²⁵⁶. Sem dúvida, o Reino de Deus é como o coração da revelação divina manifestada nas palavras, obras, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Essa revelação vai se concretizando aos poucos na história daquelas pessoas lá na Galileia. Primeiro, pelo encontro dos discípulos com Jesus de Nazaré, que lhes anunciava a proximidade do Reino de Deus e os convocava à conversão: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15). Depois, pela pregação dos discípulos no cumprimento do mandato do Senhor: “Ide por todo o mundo, proclamai o

²⁵⁵ AG, n. 5.

²⁵⁶ MALINA, Bruce J. *O evangelho social de Jesus – o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*, p. 11.

Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado” (Mc 16,15-16).

Ao anunciar o Reino, Jesus revela a vontade salvadora de Deus Pai e, através de suas atitudes amorosas, chama todas as pessoas a percorrerem o caminho da conversão, tanto no pensar como no agir, para que o Reino de Deus possa ocupar a vida daqueles e daquelas que se propõem a ser seus discípulos e discípulas. Desde o princípio, a mensagem de Jesus impressionou por mostrar o modo como Deus governa e gostaria que governássemos todas as coisas deste mundo. Sua maneira tão terna de falar desse Reino provocava grande entusiasmo nos setores mais simples e humildes da Galileia, como os camponeses. Jesus proclama para essas pessoas que Deus se preocupa com elas, se compadece dos seus sofrimentos e deseja que todos e todas possam viver com dignidade; e isso era exatamente o que precisavam ouvir²⁵⁷.

Os Evangelhos relatam, do anúncio aos milagres, que o Reino de Deus é devolução de vida aos pobres e injustiçados, colocando-os novamente na graça do convívio social, fraterno e digno (cf. Mc 1,32-34a). Os marginalizados são os convidados a participar do banquete do Reino não somente como uma esperança futura, mas como uma realidade presente na comensalidade de Jesus com os pobres e pecadores, prenunciando a partir de então o alegre e eterno banquete que será servido pelo próprio Pai, na comunhão com seus filhos e filhas no céu (cf. Mt 22,2-14). Esse modo de pregação e práxis de Jesus causavam desconforto aos que viviam sob o cumprimento da Lei farisaica, aos judeus com seus princípios de justificar tudo pelas obras e aos saduceus com sua piedade cultural²⁵⁸.

Ora, Jesus queria mesmo implantar o Reino de Deus no coração da humanidade como semente geradora de uma nova cultura e com uma força transformadora (Mt 13,33), liberta de pretensões de grandezas e repleta de humildade. O Nazareno queria primeiramente, mostrar aos habitantes da Galileia que a edificação desse reinado não podia estar submetida às tentações do imediatismo ou dos espetáculos, pois Reino germina lentamente como a semente que cresce enquanto o semeador vai se deitar (Cf. Mc 4,26-27); ele começa pequeno mas tende a se tornar a morada segura na qual todos querem se abrigar, tal qual as aves do céu se refugiando sob a sombra da mostardeira, cujo grão é a menor de todas as sementes (cf. Mc 4,31-32. Com dinamicidade e confiança no coração amoroso do Pai, Jesus manifesta a força criadora da justiça que emana do Reino de Deus, nos animando na luta contra o mal. Por isso, “Urge mudar, crer, difundir e praticar essa Boa Notícia”.

²⁵⁷ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, p. 124.

²⁵⁸ VIANA, Maria Alves. *Encontro com Jesus: caminho do Reino de Deus*, p. 48

4.2. Anacronismos e contextualização da noção do Reino de Deus para os tempos atuais.

Importante dizer que a palavra “anacronismo” (do grego *ἀνά* “contra” e *χρόνος* “tempo”) é um termo empregado para designar um erro cronológico, ou seja, um erro que consiste em situar numa época personalidades, acontecimentos, costumes ou estilos próprios de outra. Assim, tal erro é caracterizado pelo desalinhamento e falta de correspondência ou consonância entre as particularidades de diferentes épocas, que são associadas a um período específico no tempo. E “contexto” (do latim *contextus*) significa conjunto das condições naturais, sociais, culturais, nas quais estão situados um enunciado, um discurso ou conjunto das circunstâncias nas quais se produzem um acontecimento, uma ação²⁵⁹.

Ao realizar um breve percurso sobre a noção do Reino de Deus para os tempos atuais, o que pretendemos dizer, então, neste contexto, quando falamos de anacronismo? Quando movemos nossa investigação para um tempo distante, acabamos por projetar, nesse tempo, juízos, avaliações ou interpretações próprias do presente. Segundo Prieto: “Que o passado seja revisitado e reescrito com o olhar de hoje, de modo que a imagem que se possui na atualidade sobre aquela época é a que determina sua configuração artística. Falar sobre o passado, elegê-lo, recriá-lo, é uma forma indireta de falar sobre o presente”²⁶⁰. Dessa forma, precisamente à luz desse princípio, faz-se necessária uma contextualização da noção do Reino de Deus – o centro da mensagem de Jesus – para a compreensão, a mais fiel possível, de sua importância nos tempos atuais.

A expressão Reino de Deus é frequente nos Evangelhos Sinóticos (aparece 121 vezes)²⁶¹. Por isso, o conteúdo essencial que os Sinóticos nos revelam acerca do Reino de Deus pregado por Jesus não constitui, pois, um ensinamento superficial e abstrato, mas uma mensagem sobre o testemunho concreto e pessoal do modo como Jesus de Nazaré o viveu e não-lo deu a conhecer, para que igualmente possamos vivê-lo no mundo de hoje. Sobretudo, porque, “o Reino é manifestado na própria pessoa de Cristo, Filho de Deus e Filho do homem, que veio ‘para servir e dar a sua vida em redenção por muitos’ (Mc 10,45)”²⁶².

O entendimento sobre o Reino de Deus ensinado por Jesus se deu de forma lenta e longamente maturado nos Evangelhos Sinóticos²⁶³, a começar pelo evangelista Mateus, onde

²⁵⁹ DICIONÁRIO LAROUSSE. Verbetes: *Anacronismo e Contexto*, pp. 137-718.

²⁶⁰ PRIETO, Celia Fernández. *Historia y Novela: Poética de la Novela Histórica*, pp. 191-192.

²⁶¹ FERRARO, Benedito. *Reino de Deus*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 820.

²⁶² LG, n. 5.

²⁶³ Referências bíblicas extraídas da *Bíblia de Jerusalém*.

ele relata o retorno de Jesus à Galileia depois de ter sido tentado no deserto; relata, ainda, que, a partir desse momento, inicia-se a pregação de Jesus sobre o Reino dos Céus. Começando pelo discurso das bem-aventuranças, os milagres, a missão dos Doze, as narrativas em parábolas até a sua paixão, morte e ressurreição. Nesse Evangelho, encontramos o Mestre que nos ensina “a justiça, a misericórdia e a fidelidade”. “Felizes os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10)²⁶⁴.

Em Marcos, a principal preocupação do seu relato evangélico é dar uma resposta às perguntas sobre quem é Jesus e qual o seu projeto. O Evangelho de Lucas, por sua vez, é conhecido como o Evangelho do caminho. No caminho Jesus transmite seus principais ensinamentos aos seus seguidores e seguidoras, com destaque especial para o amor ao próximo, a oração, a partilha e a solidariedade²⁶⁵. A prática do amor, da solidariedade e da justiça está na essência da vida de Jesus e consequentemente na vida dos cristãos. O Evangelho de Lucas insiste que a libertação dos pobres só será possível com a transformação das estruturas sociais injustas, na qual as bem-aventuranças anunciam um projeto de inclusão social para todas as pessoas marginalizadas e excluídas. “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6,20).

De acordo com os textos de Mateus, Marcos e Lucas, denominados sinóticos, as comunidades primitivas do primeiro século viviam num contexto de grandes conflitos. A comunidade de Mateus, por exemplo, além de enfrentar conflitos externos com os fariseus, apoiados pelo Império Romano, enfrentava também conflitos internos. Essa comunidade era constituída em sua maioria por judeus cristãos apegados à Lei e às tradições judaicas, havendo ali também judeus fortemente influenciados pela cultura grega, que tinham uma posição mais aberta em relação à Lei Judaica; por isso, os conflitos eram inevitáveis no dia a dia da vida comunitária²⁶⁶.

A comunidade de Marcos vivia sob o jugo do Império Romano, que explorava violentamente o povo mediante cobrança abusiva de impostos e do monopólio do comércio, causando grande endividamento para as pessoas, especialmente para os camponeses, o que significava o aumento da pobreza, fome, doenças e escravidão. Para os judeus, havia o sistema religioso com suas exigências pelo pagamento de dízimos e a lei do puro e impuro que marginalizava e castigava os pobres e os doentes. O Evangelho de Marcos apresenta Jesus como

²⁶⁴ MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. (Trad. Clemente Raphael Mahl), p.117ss.

²⁶⁵ MARQUES, Maria Antônia e NAKANOSE, Shigeyuki. *Caminho aberto para o próximo: Entendendo o Evangelho de Lucas*, p. 26.

²⁶⁶ *Ibidem*. *Deus conosco: O Messias da justiça e da misericórdia: Entendendo o Evangelho de Mateus*, p. 17.

o Messias-servo, que assumiu a causa da justiça até o fim; por isso, foi morto, mas Deus o ressuscitou²⁶⁷.

A comunidade de Lucas também vivia sob o domínio do Império Romano marcado por constantes guerras pelo poder e pela cobrança de numerosos impostos. Vivendo nessa realidade, a grande maioria era pobre, embora, houvesse ali algumas pessoas ricas, gerando com esta mistura vários conflitos internos: a existência de ricos cada vez mais ricos e a presença cada vez mais numerosa de miseráveis. A competição, a ganância e o acúmulo de riquezas criavam um verdadeiro abismo entre ricos e pobres (Lc 16,19-31)²⁶⁸.

Nos Evangelhos, aquele personagem distinto, Jesus de Nazaré, foi reconhecido por suas palavras e sinais como o Cristo de Deus. Por isso, assim como os apóstolos (o grupo dos Doze), amparados pela força do Espírito Santo, receberam de Jesus de Nazaré a missão para pregar o Reino Deus (cf. Mc 3,13-19; Mt 10,1-42), também a Igreja – à maneira das primeiras comunidades que se formaram no seguimento de Jesus de Nazaré – é interpelada pelo Espírito a anunciar esse Reino a toda humanidade, respeitando os diferentes contextos históricos-sociais, por ter recebido a mesma missão (At 15,5-21). Para os nossos dias, esta missão foi explicitada no acontecimento do Concílio Ecumênico Vaticano II, no qual o Papa João XXIII, invocando o Espírito Santo, profere, em 11 de outubro de 1962, o seu solene discurso de abertura do Concílio:

O Senhor disse: “Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6,33). Esta palavra “primeiro” exprime, antes de mais nada, em que direção devem mover-se os nossos pensamentos e as nossas forças; não devemos esquecer, porém, as outras palavras desta exortação do Senhor, isto é: “e todas estas coisas vos serão dadas por acréscimo” (Mt 6,33). Na realidade, sempre existiram e existem ainda, na Igreja, os que, embora procurem com todas as forças praticar a perfeição evangélica, não se esquecem de ser úteis à sociedade. De fato, do seu exemplo de vida, constantemente praticado, e das suas iniciativas de caridade toma vigor e incremento o que há de mais alto e mais nobre na sociedade humana”²⁶⁹.

O Concílio Vaticano II procurou investigar com atenção e rigor os acontecimentos do mundo desse nosso tempo²⁷⁰, ou seja, “buscou encontrar os sinais dos tempos para que a Igreja

²⁶⁷ MARQUES, Maria Antônia e NAKANOSE, Shigeyuki. *No caminho de Jesus: Entendendo o Evangelho de Marcos*, pp. 14-15.

²⁶⁸ *Ibidem*. *Caminho aberto para o próximo: Entendendo o Evangelho de Lucas*, pp. 20-21.

²⁶⁹ FERRARO, Benedito. *Reino de Deus*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 819.

²⁷⁰ Cf. GS, n. 1-4.

pudesse responder às grandes inquietações do ser humano”²⁷¹. Com certeza, os Padres conciliares – ao olharem para a prática histórica de Jesus de Nazaré que anunciou a boa notícia aos pobres de seu tempo (cf. Mt 9,35-36; Mt 25-26; Lc 4,16-21) – se preocuparam, com grande apreço, em retomar o anúncio do Reino de Deus, ao atualizarem essa mensagem no diálogo com o mundo de hoje²⁷².

O Continente Latino-americano, a partir da Conferência de Medellín, acolhe o Concílio Vaticano II e suscita na Igreja a preocupação com os pobres e, principalmente, com a justiça que é condição imprescindível para a paz. Os bispos, em Medellín, denunciaram a situação de injustiça institucionalizada dos povos latino-americanos e, diante dessa realidade, afirmaram enfaticamente que “Não se deve abusar da paciência de um povo que suporta durante anos uma condição que dificilmente aceitaria os que têm maior consciência dos direitos humanos” (Medellín, Paz, n. 16)²⁷³.

A mesma constatação é feita pelos bispos em Puebla (1979), mediante a situação complexa do Continente, em meio a qual a Igreja é chamada a enfrentar profeticamente regimes sociais repressivos e uma violência institucionalizada contra o povo. Os bispos, à luz da fé, definiram essa situação de “Pecado Social”, um “insulto à miséria das grandes massas” e uma ofensa à honra do Deus Criador (Puebla, n. 28)²⁷⁴.

Por ocasião da V Conferência de Aparecida, a situação social da América Latina encontrava-se principalmente afetada pelo estabelecimento de uma nova ordem mundial, governada pelo regime neoliberal como sistema econômico e com a globalização que permeava todas as esferas da sociedade. Perante o novo contexto histórico-social, Aparecida dá visibilidade, com ênfase, à opção eclesial preferencial pelos mais pobres; à enculturação do Evangelho; à promoção da dignidade humana e seus direitos inalienáveis; a uma Igreja não exclusiva, nem excludente, mas inclusiva, emergindo para novas realidades e novos rostos²⁷⁵.

Quanto à inculturação do Evangelho, a V Conferência tende a valorizar as diferentes formas de cultura presentes em nosso Continente, pois a cultura é o patrimônio comum dos povos. O Documento de Aparecida chama atenção para “o modo particular com que os homens

²⁷¹ FERRARO, Benedito. *Reino de Deus*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 824.

²⁷² *Ibidem*, p. 824.

²⁷³ *Ibidem*, p. 825.

²⁷⁴ *Ibidem*.

²⁷⁵ *Ibidem*.

e os povos cultivam sua relação com a natureza e com seus irmãos, consigo mesmos e com Deus, a fim de conseguirem uma existência plenamente humana”²⁷⁶.

As Conferências do CELAM marcaram uma Igreja que assume a opção preferencial pelos pobres e, a partir deles, anuncia o Evangelho do Reino a todos e a todas, oferecendo-lhes a salvação como desejo de Deus Pai²⁷⁷. Por meio de Medellín, os ecos conciliares soaram na América Latina e no Caribe, onde a Igreja procurou consolidar essa opção preferencial pelos pobres a partir de uma teologia voltada para a realidade sofrida dos povos deste Continente. Essa Conferência fomentou um novo modo de ser Igreja, preocupado com os problemas sócio-políticos tão presentes nessa sociedade. Ela legitimou uma nova forma de organização eclesial, pautada nas “Comunidades Eclesiais de Base” (CEBs), cuja atuação propiciou a formação e consolidação das propostas da “Teologia da Libertação” (TL)²⁷⁸.

A Conferência de Aparecida continua aprofundando o tema “opção preferencial pelos pobres”, agora com novas exigências perante o novo contexto histórico-social em que vivemos. Em suas palavras, Bento XVI reforça esta marca: “A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, enriquecendo-nos com sua pobreza. Esta opção nasce de nossa fé em Jesus Cristo, o Deus feito humano, que se fez nosso irmão” (cf. Hb 2,11-12)²⁷⁹.

4.2.1. A dimensão política latente no anúncio do Reino de Deus feito por Jesus.

Os sentidos a serem abstraídos do termo “política” – (do grego: *πολιτικός* / *politikos*, significa “de, para ou relacionado a grupos...” e do grego antigo: *πολιτεία* / *politeía*, que indicava todos os procedimentos relativos à *pólis*, ou cidade-Estado. Do latim tardio: *politica*) – destacam-se os seguintes significados: Arte ou ciência de organização, direção e administração de uma nação ou sociedade; conjunto de atividades destinadas a manter a autoridade num Estado ou numa sociedade (*política de repressão*); conduta coerente tomada com relação a determinado assunto; atividade de quem participa diretamente da vida pública (*dedicar-se à política*); comportamento prudente e hábil para alcançar um objetivo (*atuar com política*)²⁸⁰.

²⁷⁶ DAp, n. 476.

²⁷⁷ FERRARO, Benedito. *Reino de Deus*. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, p. 825.

²⁷⁸ *Ibidem*.

²⁷⁹ DAp, n. 392.

²⁸⁰ DICIONÁRIO LAROUSSE, Vol. 18, p. 2083.

Resumindo, destacam-se dois sentidos do termo “política”: o primeiro, que faz referência à esfera da política institucional e, o segundo, que diz respeito à política em que cada pessoa expressa sua conduta, o modo como lida com as outras pessoas, seus valores e, principalmente, a maneira como encara as limitações e os problemas da sociedade, sejam eles resultados ou não das políticas institucionais²⁸¹.

Saber quem foi Jesus de Nazaré significa compreender além de suas palavras e suas obras, a sua pessoa e personalidade. Todo o mistério da encarnação, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré só será compreendido a partir de sua humanidade. Isso se resume no dizer coerente de Boff:

A encarnação de Deus não significa apenas que Deus se fez homem. Quer dizer muito mais. Ele participou realmente de nossa condição humana e assumiu nossos anseios mais profundos. Utilizou nossa linguagem marcada fortemente de conteúdos ideológicos, como era a ideia do Reino de Deus. Tentou esvaziá-la e dar-lhe um novo sentido de total libertação e absoluta esperança²⁸².

As testemunhas e comunidades que conviveram e creram em Jesus de Nazaré relataram suas experiências nos textos que chegaram até nós, nos quais, segundo Bingemer, podemos destacar três traços fundamentais da pessoa de Jesus. O primeiro traço é a “sua relação com Deus que ele chamava de *Abbá-Pai*”! Na prática, era uma relação de afeto entre o Pai e o Filho que se traduzia na obediência e na fidelidade mais absolutas. O segundo traço considera-se ser “a liberdade de Jesus que é a expressão mais forte de sua extraordinária personalidade”. E o terceiro traço é “o Reino de Deus que é o projeto de vida de Jesus porque é o projeto de Deus, seu Pai”. Reino onde Jesus de Nazaré, sem deixar de incluir todas as pessoas, prefere voltar o seu olhar para os “mais humilhados e diminuídos pelas estruturas opressoras da sociedade e da religião”²⁸³.

Sem dúvida, esses traços marcantes de Jesus nos levam a perceber que – no tempo e no contexto em que viveu – Ele foi extremamente crítico com os detentores do poder político/religioso durante todo o tempo. Jesus sabia perfeitamente que Israel era uma sociedade teocrática, onde a política e a religião eram inseparáveis. Conforme Bingemer, “tudo que é religioso é igualmente político e vice-versa. Portanto, a religião, suas normas e também seus interditos indicam quem está dentro ou fora das benesses socioeconômico-políticas”²⁸⁴.

²⁸¹ MAAR, Wolfgang Leo. *O que é política*, p. 9-16.

²⁸² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 7.

²⁸³ BINGEMER, Maria Clara L. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias Glorioso*, p. 52.

²⁸⁴ *Ibidem*, p. 42.

O confronto de Jesus com as autoridades judaica e romana de sua época se fundamenta em suas posições políticas bastante contrárias às daquelas autoridades que exerciam sobre o povo uma política dominante. Jesus fez sua opção por uma política desprovida de partidarismos judaicos, uma política de opção pela vida e libertação das pessoas. A pregação do Reino de Deus por Jesus de Nazaré suscitou uma nova ordem das coisas, uma tomada de consciência para a transformação radical e total “a todos os que lutam para sobreviver, para os que fazem a experiência diária da precariedade da sua vida”²⁸⁵.

Jesus se compadeceu dos excluídos e sofredores de sua época. Ele não fez acepção de pessoas. Sua bondade coloca-se além das tradições comumente aceitas em seu tempo, para fazer-se acolhida e oferta da graça a todo homem e a toda mulher. Acolheu Zaqueu que era rico e chefe dos publicanos; Mateus, o cobrador de impostos; Nicodemos, príncipe dos judeus e Maria de Magdala, a pecadora (cf. Lc 19,1-10; Mt 9,9; Mt 26,6-7; Jo 3,1-7; Lc 7,36-37). A nenhum deles censurou, apenas os acolheu com amor e ternura²⁸⁶. Atitude que revela ao mesmo tempo a absoluta novidade do Reino (cf. Mc 1,45) que Ele inaugura. Um Reino anunciado para todos, onde ninguém é excluído.

Em oposição às autoridades políticas e religiosas (fariseus, sacerdotes, escribas e Herodes), Jesus de Nazaré vai anunciando a inauguração do Reino de Deus que exige uma total reforma no plano pessoal e individual, de mentalidade e de estruturas. Prega uma caridade exigente e uma justiça perfeita que encerram seu desejo efetivo de valorizar homens e mulheres, feitos à imagem de Deus e chamados à posse de Deus para a vida plena. Nesse contexto, citamos Comblin:

Jesus levanta a voz contra aqueles que representam, na sua época e no seu povo de Israel, as forças de morte: os chefes dos sacerdotes, os doutores da lei e os chefes das famílias poderosas. Mesmo sabendo que eles têm o poder de matá-lo, Jesus denunciava neles a presença das forças de morte. Com o seu culto, a sua lei e a sua propriedade, eles destroem, reduzem à condição miserável dos pobres do seu país. Jesus vem defender esses pobres tão maltratados. Anuncia e inicia a vitória da vida”²⁸⁷.

Para tanto, notamos que a práxis política de Jesus denuncia as injustiças de sua época causadas pelo poder dos ricos e poderosos sobre os mais pobres. A situação daqueles que vivem à margem e são explorados e escravizados marcou a sua vida. Segundo Mosconi, Jesus “veio para fazer nascer uma nova consciência, livre, não manipulada pelo poder, pelo medo e pelas

²⁸⁵ COMBLIN, José. *A vida: em busca da liberdade*, p. 25.

²⁸⁶ Cf. ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*, p.159.

²⁸⁷ COMBLIN, José. *A vida: em busca da liberdade*, p. 37.

Leis. Os escravos recuperavam a liberdade”²⁸⁸. Numa sociedade dividida e injusta, Jesus de Nazaré, com seu jeito de anunciar o Reino, provoca uma verdadeira revolução social que, de certa forma, incomodou o poder envolvido em um sistema político-econômico explorador e injusto. Provavelmente aí, inicia-se seu processo de condenação que o leva à morte e morte de cruz.

4.2.2. A modernidade e a espiritualização (esvaziamento político) do Reino de Deus.

Ao longo desses últimos séculos muito se fala sobre a modernidade. Na busca de conceituar esse paradigma, o filósofo social Giddens defende que a “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII (...) e se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”²⁸⁹. Em sua pesquisa sobre a modernidade o autor debate que ela sempre esteve presente nas Ciências Sociais e que esse “tema é um mundo que nos apanhou de surpresa”²⁹⁰. Suas diversas análises sobre o tema, concordam, de modo geral, com o caráter fugaz e transitório desse modo de vida que foi institucionalizado com a consolidação da sociedade capitalista a partir do século XVIII.

Segundo Giddens, dentro ainda desse debate, apresenta um olhar atento sobre a natureza própria da modernidade e ressalta que o pensamento sociológico clássico, por ter como objeto a própria ação social moderna, não conseguiu pensar o grau de dinamismo que alcançaria a modernidade. O autor afirma que deverá haver uma nova teoria social que possa dar conta da complexidade da sociedade contemporânea.

Se formos compreender adequadamente a natureza da modernidade, quero argumentar, temos que romper com as perspectivas sociológicas (...). Temos que dar conta do extremo dinamismo e do escopo globalizante das instituições modernas e explicar a natureza de suas descontinuidades em relação às culturas tradicionais²⁹¹.

O autor acredita ainda que vivemos a radicalização da modernidade, isto é, um tempo em que aquele modo de vida iniciado no século XVII tenha chegado ao seu ápice e que as consequências da modernidade nos colocam diante de um fenômeno de dois gumes. De um lado, vivemos numa época caracterizada pelas “incertezas manufaturadas”, entendidas,

²⁸⁸ MOSCONI, Luís. *Evangelho segundo Lucas: algumas pistas para uma leitura contemplativa, espiritual e militante*, pp. 46-47.

²⁸⁹ GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*, p. 11.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 37.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 25.

segundo Giddens, como as várias situações de riscos às quais a sociedade contemporânea está submetida, cujos riscos são produtos da crescente ação humana sobre a natureza, sobre os modos sociais e, conseqüentemente, sobre a totalidade da vida. Por exemplo, o risco de uma guerra nuclear ou de um desastre ecológico²⁹².

Por outro lado, a “reflexividade”, onde o autor observa que ela também caracteriza a radicalização da modernidade, ou seja, a “reflexividade moderna” deve ser lida como uma maior autonomia dos sujeitos, assegurada e ao mesmo tempo, exigida pela sociedade atual. “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter”²⁹³.

Em suma, por um lado escreveu Vergote: “moderno implica uma certa ruptura com a tradição, bem como um progressismo otimista”²⁹⁴, por outro, Giddens também defende que vivemos numa sociedade “pós-tradicional”, na qual o debate reflexivo gerado pela radicalização da modernidade promove maior autonomia no sujeito. No entanto, o autor salienta que os valores herdados do Iluminismo (racionalidade) como a fé cega no homem e na ciência trazem riscos e incertezas na medida em que o homem percebe que o progresso sem controle poderá colocar em cheque a vida da humanidade. Nesses termos, ele enfatiza que a vida moderna, ou o mundo em que vivemos hoje é coberto de riscos e incertezas porque se perdeu o controle da própria ação humana²⁹⁵. Essas e outras semelhanças sobre a análise de modernidade encontramos também no pensamento de Bauman.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. (...) Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade ²⁹⁶.

O termo espiritualidade, por sua vez, no contexto de pós-modernidade, é bastante efervescente. Alguns pesquisadores afirmam que a busca da “espiritualização” pelas pessoas hoje – vista como uma das principais causas – é o desencanto com a modernidade e as suas

²⁹² GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*, p. 45.

²⁹³ *Ibidem*.

²⁹⁴ VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo: interrogações e críticas recíprocas*, p. 39.

²⁹⁵ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*, p. 37.

²⁹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*, pp. 8-9.

promessas não completamente realizadas. Ao acreditarem que o ser humano, por si só, seria suficientemente capaz de solucionar todas as questões que lhe afetavam enquanto indivíduo ou como ser social, constataram que, na realidade, isso não ocorreu. Segundo Bingemer: “Se na modernidade parecia que tudo apontava para um mundo sem Deus e sem perspectiva de religiosidade, na pós-modernidade ocorre uma volta ao transcendente. Há uma ânsia cada vez maior de experiências e de práticas religiosas”²⁹⁷.

Em consequência da busca do significado derradeiro da grande aventura tecnológica e dos seus desencantos, verifica-se na maioria das pessoas uma sede generalizada de espiritualidade²⁹⁸ e uma fome de encontrar a sua própria “felicidade”. Muitas pessoas declaram-se descontentes com os modelos religiosos já existentes e saem à procura de “algo novo”, à procura de uma experiência profunda do Mistério de Deus, isto é, uma experiência mística. No caminho encontram elementos de diversas religiões e vão experimentando todas. Há um retorno do religioso, ainda que não seja propriamente do sagrado, na medida em que certas expressões religiosas não são transcendentais. Esse “novo paganismo”, seja como for, é a expressão da anemia espiritual desse tempo, dado que se toma distância das matrizes religiosas ocidentais e se volta para experiências alternativas e individualistas²⁹⁹.

O fenómeno da “espiritualização contemporânea” expressa os novos sinais dos tempos. Na precariedade do presente acontece o esvaziamento político do Reino de Deus, um Reino “banido” por toda parafernália trazida pela modernidade e “adormecido”, ora no longo silêncio contemplativo individual, ora no barulho de louvor comunitário do “cerco de Jericó” ou das celebrações de “cura e libertação”. O Reino político também se dissolve nos “megaespectáculos” das redes religiosas de televisão. Enquanto isso, de acordo com os dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), os níveis de pobreza e de extrema pobreza aumentaram na América Latina entre 2015 e 2016 e alcançaram 30,7% da população. Segundo o Organismo Internacional, oito milhões de pessoas passaram para a pobreza nesse período na região³⁰⁰.

²⁹⁷ BINGEMER, Maria Clara L. *O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença*, p.19.

²⁹⁸ NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA. Verbete: *Espiritualidade*. O Conceito de espiritualidade é recente, impreciso e polivalente. Para Urs Von Balthasar, é: “a atitude básica, prática ou existência própria do homem e que é consequência e expressão de sua vida religiosa” (...), p. 185.

²⁹⁹ DIOCESE DE OSASCO. *O fenómeno religioso: ser católico no meio do pluralismo religioso*, p. 9.

³⁰⁰ Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/cepal-pobreza-aumenta-na-america-latina-e-alcanca-307-da-populacao/>> Acesso em 29 de julho/2018, às 21h17min.

Estes dados deveriam nos incomodar, considerando que quase a metade dos fiéis católicos do mundo reside na América Latina (48%)³⁰¹. Concluímos, então, que nos distanciamos dos ensinamentos de Jesus que nos ensinou simplesmente a rezar o “Pai Nosso” (Mt 6,9-10; Lc 11,2-4) e nos mostrou seu jeito verdadeiro de orar e viver: “Naqueles dias, ele foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus” (Lc 6,12; Mc 6,46; Mc 1,35; Lc 5,16). Depois, descendo a montanha, “percorria todas as cidades e povoados ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9,35).

Nos Evangelhos Jesus nos ensina que a oração é abandono confiante nas mãos do Pai e nos move para a ação: “Então, Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, abençoou-os e deu aos discípulos para que distribuíssem à multidão” (Lc 9,16). Essa foi a vivência do Reino de Deus experimentada pelos primeiros discípulos de Jesus. Os apóstolos faziam crescer cada vez mais o espírito de comunhão entre eles, princípio básico de evangelização: “Com grande poder davam o testemunho da ressurreição do Senhor (...). Não havia entre eles necessitado algum (...). Distribuía-se então, a cada um, segundo sua necessidade” (At 4,33-35).

O desafio permanece, pois no momento, segundo Boff, “há o perigo de se esquecer da dimensão da solidariedade e fraternidade próprias da espiritualidade da libertação”³⁰². Precisamos de um mundo justo e fraterno, possível por meio de nossas ações conscientes, para restaurar e curar as feridas da humanidade e transformar as realidades. Quais são nossas ações diante dessa realidade de esvaziamento político do Reino e onde fica Deus nessa história? Nas narrativas bíblicas encontramos a espiritualidade libertadora que nos inspiram o amor político como resposta à vontade de Deus e ao clamor dos excluídos no mundo de hoje. Amor que consiste em aliviarmos o peso de todo o sofrimento, provações e injustiças colocados nos ombros dos pobres e excluídos: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso (...), pois meu jugo é suave e meu fardo é leve” (Mt 11,28-30).

³⁰¹ Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/aumenta-o-numero-de-catolicos-no-mundo-inteiro/>> Acesso em 29 de julho/2018, às 21h46min. Estas são as informações apresentadas pelo Anuário Pontifício 2018 e pelo *Annuario Statisticum Ecclesiae* 2016, redigidos pelo Departamento Central de Estatísticas da Igreja.

³⁰² BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 37.

4.3. A pedagogia utilizada por Jesus e sua relação com o Reino de Deus.

A Boa Nova de Jesus estava intrinsecamente ligada ao anúncio do reinado de Deus. Evidentemente, esse Reino do qual Deus é o governante ocupa um lugar central na vida de Jesus e na mensagem de Jesus. O Reino habita seu coração, ocupa seus pensamentos e concentra todo o seu ensinamento. Esse Reino, Jesus de Nazaré magistralmente no-lo ensinou através das parábolas. Segundo Hubaut, “Indubitavelmente, Jesus foi um maravilhoso narrador de histórias que possuía a arte de utilizar a parábola”³⁰³. A parábola, em sua forma mais simples, é uma comparação tomada da natureza e da vida cotidiana. No tempo de Jesus, era comum usar parábola para ensinar ou explicar uma verdade complexa e profunda. Alguns conceitos são difíceis de explicar, porque são abstratos; mas dentro de uma história, os conceitos têm uma aplicação prática e se tornam mais fáceis de entender no contexto do dia a dia. Para maior clareza, o autor explica:

No ensinamento de Jesus, a parábola é uma comparação entre um fato ou evento conhecido por seus ouvintes e uma realidade invisível: a do Reino de Deus. Essa comparação pode ser declarada em uma frase ou, quando se desenvolve mais, pode se tornar uma história. Na verdade, geralmente é mais um convite para refletir sobre o nosso comportamento do que um ensino didático, e quase sempre faz com que nossa atenção seja bem-vinda. É uma maneira inteligente de ajudar, com base em histórias e personagens interpostos, a nos olharmos com olhos críticos³⁰⁴.

Jesus, em seu agir, nos abre o caminho e nos indica uma maneira necessária para o processo de ensinar e evangelizar que seja realmente libertador. A grande capacidade de comparar o mistério de Deus com as coisas mais simples do cotidiano da vida das pessoas, supõe duas coisas que marcaram a pedagogia de Jesus: a primeira é que Jesus conhecia muito bem as coisas de Deus cujo Reino ele se sentia impelido a anunciar. A segunda: Jesus conhecia também a vida de seu povo. Estava imerso em Deus e na realidade da vida do povo que era a sua própria história, situado em uma realidade humana. Nascido de uma mulher no seio de uma família, teve histórias, crenças, valores e práticas que unificaram e orientaram sua vida em relação a Deus, enquanto origem e meta da existência humana. A plena humanidade de Jesus comporta historicamente uma plena assunção de seus sentimentos humanos, em particular da ternura como ato de afeição, vivência orientada ao bem-querer e à piedade, à solicitude e ao cuidado para com o outro³⁰⁵.

³⁰³ HUBAUT, Michel. *Orar las Parábolas: Acoger el Reino de Dios*, pp. 11-19.

³⁰⁴ *Ibidem*, pp. 15-16.

³⁰⁵ ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*, p. 157.

Jesus de Nazaré veio para anunciar e salvar com solicitude: “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. Para isso é que fui enviado” (Lc 4,43). Veio dar novo sentido para a vida pessoal e comunitária, contribuindo para o processo de aprendizagem social através de sua pedagogia própria. Seu ensinar e agir estavam em íntima relação com a sabedoria extraída da vida diária. A veracidade de um ensinamento com solicitude parte da experiência pessoal e do senso comum do ouvinte, cujo ensinamento é levado ao encontro das necessidades, da recuperação e da promoção da pessoa humana. A experiência cotidiana para Jesus constituía-se fonte de sabedoria, orientação e libertação³⁰⁶.

Ele ensinava seus discípulos a consultar a própria experiência para tomarem as atitudes corretas em relação à vida. As parábolas oferecem indicações para um correto agir dos homens e das mulheres em relação à íntima união com Deus e com os outros, seja no âmbito individual ou comunitário. As experiências do cotidiano da vida do povo exemplificavam claramente e esclareciam mais bem a ação pedagógica e magistral de Jesus de Nazaré, que sempre esteve atento à realidade de sua época. Por isso, ensinava por meio de parábola que ajudava as pessoas a descobrirem, a enxergarem melhor a presença do Reino de Deus. Essa era a novidade da Boa Nova trazida por Jesus, diferente do ensino dos doutores de sua época (cf. Mc 1,22.27)³⁰⁷.

4.3.1. Falar do Reino de Deus por meio de parábolas.

Os profetas, no Antigo Testamento, anunciavam que “chegaria um dia” em que a soberania de Deus se manifestaria plenamente e seu Reino seria reconhecido por todos e toda a criação – terrestre e celeste – seria verdadeiramente seu Reino. Um Reino que os profetas associavam sempre à justiça, à misericórdia e à paz como a maneira própria de Deus manifestar seu poder e sua glória. Os profetas anunciavam também a vinda de um Messias, descendente da casa de David, a quem Deus entregaria todos os seus poderes. O Novo Testamento atesta a fé das primeiras comunidades cristãs no cumprimento dessa promessa feita por Deus junto ao seu povo, de uma vez por todas. Seu Filho Jesus vem fazer morada junto ao povo de Israel, revelando os mistérios do Reino de Deus através das parábolas, suscitando a esperança e animando a vida de todas as pessoas³⁰⁸.

O “Mistério do Reino” é, pois, o tema central do conjunto das parábolas de Jesus. Nesse sentido, Ele vai revelando e desvelando os mistérios de Deus para todos os seres

³⁰⁶ DONZELLINI, Mary. *A pedagogia de Jesus*, pp. 29-30.

³⁰⁷ *Ibidem*, pp. 29-30.

³⁰⁸ HUBAUT, Michel. *Orar las Parábolas: Acoger el Reino de Dios*, pp. 18-19.

humanos, incluindo os mais humildes: “Anunciava-lhes a Palavra por meio de muitas parábolas como essas, conforme podiam entender; e nada lhes falava a não ser em parábolas, aos seus discípulos, porém, explicava tudo em particular” (Mc 4,33-34). As parábolas se apresentam, assim, como um instrumento pedagógico privilegiado para abrir o ser humano a um mistério que supera suas capacidades naturais de compreensão. Elas foram ditas por Jesus em função da situação concreta das comunidades daquela época e continuam, ainda hoje, nos suscitando uma vivência concreta sobre a realidade do Reino.

Ele dizia: “O Reino dos Céus é semelhante ao homem que semeou boa semente em seu campo” – afirmando que o Reino tem uma dinâmica positiva que faz germinar a vida, muito embora encontre resistência nas pessoas (lugares pedregosos e terra pouco profunda – Cf. Mt 13,5) e também nas estruturas sócio-políticas (os espinhos que crescem e abafam (*απεπνιζαν*) a semente³⁰⁹). A parábola do joio e do trigo (Mt 13,24-30) nos ensina a sábia paciência de Deus. “O Reino dos Céus é ainda semelhante à rede lançada ao mar, que apanha tudo”. A parábola da rede (Mr 13,47-50), apesar de tudo, quer mostrar a rede lançada com esperança, pois, Deus sempre espera em cada um de nós o que é bom³¹⁰.

Mateus descreve seis parábolas do Reino, ao longo dos versos de um ao cinquenta do capítulo treze do seu evangelho: “Naquele dia, saindo Jesus de casa, sentou-se à beira mar. Em torno dele reuniu-se uma grande multidão. E disse-lhes muitas coisas em parábolas” (Mt 13,1-3). São elas: Parábola do semeador (13,1-9), Parábola do joio (13,24-30), Parábola do grão de mostarda (13,31-32), Parábola do fermento (13,33), Parábola do tesouro e da pérola (13,44-46) e, finalmente, a Parábola da rede (13,47-50). Mateus escreveu ainda, ao longo do seu evangelho, mais nove parábolas sobre o Reino de Deus: a Parábola da casa edificada sobre a rocha (7,21-27), Parábola do devedor implacável (18,23-35), Parábola dos trabalhadores enviados à vinha (20,1-16), Parábola dos dois filhos (21,28-32), Parábola dos vinhateiros homicidas (21,33-44), Parábola do banquete nupcial (22,1-14), Parábola das dez virgens (25,1-13), Parábola dos talentos (25,14-30) e a Parábola do último julgamento (25,31-46). Foram quinze parábolas do Reino citadas no Evangelho de Mateus.

No Evangelho de Marcos, as parábolas do Reino marcam o capítulo quatro, nos versos de um ao trinta e dois e são apenas três: Parábola do semeador (4,1-9), Parábola da semente que germina por si só (4,26-29) e a Parábola do grão de mostarda (4,30-32). No capítulo dois, no

³⁰⁹ *αποπνιγω* – sufocar/sufocar. Esse verbo também é utilizado no caso de “sufocar uma rebelião”, apresentando o caráter político do Reino.

³¹⁰ MICHELETTI, Guillermo Daniel. *As 12 parábolas de Jesus: para usar na catequese em forma de leitura orante*, p.27.

debate sobre o jejum, o evangelista menciona o ensinamento de Jesus dito nas seguintes parábolas: Parábola dos amigos do noivo, as parábolas do remendo novo em roupa velha e vinho novo em odres velhos (2,18-22).

São muitas as parábolas descritas em Lucas e o seu evangelho é o que mais apresenta o termo “Reino de Deus”. Desse Evangelho tiramos quinze parábolas que falam mais diretamente sobre o Reino de Deus: Parábola do bom samaritano (10,29-37); Parábola do amigo inoportuno (11,5-13); Parábola do rico insensato (12,13-21); Abandonar-se à Providência (12,22-32); Parábola da figueira estéril (13,6-9); Parábola do grão de mostarda (13,18-19); Parábola do fermento (13,20-21); Parábola dos convidados do banquete (14,15-24). Lucas apresenta, ainda, três parábolas da misericórdia: A ovelha perdida (15,4-7), a dracma perdida (15,8-10) e a Parábola do filho perdido e reencontrado (15,11-32). Apresenta a Parábola do homem rico e o pobre Lázaro (16,19-31); Parábola da viúva e o juiz indiferente (18,1-8); a Parábola do fariseu e o publicano (18,9-14) e a Parábola da figueira (21,29-33).

Evidente que não precisamos fazer aqui uma exegese ou uma explicação minuciosa sobre cada uma das Parábolas de Jesus sobre o Reino de Deus. Restringimo-nos a citar de forma sintetizada as várias parábolas contidas nos Evangelhos Sinóticos. Em tal perspectiva, as parábolas devem ser progressivamente colhidas em suas riquezas de ensinamentos por todos e todas que se propõem à tarefa de catequizar, de evangelizar. As parábolas possuem elementos essenciais capazes de entreabrir-se frente à criança, por exemplo, mas também quando ela se torna adolescente e adulta. Nas parábolas, “as imagens são sempre dinâmicas: a semente nasce; a rede lança-se ao mar; o rico banqueteia-se; mulher a procura da dracma”³¹¹. Além do mais, as parábolas devem nos levar em direção a uma compreensão cada vez mais profunda da nossa realidade sócio-política, com as exigências vitais mais essenciais, enquanto experiência de amor, que coincide com uma plenitude de vida para toda a criação³¹².

4.3.2. Testemunhar os valores do Reino por meio da correção fraterna.

O percurso que iniciaremos sobre “a correção fraterna”, portanto, é fundamental, mas em grande medida muitas vezes passa por nós despercebida. Senão pela carência da observação dos ensinamentos nos textos bíblicos, mas também pela ausência da *práxis* cotidiana que “coloca em crise toda uma maneira de ser cristão que permanece na superfície ou se contenta

³¹¹ DONZELLINI, Mary. *A pedagogia de Jesus*, p. 42.

³¹² Cf. LS (n. 65-75), p. 53.

com um cristianismo medíocre”³¹³. Sem a correção fraterna de uns para com os outros não se responde plenamente ao “evangelho do amor” expressado por Jesus com duplo imperativo: “amarás”. “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. “Desses dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas” (Mt 22,37-40).

Vários são os ensinamentos sobre o agir misericordioso de Jesus na vida das pessoas da sua época. O Evangelho de Mateus, no capítulo dezoito, recolhe e reúne alguns desses ensinamentos para dar aos cristãos da sua comunidade e para as gerações futuras as orientações da mensagem central de Jesus que indicam a misericórdia como decisiva e absolutamente necessária nas relações entre irmãos e irmãs. Escreve Rocchetta:

O agir de Jesus constitui, na realidade, um “lugar teológico” de revelação não menos importante que sua transmissão em forma verbal. Os atos de Cristo não representam simplesmente anedotas ou bons exemplos, mas as *encarnações históricas da ternura de Deus-Trindade e uma epifania da sua ternura invisível*, como o é a totalidade da corporeidade do Verbo encarnado “inabitada pela plenitude da divindade” (Cl 2,9). Naquele agir imanente se manifesta o “*Deus absconditus*” (Is 45,45), o Deus transcendente (Jo 1,18), e se nos dá a possibilidade de apreender como o Onipotente se faz próximo da humanidade, com uma ternura absolutamente concreta, universal e pessoal, modelo e forma de toda ternura³¹⁴.

Dizer “misericórdia” ou dizer “ternura”, definitivamente, segundo Rocchetta, é dizer “Jesus Cristo que nos amou e se entregou por nós. A ternura se fez pessoa no Crucificado”³¹⁵. A entrega de Jesus Cristo por nós é seguramente conferida em todo o seu agir histórico, “o seu fazer-se próximo dos marginalizados, dos indefesos e de todos os que se encontram em situação de dificuldade ou de necessidade”³¹⁶, incluindo a acolhida dos publicanos e dos pecadores, dos doentes e endemoninhados, das mulheres, das crianças e dos pequeninos, dos inimigos e dos malfetores. Em todos os episódios de acolhida e encontro de Jesus com seus interlocutores se manifesta a ação do amor salvífico de Deus dirigido a todos e todas, ninguém excluído (cf. Lc 19,9-10).

Particularmente expressivos são os episódios em que Jesus fraternalmente corrige os seus discípulos quando eles lhe perguntam: “Quem é o maior no Reino dos Céus”? (Mt 18,1). E Jesus lhes responde: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus” (Mt 18,3). Noutro episódio, eis

³¹³ ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*, p. 17.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 155.

³¹⁵ *Ibidem*, p. 154.

³¹⁶ *Ibidem*, pp. 155-156.

a primeira palavra de Jesus: “Se o teu irmão pecar, vai corrigi-lo a sós. Se ele te ouvir, ganhaste o teu irmão” (Mt 18,15). O pedido de Jesus para a correção e a reconciliação entre os que estão em conflito, entre o que ofende e o ofendido, não fica apenas no âmbito privado, mas também em nível comunitário, implicando a reponsabilidade individual e social de cada sujeito como experiência básica do amor ao próximo e não como um procedimento jurídico a ser observado pela Lei. Jesus, certamente, se inspira no que se lê em Levítico: “Não terás no teu coração ódio pelo teu irmão. Deves repreender o teu compatriota e, assim, não terás a culpa do pecado. Não te vingarás e não guardarás rancor contra os filhos do teu povo. Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19,17-18; cf. também Eclo 19,13-17).

O Papa Francisco nos adverte: “Não se pode corrigir uma pessoa sem amor e sem caridade”. Igualmente, Francisco nos previne ainda que a correção deve ir sempre acompanhada da verdade: “Não se deve dizer algo que não seja verdade. Quantas vezes nas nossas comunidades são ditas coisas de outra pessoa que não são verdadeiras, mas calúnias. Ou, se são verdadeiras, se acaba com a fama daquela pessoa”³¹⁷. Nem sempre somos capazes de nos comportarmos com caridade e amor em relação aos defeitos dos outros, sendo nós mesmos sujeitos às fraquezas, agindo como hipócritas cegos, como diz Jesus: “Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás bem para tirar o cisco do olho do teu irmão” (Mt 7,5). O Papa explica ainda que a correção fraterna é um ato para curar o corpo da Igreja, e que devemos fazê-la com amor, com caridade, com humildade e verdade.

A Encíclica *Veritatis Splendor*, de São João Paulo II, trata sobre o tema da verdade, assim iniciando seu texto: “O Esplendor da Verdade brilha em todas as obras do Criador, particularmente no homem criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26); a verdade ilumina a inteligência e modela a liberdade do homem (...)”³¹⁸. Assim há de acontecer até que o Espírito nos conduza à verdade completa (cf. Jo 16,13), aquela verdade que nos liberta, que possibilita espaços de autonomia, alteridade, abertura ao mundo e novas experiências que consentem o enriquecimento da nossa fé, esperança e caridade.

Para aqueles que se deixaram penetrar pela dinâmica do Reino, a correção fraterna deve ser realizada com extrema caridade, configurando a partir dela o seu *modus operandi*. A correção fraterna deve ser válida, senão para todos os casos, pelo menos para a maior parte deles, considerando, inclusive, aqueles mais graves, nos quais, caso haja esperança de emenda, ainda se possa aplicá-la. Dessa forma, o preceito da correção fraterna obriga a corrigir o pecador

³¹⁷ Disponível em: <<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-nao-se-pode-corrigir-uma-pessoa-sem-amor-e-sem-caridade-45524>> acesso em 20 de agosto/2018, às 16h40min.

³¹⁸ VS, p. 5.

com cuidado para que este tenha o mínimo de prejuízo temporal e espiritual, ou seja, que todo o processo seja realizado de tal maneira que haja o menor dano possível para sua fama.

4.3.3. Recursos utilizados por Jesus na formação de seus discípulos e no ensinamento à multidão, para a vivência do Reino.

O reconhecimento dos contemporâneos de Jesus de que ninguém se mostrara tão comprometido quanto Ele para ensinar e agir conforme ensinava o define como Mestre³¹⁹. Ao longo do seu ministério, Jesus ajuntou para si discípulos, dos quais Ele escolheu doze e os chamou de apóstolos (cf. Lc 6,13). Os apóstolos estavam empenhados em aprender e imitar cada ensinamento dado pelo Mestre. Jesus atraiu também uma imensa multidão de pessoas vindas de vários lugares que desde a antiguidade o seguiram para ouvi-lo, porque se sentiam atraídos por seus ensinamentos, sua acolhida e suas curas (cf. Lc 17-19).

Segundo Price, alguns elementos eram inerentes à personalidade de Jesus, uns religiosos e outros, sem dúvida, humanos, os quais Ele desenvolveu a partir de sua própria experiência de vida terrena. Jesus sempre esteve envolvido com a verdade, por isso ensinava com autoridade (*auctoritas* – Cf. Mt 7,28-29). Ele sempre teve o desejo de servir com amor/cuidado, esmerou-se para apresentar-se acessível às pessoas, com uma proposta e um projeto para aproximá-las, trazê-las para perto dele de maneira que elas pudessem aprender de suas palavras e de suas ações as maravilhas do Reino de Deus. Sem essa qualidade, aquele e aquela que ensinam serão “como bronze que soa ou como címbalo que tine” (1Cor 13,1)³²⁰.

Vários foram os recursos dos quais Jesus utilizou para a formação de seus discípulos e para ensinar a multidão. Provinham, é certo, de sua experiência e preparo, e eram empregados de acordo com as necessidades dos seus ouvintes, seguidores e seguidoras. Neste pequeno espaço (item) de que dispomos, faremos referências breves e de caráter geral sobre esses recursos, sem a intenção de reduzi-los ou menosprezar a sua importância. Ao contrário, devido a sua relevância para os catequistas e educadores de hoje, queremos aqui suscitar esse assunto.

³¹⁹ A palavra *Mestre*, aplicada com propriedade pelos estudiosos da educação, diz respeito àquele que se esmera no preparo didático da aula. A definição encontrada no Dicionário HOUAISS é de que *Mestre* é a “pessoa dotada de excepcional saber, competência, talento em qualquer ciência ou arte”. Nos Evangelhos a palavra *Mestre* era o nome dado aos chefes espirituais israelitas. *Rabbi*, *Rabôni* que significavam, meu senhor, meu mestre. Jesus é o “*Mestre*” (Mc 4,38; Mc 5,35; Mc 9,17.38; Mc 10,17.20.35; Mc 12,14.19.32; Mc 13,1; Mc 14,14); o “*Rabi*” (Mc 9,5; Mc 11,21; Mc 14,45) ou “*Rabbûni*” (Mc 10,51). São 16 citações em que Jesus é chamado assim. Portanto, é Ele quem ensina! (Cf. CHAVE BÍBLICA CATÓLICA. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2012, p. 295-296).

³²⁰ PRICE, John Milburn. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*, pp. 9-15.

Primeiramente, está bem claro que Jesus usou livremente as Escrituras do Antigo Testamento. Ele conhecia bem o conteúdo a ser ensinado, pois fez referências aos livros dos profetas Isaías e Zacarias, aos Salmos, Deuteronômio e outros. No Evangelho de Marcos, em várias passagens, Jesus faz referência ao livro do profeta Isaías quando repreende os fariseus por sua adoração superficial a Deus apenas com os lábios, enquanto seus corações estavam longe dEle (cf. Mc 7,6). Nessa passagem, Jesus reporta ao próprio profeta para condenar a dureza dos corações dos fariseus (cf. Is 29,13).

Ainda em Marcos, por ocasião da proximidade de sua condenação, Jesus faz menção ao profeta Zacarias dizendo que seus discípulos seriam dispersados como ovelhas sem pastor quando Ele fosse preso e condenado à morte (cf. Mc 14,27 e Zc 13,7). Referiu-se aos Salmos quando explicou que Ele era a pedra angular da nossa fé (cf. Mc 12,10-11; Sl 118,22-23).

Em Mateus, disse aos discípulos: “Não desprezeis nenhum desses pequeninos, porque eu vos digo que os anjos nos céus vêm continuamente a face de meu Pai que está nos céus” (Mt 18-10). Com esta passagem, Jesus faz referência ao livro do Deuteronômio que diz: “Portanto, amarás a *Iahweh* teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força (...) Tu as inculcarás aos teus filhos e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé” (Dt 6,5-7).

Em segundo lugar, Jesus era atento observador do mundo natural, das forças da natureza, fazendo constantes referências a elas e usando-as como material para o seu ensino. Observou os ventos “soprando onde querem”, o sol “brilhando sobre bons e maus” e a chuva “caindo para os justos e injustos”. Belíssimo foi seu ensinamento sobre a confiança na Providência, quando usou alguns elementos da natureza: “Olhai as aves do céu”, “Observai os lírios do campo”. “Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã se preocupará consigo mesmo” (cf. Mt 6,25-34). Particularmente em suas parábolas, Jesus referenciou várias vezes aos animais, citando as ovelhas, as raposas, os porcos, as serpentes. Falou sobre as sementes e plantas, como o grão de mostarda, o trigo, o joio, a figueira. Falou ainda sobre a luz, o solo, redes, barco, tesouro, arado, o mar e os peixes.

A sensibilidade de Jesus, ou seja, seu modo atento às situações que surgiam na vida de seu povo com quem convivia, dos afazeres comuns e diários daquela gente, indica um recurso a mais utilizado por Ele e uma inspiração para ensinar como Ele ensinou. Segundo Morin, “conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Todo o conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável

de “Onde estamos?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”³²¹. Jesus nunca concebeu nossa humanidade de maneira insular, mas sempre considerou o ser humano como uma unidade complexa, da matéria física e do espírito dos quais somos constituídos³²².

Sendo assim, em seu convívio com as pessoas, Jesus ia revelando familiaridade com os afazeres temporais de sua gente, pois conhecia bem as medidas do alqueire, das talhas de água, dos odres de vinho, das festas, do lidar com as lâmpadas de óleo, do remendar as vestes, o valor de uma dracma, o trabalho nos moinhos de trigo, as alegrias e as tristezas de seu povo, entre outros. Nada escapava aos seus olhos vigilantes, tirando dessas experiências as práticas eficazes para formar seus discípulos, ensinar e promover a condição humana de todas as pessoas que o acompanhavam. Esse jeito de Jesus se traduz no poema de autor desconhecido, citado por Price, “Jesus – Modelo de Mestre”:

Jesus era claro, preciso, objetivo. Seu quadro-negro era o chão, o giz, seu próprio dedo. Usava como ilustração o que estava mais perto, o que estava à vista de todos; como uma árvore, a natureza, uma criança. Tinha apenas duas turmas de alunos: os doze apóstolos e a multidão. Sua sala de aula tinha por teto o céu, por banco, a própria relva. Dava, às vezes, aulas particulares como à Samaritana; aulas audiovisuais enquanto caminhava; aulas diurnas ou noturnas, como a Nicodemos. Ensinava no mar e em terra firme, no monte ou em casa, no templo ou caminhando. O esboço de suas aulas estava em sua própria mente; preparava-se em oração ao Pai. Incansável Mestre, seu tempo de ensinar era sempre³²³.

As motivações aqui apresentadas, longe de concluir a inesgotável fonte sobre o conhecimento de Jesus, quer motivar os anunciadores do Evangelho a passar de uma catequese pautada numa concepção doutrinal, para uma catequese que promova a liberdade, que conheça o amor genuíno, que sinta para seguir, que saiba para fazer e que aprenda para ensinar e conviver com a diversidade dos dons. Trata-se de viver a Boa Nova reinventando-a novamente em nossa vida presente³²⁴.

4.3.4. Jesus e seus conflitos com os fariseus.

O vocábulo hebraico “*p'rushim*” (פרושים), ou “fariseus” em português, apesar de ser controvertida a sua exata origem e de ter significado incerto, pode ser traduzido por: “separados” ou “separadores”, isto é, aqueles que distinguem, que expõem a lei. Muitos

³²¹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, p. 47.

³²² MONDIN, Battista. *O homem, quem ele é?* : Elementos de antropologia filosófica, pp.11-12.

³²³ PRICE, John Milburn. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*, p.8.

³²⁴ COMBLIN, José. *Evangelizar*, p. 10.

estudiosos apontam que eles são os sucessores do grupo religioso denominado “*chassidim*” (os piedosos), que teve papel importante em apoiar a revolta dos “*macabim*” (macabeus) por volta dos anos 167 a 142 a.C. O grupo religioso, partido ou seita de nome “fariseus” é frequentemente mencionado nos Evangelhos e tido quase sempre como extremamente hostil a Jesus³²⁵.

Os Evangelhos são unânimes em mostrar a mútua hostilidade entre Jesus e os fariseus. O comportamento agressivo dos fariseus em relação a Jesus aparece desde o começo nos relatos dos Evangelhos e, provavelmente, encontra sua razão de ser no temor dos fariseus de perderem sua posição de chefes espirituais. Por isso, os Evangelhos aludem diversas vezes ao exclusivismo orgulhoso dos fariseus (cf. Mt 9,10-13; Mc 2,15-17; Lc 5,29-31; Lc 18,9-14; Jo 7,45-49). Os fariseus vigiavam Jesus de perto para encontrar Nele alguma falha (Jo 4,1); tentavam armar-lhe laços para apanhá-Lo numa resposta errada (cf. Mt 22,15; Mc 12,13; Lc 20,20) e propunham ao Mestre de Nazaré questões acerca da interpretação da Lei (Mt 22,34). Do ponto de vista dos fariseus, Jesus era considerado um impostor, um inimigo público, passível de ser questionado a respeito de tudo. Os fariseus se escandalizam com a sua conduta, sua ligação com os publicanos, com as mulheres e os pecadores³²⁶.

O erro básico dos fariseus era a falta de entendimento para compreender que a interpretação da Lei deveria ser baseada pela misericórdia como a própria Lei previa e que Jesus assim a interpretava: “Saberás, portanto, que *Iahweh* teu Deus é o único Deus, o Deus fiel, que mantém a Aliança e o amor por mil gerações, em favor daqueles que o amam e observa os seus mandamentos” (Dt 7,9). “Porque é amor que eu quero e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos” (Os 6,6). Ironicamente, os fariseus tinham “grande zelo” pela Lei de Deus, mas em sua grande maioria distanciavam-se de Deus na medida que examinavam o cumprimento da Lei nos seus mínimos detalhes, sem evidenciar o espírito que animava os seus dizeres. Os fariseus não entenderam que Jesus não viera para mudar nem para abolir a Lei, mas conferir-lhe um novo sentido, afinal, como diz José Comblin, “os mandamentos são feitos para ajudar as pessoas, não para persegui-las, muito menos ainda para afundá-las”³²⁷.

³²⁵ McKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Verbete “Fariseus”, p. 339.

³²⁶ MALINA, Bruce J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*, pp. 46-47.

³²⁷ COMBLIN, José. *A fé no Evangelho*, p. 27.

4.4. Discipulado e vivência comunitária como experimento da dinâmica do Reino de Deus.

A missão da Igreja é anunciar as Boas Novas de Nosso Senhor Jesus Cristo³²⁸. Por isso, podemos afirmar a evangelização como reprodução da graça transformadora do Reino de Deus encarnado em Jesus Cristo, pelo poder do Espírito Santo. O *kerigma* do Reino é, portanto, o meio para se entender o serviço evangelizador. O chamado ao discipulado está intrinsecamente ligado à proclamação do Reino de Deus e indica o caminho concreto pelo qual ele vai se concretizando na história. A vivência comunitária é, pois, um experimento necessário à dinâmica do Reino, uma vez que ela encarna a vida de Jesus e afirma sua missão até o fim³²⁹.

Jesus, durante os três anos em que andou pregando pela Galileia, visitou muitas pessoas e famílias. Ao que parece, Ele tinha muita simpatia pelas famílias dos pescadores, pois, dessas famílias saíram alguns dos seus discípulos e que viriam a ser seus melhores amigos: Simão e André, Tiago e João. Dentre os discípulos, havia também mulheres que o acompanharam até o fim, dentre as quais Salomé e Maria de Magdala, consideradas discípulas bem amadas de Jesus³³⁰.

O Documento da CNBB, “Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia”, diz: “Jesus, porém, não se deteve no entusiasmo individual de alguns, por isso constituiu o grupo dos Doze Apóstolos (cf. Mc 1,16-20). O número doze remete às tribos de Israel, dessa forma, a comunidade de Jesus dará início ao novo Povo de Deus”³³¹. Nasce, então, ao redor de Jesus, uma pequena comunidade de discípulos missionários, aos quais foram revelados os mistérios do Reino de Deus (cf. Mc 3,13-19).

O discipulado de Jesus era uma realidade inteiramente comunitária e o companheirismo não era algo ocasional, pois, ao longo do tempo, a comunidade de apóstolos e discípulos foi aprendendo com Jesus de Nazaré um jeito novo de viver. Perceberam que na “comunhão com Jesus”, todos eram irmãos e irmãs que deveriam servir uns aos outros (cf. Mt 23,8-12). Nessa comunidade todos tinham a mesma dignidade, homens e mulheres encontram a unidade em Cristo (cf. Gl 3,28); também, ninguém tinha nada de próprio, todos os bens eram partilhados (cf. At 2,44-46; 4,32-35). Aprenderam ainda, de Jesus, a amizade sincera, onde entre eles ninguém era superior nem escravo, “Já não vos chamo servo, porque o servo não sabe

³²⁸ DAp, n. 30.

³²⁹ COSTAS, Orlando E. *Compromiso y Misión*, p. 46.

³³⁰ PAGOLA, José Antonio. *Jesus*, aproximação histórica, pp. 111-112.

³³¹ CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. Doc. 100, n. 73.

o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer” (Jo 15,15).

A comunidade de apóstolos e discípulos aprendeu também com Jesus a viver no “serviço” uns para com os outros “como nova forma de entender o poder”³³². “Os reis das nações as dominam, e os que as tiranizam são chamados Benfeitores. Quanto a vós, não deverá ser assim” (Lc 22,25-26). A marca da comunidade de Cristo é o “perdão”, por isso a comunidade aprendeu a viver no perdão onde Jesus deu a Pedro, aos apóstolos e às comunidades o poder de perdoar (cf. Mt 16,19; Jo 20,23 e Mt 18,18). Viver na “oração em comum” era o novo jeito que a comunidade dava seu testemunho de tudo o que havia aprendido de Jesus, “Eles iam juntos em romaria ao Templo, rezavam antes das refeições e frequentavam as sinagogas. Em grupos menores, Jesus se retirava com eles para rezar” (cf. Jo 8,2; Lc 24,30; Lc 4,16 e Mt 26,36-34)³³³.

Por último, a comunidade de Jesus aprendeu viver na “alegria” como “expressão de que o Reino de Deus chegara e a salvação estava próxima”³³⁴. “Alegrai-vos, antes, porque vossos nomes estão escritos nos céus” (Lc 10,20) e “Felizes os olhos que vêem o que vós vedes”! (Lc 10,23), o Reino é vosso! (cf. Lc 6,20). “É a alegria que convive com dor e perseguição” (cf. Mt 5,11-12)³³⁵. Somos chamados, portanto, conforme insiste o Evangelho de João que é fruto de uma caminhada comunitária, a vivermos uma forte experiência de amor em vista da continuidade do projeto de Jesus em comunhão com o Pai: “Compreendereis que estou em meu Pai e vós em mim e eu em vós” (14,20).

4.4.1. A relação mestre e discípulo estabelecida por Jesus.

Eram doze apóstolos e, eram também, doze amigos! Havia uma relação especial entre Jesus e seus discípulos, porque eles foram escolhidos pessoalmente pelo Mestre para o acompanharem de perto. Assim, Jesus já não os tinha apenas como seus seguidores, mas como seus amigos (cf. Jo 15,15). A palavra amigo, do grego, *φίλος* [*philos*] (Adjetivo), aparece vinte e nove vezes no Novo Testamento³³⁶. Traduzida para o latim, *amicus*, ela significa também

³³² CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. Doc. 100, n. 74.

³³³ *Ibidem*.

³³⁴ *Ibidem*.

³³⁵ *Ibidem*.

³³⁶ ORTIZ, Pedro. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. Verbete: *Amigo*, p. 291.

favorito, confidente, protetor, aliado. Esse significado está presente em vários livros da Bíblia³³⁷.

Jesus não encontrou modo mais fácil de cativar seus discípulos senão pela amizade na esperança de torná-los sensíveis, ainda que na rudeza de seus corações; na singela intenção de despertar neles o entendimento de seus ensinamentos, ainda que na ignorância condicionada ao modo de vida de cada um deles. Jesus optou pelo tom coloquial, acessível aos seus “amigos discípulos”, ao que juntou paciência, afeto, firmeza e presença constante junto a eles para além da Ressurreição, enviando-lhes o Paráclito, porque os amou até o fim (cf. Jo 13,1). Não há estranheza dizer que – embora, não tenha deixado nada escrito de próprio punho – Jesus, nas “entrelinhas” dos seus ensinamentos ajudou os Apóstolos a encontrarem a mais genuína fonte de saberes sobre o Reino de Deus, para conceberem uma nova vida pautada em novos valores (Cf. Mt 16,24-26; Mt 19,27). Muito mais que informações, ali, nos corações de seus “amigos” Jesus fez fecundar os conhecimentos necessários para uma vida de liberdade.

Jesus foi um Mestre inesquecível para os seus discípulos, não porque cobrou demais deles, mas porque os inspirou a se constituírem cada vez mais como sujeitos de sua própria história, libertando-os de todas as formas de dominação³³⁸. Jesus inseriu em seus ensinamentos as matérias amor, caráter e fé numa vida plena, na fidelidade à vocação à liberdade própria ao Povo de Deus. No exercício do amor desenvolveu competências para melhorar o convívio com seus discípulos e entre os seus discípulos, substituindo as relações amigo-inimigo, tão própria à sociedade de Israel, pela relação irmão-irmão, filhos e filhas do mesmo Pai³³⁹. As exigências que Ele fez, especialmente aos Doze, brotaram da convicção que tinha de poder lhes apresentar horizontes e projetos de vida sobre o Reino de Deus para ajudar este mundo a ser melhor. Entendemos, por isso, que Jesus deixou sua indelével marca, não somente aos Doze, mas também a nós, seus discípulos contemporâneos, para que façamos de seu exemplo uma referência para nossas práticas evangelizadoras, com testemunho de fé e ação, neste novo mundo mutante.

³³⁷ CHAVE BÍBLICA CATÓLICA, p. 23.

³³⁸ Cf. COMBLIN, José. *Liberdade Cristã*, p. 115.

³³⁹ *Ibidem*, p. 116.

4.4.2. Raízes farisaicas do discipulado de Jesus.

José Comblin é enfático em dizer que “a tradição da Igreja nunca perdeu de vista totalmente as raízes judaicas de Jesus”³⁴⁰. Ainda que ele tenha entrado num embate com os fariseus, não o vemos refutar as práticas e os métodos de estudo da Escritura próprios das escolas rabínicas. Ao comentar o trecho do livro do Profeta Isaías (Is 61,1-2), na Sinagoga de Nazaré, o Evangelista Lucas apresenta Jesus aplicando um *midrash* de cumprimento, dizendo que Nele se cumpria aquela passagem da Escritura (Cf. Lc 4, 20-21). Ao dialogar com o legista, a respeito do caminho que leva à vida eterna (Cf. Lc 10, 25-26), vemo-Lo agir como um Rabi, isto é um Sábio, que responde às interpelações de um discípulo aos moldes das escolas rabínicas.

Pierre Lenhardt, ao comentar as “vias da continuidade judaica” nos faz saber que os mestres fariseus são chamados “Sábios” por seus discípulos e estes se denominam “Discípulos dos sábios”³⁴¹. A palavra “fariseu”, que em hebraico quer dizer “separados” ou “secessionistas”, é usada pelos adversários dos Mestres da Sinagoga e tem uma conotação negativa. Entre si, porém, os membros da Sinagoga se dividem em Sábios (mestres) e Discípulos dos sábios. Assim, a *Torah* divina (o Pentateuco), “palavra objetiva de Deus que se revela, só é conhecida por causa dos homens que a receberam, a transmitiram e a transmitem ainda na relação mestre-discípulo”³⁴². É assim que a história da *Torah* parte do Sinai e inclui o período da Grande Assembleia, que começa com Esdras no retorno do exílio da Babilônia e vai até a época hasmoniana, na qual aparecem os ancestrais do movimento farisaico. É esta Grande Assembleia que coloca em prática os três pedidos dos Profetas: “sejam ponderados no exercício da justiça, suscitem muitos discípulos e façam uma cerca em torno da *Torah*” (Abot 1, 1)³⁴³. “Suscitem muitos discípulos”: Jesus levou a sério esta prescrição que está na raiz do movimento farisaico.

Lenhardt nos lembra que a recepção e transmissão da *Torah* completa não se restringe à *Torah* escrita, mas compreende também, e antes de tudo, a *Torah* oral. Diferentemente dos saduceus, para os quais a Palavra divina se limitava à Escritura, para o grupo dos fariseus a *Torah* completa é constituída pela *Torah* oral e a *Torah* escrita. Segundo o Rabi Ishmaël, seguido da maioria dos sábios, a *Torah* oral “contorna”, “suplanta”, quem sabe “desenraiza” a

³⁴⁰ Cf. COMBLIN, José. *Liberdade Cristã*, p. 111.

³⁴¹ LENHARDT, Pierre. Voies de la Continuité juive. In: *A l'écoute d'Israel dans l'Église*, p. 31 (note 4).

³⁴² *Ibidem*, p. 33.

³⁴³ Cf. LENHARDT, Pierre. Voies de la Continuité juive. In: *A l'écoute d'Israel dans l'Église*, p. 32.

Torah escrita³⁴⁴. Trata-se, portanto, de atualizar a Palavra de Deus, em função das necessidades da hora. Antes de Jesus ter respondido ao legista, o Rabi Hillel (c. 60 a.C – c. 7 d.C) havia dito a um pagão apressado em se converter: “O que te é odioso, não o faça a teu companheiro. Eis aí toda a Torah e o resto não é mais do que comentário. Vá e estude (*Shabbat* 31a)”³⁴⁵.

No entanto, como diz Lenhardt, uma tal concepção da Torah, que dá um poder tão grande à interpretação, supõe um controle confiado à relação mestre-discípulo, “apoiada, de uma parte, sobre a origem mosaica e confirmada, de outra parte, em cada momento, pela comunidade de Israel, ela própria submetida ao Espírito Santo”³⁴⁶. Não obstante, é da tradição rabínica que o discípulo, ainda que venha a se tornar ele próprio um sábio, será sempre fiel a seus mestres, muito embora não lhe seja barrada a possibilidade de inovação. Faz parte da tradição dos Mestres rabínicos a possibilidade de dizer como Torah o que jamais havia sido dito como Torah, ou seja, faz parte da tradição rabínica que emergja, para uma determinada situação, uma interpretação nunca antes pensada, mas fiel à tradição bíblica.

Aparentemente perigosa, pois ela risca de ser arbitrária ou mesmo falsa, a interpretação só encontra sustentação se ela se mantiver conforme aos princípios éticos da Torah. O que é condenável para os Sábios de Israel, diz Lenhardt, “é desvelar aspectos da Torah não conformes a *halakah*”³⁴⁷. Para que a inovação pela via da exegese seja uma boa inovação é necessário que ela manifeste, “ou ao menos não contradiga, a unidade da Torah total, escrita e oral, unidade sobre a qual, segundo os Sábios, tudo repousa”³⁴⁸. Trata-se da chamada *harizah* (associação de passagens da Escritura na forma de um colar de pérolas), que parte das palavras da Torah, passa por aquelas dos Profetas e dos Hagiógrafos e se situa no fogo da própria casa, como se fosse uma continuação do fogo do Sinai³⁴⁹. A *harizah* é inovadora à medida que ela faz a Escritura dizer o que ela não diz por si mesma. Para Lenhardt, a passagem do discípulo de Emaús (Lc 24, 13-35), poderia ser associada à *harizah*, sobretudo na passagem em que o próprio Jesus fala de si mesmo: “Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse na sua glória? E começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (v. 25-27).

³⁴⁴ Cf. LENHARDT, Pierre. Voies de la Continuité juive. In: *A l'écoute d'Israel dans l'Église*, p. 34.

³⁴⁵ *Ibidem*, pp. 34-35.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 35.

³⁴⁷ *Ibidem*, p. 49.

³⁴⁸ *Ibidem*, p. 52.

³⁴⁹ *Ibidem*.

Com isso não queremos dizer que Jesus era partidário de uma determinada escola rabínica ou do modo de formação dessas escolas, mas que, sem dúvida, ele conhecia as práticas dialéticas próprias aos Sábios de Israel. Pautadas na relação mestre-discípulo, elas tinham como objetivo não somente conhecer com toda a profundidade a Palavra de Deus, mas aplicar o que fora revelado desde o Sinai às novas exigências do hoje. Como diz Lenhardt: “cabe a cada judeu, no seio de seu povo, viver a relação mestre-discípulo sem a qual, parece, não se pode viver corretamente o novo de hoje na fidelidade ao antigo”³⁵⁰, para o bem da vida humana e para a glória do Deus vivo! No que diz respeito ao discipulado de Jesus, notamos um distanciamento da relação assimétrica própria às escolas rabínicas, uma vez que os discípulos não escolheram Jesus, mas foram escolhidos por Ele. “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos dignei para irdes e produzirdes fruto e para que vosso fruto permaneça, a fim de que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome ele vos dê” (Jo 15,16). A relação “Mestre e seguidores” estabelecida pelo filho de Maria e José se distingue pela informalidade com que Ele apresentava sua mensagem e seus ensinamentos aos discípulos e discipulas. Diferentemente dos jovens que buscavam a escola de um Sábio (Shammai ou Hillel, por exemplo), os seguidores de Jesus não estavam em busca da interpretação da Lei, mas da mensagem do Reino de Deus, ainda que lhes fossem exigidas uma “comunhão de destino” com Jesus (cf. Mt 8,19-22) e uma “conversão incondicional” em Jesus (cf. Mc 1,15).

Essa conversão incondicional, no entanto, atrairá a atenção do filósofo Michel Foucault que a apontará a *metanoia* cristã, particularmente desenvolvida depois do IV século de nossa era como penitência e também como mudança radical do pensamento e do espírito³⁵¹, fadada a uma renúncia de si. Segundo Foucault, “Só pode haver conversão [no Cristianismo] na medida em que, no interior do próprio sujeito, houver uma ruptura. O eu que se converte é um eu que renunciou a si mesmo”³⁵². Encontramos o exemplo na citação do Evangelho de Mateus, “Então disse Jesus aos seus discípulos: ‘Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me’” (Mt 16,24). Como contraponto dessa cultura de renúncia a si, Foucault apresentará a cultura do cuidado de si.

³⁵⁰ LENHARDT, Pierre. Voies de la Continuité juive. In: *A l'écoute d'Israel dans l'Église*, p. 59.

³⁵¹ FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*, p. 259.

³⁵² *Ibidem*, p. 260.

4.4.3. Fundamentos da relação Mestre-discípulo na tradição greco-romana.

No grego, o termo discípulo (*μαθητης*) significa “aprendiz, pupilo, aluno”, ou seja, qualquer “seguidor” de um mestre. A palavra “aluno”, originada da palavra latina “*alumnus*”, que tem sua raiz em “*alere*”, alimentar, nutrir, marca uma relação por meio da qual o discípulo é alimentado pela sabedoria do mestre. No tocante à relação mestre-discípulo na tradição grega, podemos recorrer ao exaustivo trabalho de pesquisa desenvolvido por Michel Foucault, no Curso intitulado *A Hermenêutica do Sujeito*, ministrado no *Collège de France* de 1981-1982. Procurando compreender a gênese da constituição ética do sujeito na tradição greco-romana – como inspiração à superação das práticas modernas de sujeição dos indivíduos, próprias às sociedades disciplinares, e de gestão da população, próprias de uma sociedade de controle – Foucault se depara com práticas diferenciadas de cuidado de si. Tais práticas, desenvolvidas desde o VI século a.C. até o II século de nossa era, se davam sempre por meio da relação mestre-discípulo, uma vez que ninguém podia constituir-se em ser livre e com uma bela existência sem a presença de um mestre.

Segundo Foucault, em algumas escolas podia haver um laço de afeto entre aprendiz e mestre. Esse laço permitia que o desejo de aprender e ensinar se desse num mesmo ninho, lá onde germinam as curiosidades que irão despertar os conhecimentos e as alegrias do encontro. O filósofo Sêneca, ao escrever uma de suas cartas a seu discípulo e amigo Lucílio, discorre sobre o que vem a ser o retrato de um verdadeiro mestre:

*“Devemos eleger um homem de bem como modelo e tê-lo sempre diante dos olhos, de modo a vivermos como se ele nos observasse, a procedermos como se ele visse os nossos atos”. Este preceito, caro Lucílio, foi enunciado por Epicuro, que assim nos dota de um vigilante, de um pedagogo; e com razão, pois grande parte das faltas não seria cometida se ante os faltosos se erguesse uma testemunha. Que a nossa alma, portanto, tenha um modelo a quem venere e graças a cuja autoridade torne mais nobre mesmo o seu mais íntimo recesso. Feliz o homem que, não apenas pela sua presença, mas até só pela sua imagem torna os outros melhores! Feliz o homem capaz de ter por alguém tanto respeito que a simples lembrança do modelo basta para lhe dar ordem e harmonia espiritual! Quem for capaz de ter por alguém um tal respeito, em breve inspirará por seu turno respeito idêntico. [...]. Escolhe alguém cuja vida, cujas palavras, cujo rosto, enfim, espelho da própria alma, sejam do teu agrado. Contempla-o sempre, ou como teu vigilante, ou como teu modelo. Temos necessidade, repito, de alguém por cujo caráter procuremos afinar o nosso: riscos tortos só se corrigem com régua!*³⁵³

Sem nos atermos à problemática abordada por Foucault, que apresentou as distinções entre a relação mestre-discípulo na tradição greco-romana e aquela desenvolvida pela

³⁵³ SÊNICA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução de J.A. Segurado e Campos. Carta n. 11, p. 32.

interpretação monástica própria do quarto século da era cristã (negar-se a si mesmo e seguir Jesus), imaginamos, por exemplo, que os discípulos de Jesus, com suas almas inquietas, O elegeram como seu único e fundamental modelo de Mestre, à maneira de Sêneca. Sem dúvida, a relação dos discípulos com o Mestre teve sua importância fundamentada, primeiro, na capacidade de Jesus em guiar seus discípulos como o Bom Pastor (Jo 10,11); segundo, porque os discípulos entenderam e aceitaram Jesus, o Homem de bem como modelo a ter para sempre diante de seus olhos e guardado em seus corações, mesmo depois de sua morte. Sobre isso, Paulo também chama atenção em sua carta aos Efésios, “Mas, seguindo a verdade em amor, crescemos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo” (Ef 4,15).

A virtuosidade e o espírito da relação Mestre-discípulos estabelecida por Jesus só serão percebidos na medida em que, cuidadosamente, mergulhamos no interior dos Evangelhos. Numa época de crise e de descrença nas potencialidades humanas, toda a Revelação assume para nós a relevância de uma referência que não podemos mais ignorar. O Cristianismo recolhe para si a efervescência religiosa do Judaísmo, se expressa no eclodir da cultura greco-romana³⁵⁴ e permanece centrado no universalismo do “Deus Pai Criador”, revelado pelo seu “Filho Jesus Cristo Salvador” e iluminado pela luz do “Espírito Santificador”.

4.4.4. Elementos modais da relação do discipulado instaurado por Jesus.

A presença de Jesus no meio das pessoas – muito diferente das autoridades do seu tempo – se fazia notar de maneira silenciosa, mas também, de maneira real. Por isso, seu modo de ser, sua mensagem e a liberdade de suas atitudes diante da lei, causavam muita surpresa. Ao pregar o Reino de Deus, Jesus estabelece, de maneira decisiva, segundo Pagola, “uma estreita conexão entre o amor de Deus e o amor ao próximo. Eles são inseparáveis”³⁵⁵.

Para Jesus, acolher o Reino de Deus não é uma metáfora, porque o seu chamado é claro e concreto: “É simplesmente viver o amor ao irmão em qualquer situação”³⁵⁶. Jesus dirige-se ao povo em geral para transmitir esta mensagem, começa a falar uma linguagem nova e surpreendente e, encontra-se sempre rodeado de amigos e colaboradores. Jesus tem consciência de que com a chegada do Reino de Deus terá que contar com “um movimento de homens e mulheres saídos do povo, para junto com Ele ajudarem os outros a tomarem consciência da

³⁵⁴ CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo: ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*, p. 16.

³⁵⁵ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, p. 306.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 309.

proximidade salvadora de Deus”³⁵⁷. Por isso, sua intenção é clara ao chamar seus discípulos para O acompanhar em sua missão. Segundo Meier, “Ao vincular os Doze tão intimamente à sua pessoa e à sua missão, Jesus de fato fez desse grupo o exemplo vivo que significava ser um discípulo”³⁵⁸.

Quem poderá ser discípulo de Jesus? Esse chamado será estabelecido pelo próprio Jesus: “Igualmente, portanto, qualquer de vós que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33). Chamar seus próprios discípulos, para muitos estudiosos, é um direito exclusivo e personalíssimo de Jesus, diferente das relações mestre-discípulo no mundo greco-romano, bem como no judaísmo, onde aí era o discipulado quem escolhia o seu mestre³⁵⁹.

Desde o primeiro momento, Jesus, com seu “poder carismático”, chama seus discípulos, os quais Ele próprio educará e preparará para a missão profética do seu segmento, apresentando-lhes um estilo de vida radical, fazendo-os tomar consciência do que significa segui-Lo. “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,24; Mc 8,34; Mc 8,34). “As raposas têm tocas e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9,58). Por isso, o “chamado” e o “segmento” estão entrelaçados e intimamente incorporados à vida de Jesus com seus discípulos. Jesus convida-os a deixar tudo para trás, casa, família e as terras, “Jesus voltou-se e disse-lhes: Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,26). Para além de uma negação de sua subjetividade, o que Jesus pede de seus discípulos é uma entrega incondicional aos valores e à dinâmica do Reino de Deus. Trata-se de apresentar um *modus vivendi* que seja contrário às práticas coercitivas de poder que dominam e escravizam sobretudo os pobres. Lutar pela emancipação dessas práticas, ainda que para isso seja necessário sacrificar a própria vida é o sentido da renúncia anunciada por Jesus.

Jesus vai chamando seus discípulos e tornando-os “pescadores de homens”. “Disse-lhes de pronto: Segue-me e eu farei de vós pescadores de homens. Eles, deixando imediatamente as redes, o seguiram” (Mt 4,19-20). A vocação de Mateus ao discipulado de Jesus talvez seja um dos melhores exemplos de chamado. Jesus viu Mateus sentado na coletoria de impostos e disse-lhe: “Segue-me”. Este, levantando-se, o seguiu” (Mt 9,9; Mc 2,14). Os discípulos que seguiram Jesus, embora tivessem que aprender a viver na insegurança, foram constantemente animados por Ele. Jesus infunde-lhes a confiança em Deus, o abandono à

³⁵⁷ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, p. 323.

³⁵⁸ MEIER, John Paul. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, p. 55

³⁵⁹ GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*, p. 156.

Providência: “Não vos preocupeis” (Lc 12,22-31; Mt 6,25-34). Por fim, Jesus deseja fomentar a alegria nos corações desses homens e mulheres que haviam deixado tudo para encontrar “o tesouro escondido” e a “pérola preciosa” (Mt 13,44-46)³⁶⁰.

4.4.5. Dimensão missionária do discipulado de Jesus.

Jesus convida discípulos e discípulas ao segmento do seu projeto, à partilha, ao companheirismo e vivência comunitária. A partir dessas experiências, devolve-os à “sociedade” para que possam viver intensamente a liberdade que recebem de Deus e, nela e, a partir dela, dar continuidade ao projeto do Reino de Deus que Ele mesmo estabeleceu. Foi assim em sua época, lá na Galileia e, deverá ser assim, hoje, em nosso meio. Por isso, os bispos da América Latina e do Caribe e, em especial, os bispos do Brasil, sempre trataram com notável atenção à temática do discipulado. No entanto, ainda se percebe uma carência no que se refere a aderência desse discipulado nas comunidades eclesiais. Temos urgência na retomada dessa reflexão e sua incorporação na missionariedade da Igreja³⁶¹.

Para a missão dos discípulos, Jesus apresentou quatro recomendações: a primeira, é o gesto comunitário da hospitalidade; a segunda, os discípulos eram chamados a conviver de maneira estável como membros da comunidade que lhes dava sustento, por isso a atitude de partilha deveria ser uma constante em suas vidas; a terceira, era a comunhão de mesa como valor comunitário da convivência fraterna que deveria prevalecer acima da observância de normas e rituais; e a quarta, era a acolhida aos excluídos como sinal de reconstrução da vida comunitária e social dos marginalizados da época (cf. Tg 1,27; Jo 13,35; 1Jo 3,18)³⁶².

Assim como a comunidade primitiva, através do mandato missionário descrito nos Evangelhos Sinóticos (cf. Mt 28,16-20; Mc 3,14-15; Lc 24,47), adquiriu consciência de sua vocação missionária, nós também hoje, devemos recordar que somos, por essência, missionários em virtude do nosso batismo, cuja missão do anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. O Decreto do Concílio Vaticano II “*Ad Gentes*” quer dizer que a missão da Igreja deve ser ampliada a todos os povos para ser “sacramento universal de salvação”³⁶³, levando em consideração que os verdadeiros destinatários da atividade

³⁶⁰ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*, pp. 352-353.

³⁶¹ Cf. CELAM. *A alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época*; CNBB. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*.

³⁶² CNBB. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. Doc. 100, n. 75.

³⁶³ AG, 1.

missionária do Povo de Deus não são apenas os povos não-cristãos e das terras distantes, mas também os espaços socioculturais e, sobretudo, os corações de todas as gentes³⁶⁴.

Cabe, portanto, a cada um de nós, junto com a Igreja, assumir essa tarefa de evangelização com espírito de coragem e humildade, impregnando em nossas vidas as palavras do apóstolo Paulo: “Anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, necessidade que se me impõe: Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9, 16). O desafio está apresentado, as dificuldades e os caminhos a serem percorridos são longos. Nesse sentido o Papa Francisco nos exorta: “Os desafios existem para serem superados. Sejam realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!”³⁶⁵

Considerações finais.

No anúncio protagonizado por Jesus o Reino assume uma dimensão voltada para Deus que é liberdade perfeita e vida plena. “A Vida manifestou-se: nós a vimos e dela vos damos testemunho e vos anunciamos esta Vida eterna, que estava voltada para o Pai e que nos apareceu” (1Jo 1,2). “Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5,26). Segundo Comblin, “O evangelho de João é o evangelho da vida. A vida não se demonstra – ‘nós a vimos’”³⁶⁶.

Ao olharmos para a vida de Jesus temos a garantia que ninguém como Ele esteve mais preparado e, ninguém se mostrou tão terno e comprometido para nos ensinar sobre a vida do Reino. No que se refere às competências, Jesus foi o Mestre que no exercício do magistério apresentou maior qualificação, tanto do ponto de vista religioso quanto do ponto de vista humano. Foi por Jesus que “Deus nos quis dar o conhecimento daquilo que é ser humano, da vocação do ser humano e das atividades humanas plenamente humanas”³⁶⁷. Ele é o verdadeiro Messias, pessoa pública dada a conhecer no mundo inteiro, não como religião individual para a salvação da alma individual, mas suas ações messiânicas visam a libertação de seus discípulos e todo o povo de Israel³⁶⁸.

³⁶⁴ SUESS, Paulo. *Missão/Evangelização*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, pp. 628-629.

³⁶⁵ EG, 109.

³⁶⁶ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*, p.63.

³⁶⁷ *Ibidem*. *A vida: em busca da liberdade*, p. 117.

³⁶⁸ *Ibidem*. *Vocação para a liberdade*, p.39.

A vida de Jesus foi muito simples, por isso, não necessitamos de nenhuma informação técnica para entender a sua atividade, pois Ele usou poucas ferramentas. No entanto, todas as práticas de Jesus nos obrigam “a voltar o olhar para o essencial da vida, voltando à simplicidade na qual se manifesta a verdade de uma pessoa: as mãos, os pés, as palavras, o olhar...”³⁶⁹. O jeito de ser de Jesus precisa ser imitado para que possamos tornar-nos seus verdadeiros discípulos e discípulas missionários capazes de evangelizar e formar o Povo de Deus, imitando a sua pedagogia tão atualizada e moderna em pleno século XXI. Segundo Mesters, “Se você quiser conhecer a Deus, olhe para Jesus. Se quiser saber como usar a Palavra de Deus na Pastoral, olhe para o jeito de Jesus usar e interpretar a Palavra do Pai. Se quiser saber como fazer pastoral, olhe para Jesus, o Bom Pastor”³⁷⁰.

Homens e mulheres são chamados à escola do amor e da ternura, a fim de enriquecerem-se mutuamente dos dons que cada um traz. São chamados a construir juntos um mundo mais justo e mais humano através do diálogo positivo e respeitoso no que se refere às diferenças, que significa abrir-se aos inefáveis horizontes do Amor Absoluto. Mais do que aprender sobre Jesus será preciso conhecê-Lo em profundidade para poder amar, seguir e imitar a sua vida. A atitude é de olhar prospectivo para sinalizar algumas urgências pastorais cristãs em nome da liberdade e da vida. Aprofundar o debate e captar as implicações práticas, políticas e pedagógicas do dado cristão na história construída por tantos homens e mulheres comprometidos com os ensinamentos do Mestre Jesus.

O capítulo seguinte tem a intenção de rever e propor alguns elementos fundamentais ao anúncio e a vivência do Reino de Deus para os tempos atuais. Quer oferecer elementos para uma experiência positiva da evangelização, primeiramente a partir das famílias sem jamais nos esquecermos da dimensão comunitária, porque “Nascemos para a vida e a alegria. Há mil e uma razões para viver” (Dom Hélder Câmara).

* * *

³⁶⁹ COMBLIN, José. *A vida: em busca da liberdade*, p. 118.

³⁷⁰ MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Palavra encarnada, Palavra anunciada*. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/arquivos/Jesus_Palavra_encarnada_Palavra_anunciada_-_Frei_Carlos_Mesters_e_Orofino.pdf>. Acesso em: 30, Setembro/2018.

CAPÍTULO 5

A SEMENTE DE MOSTARDA: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS AO ANÚNCIO E À VIVÊNCIA DO REINO DE DEUS PARA OS TEMPOS ATUAIS.

Introdução

Para a realização do Reino de Deus aqui na terra, Jesus quis contar com a participação de cada ser humano, apesar de suas fraquezas e limitações. Acima de tudo – da Igreja, das nossas torpezas e de nosso progresso tecnológico inconsequente – está a semente do Reino: Espírito de amor, energia divina, alimento de vida e fonte de santidade. De geração em geração, por meio dos ditos dos Patriarcas e Profetas e, mais propriamente por meio dos ditos e feitos de Jesus Cristo (Cf. *Dei Verbum*, n. 2), o Senhor quis fazer dos corações receptivos de homens e mulheres – nos quais há sempre a possibilidade fazer germinar e dos quais é sempre possível colher bons frutos³⁷¹ – um campo de terra fértil para acolher a semente da Jerusalém Celeste (Cf. Ap. 21,1-4).

Certa ocasião Jesus propõe a seus ouvintes a seguinte parábola: “O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore, a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos” (Mt 13,31-32). Com esta parábola, Jesus aludia à necessidade de sermos receptivos em nossa simples e difícil tarefa de colaborar com a vontade de Deus e preparar os nossos corações para receber a “pequenina e insignificante semente” de mostarda, a qual sob os raios do sol, se converte em árvore em cujos galhos as aves do céu livremente se aninham e encontram razões para viver.

“Pequena semente que muito significa!” é o que diz Hubaut, “Pequena semente do sorriso; “pequena semente do aperto de mão”; “pequena semente de olhar atento”; “pequena semente de gesto gratuito”; “pequena semente da comunidade fraterna”; “pequena semente de solidariedade”; “pequena semente da oração”; “pequena semente da missão e “pequena semente das testemunhas”³⁷². Os frutos dessa pequena semente de mostarda só são vistos com os olhos da fé, que sabe enxergar nas mais simples manifestações os sinais do Reino de Deus.

³⁷¹ HUBAUT, Michel. *Orar las Parábolas: Acoger el Reino de Dios*, p. 55.

³⁷² *Ibidem*, pp. 57-58.

5.1. A família: sujeito primeiro na sementeira do Reino de Deus

No Antigo Testamento, a passagem fundamental e o grande referencial da criação humana se encontram no Livro do Gênesis, “Deus disse: Façamos o homem a nossa imagem, como nossa semelhança (...) Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra (...)” (Gn 1,26-28). Essa narrativa nos revela que o homem e a mulher trazem em sua essência o Ser de Deus (*Imago Dei*) e são chamados a participarem misteriosamente da vida de Deus. Segundo L. Boff, “este mistério, entretanto, se manifesta como compreensão de si mesmo e verdade de seu próprio ser; não é a inteligência que entende, é a pessoa que emerge como inteligência e portadora da verdade de si mesma. Este mistério não apenas se expressa inteligivelmente; ele também se comunica e estabelece uma comunhão de amor com o outro”³⁷³.

A condição de imagem e semelhança de Deus confere ao homem e à mulher uma dignidade singular, tornando-os expressão do Criador e seus colaboradores na obra da criação; participantes da sementeira do Reino, cujo fruto é a vida em abundância para todas as criaturas. A vida é um bem inestimável que Deus confiou aos homens e mulheres de todos os tempos e, por isso, deles requer responsabilidade no agir em relação à própria vida e à vida dos outros, conforme ensina a encíclica *Evangelium, Vitae*:

Defender e promover, venerar e amar a vida é tarefa que Deus confia a cada homem, ao chamá-lo, enquanto sua imagem viva (...). Chamado a cultivar e guardar o jardim do mundo (cf. Gn 2,15), o homem detém uma responsabilidade específica sobre a criação que Deus pôs a serviço da sua dignidade pessoal, da sua vida: e isso não só em relação ao presente, mas também às gerações futuras³⁷⁴.

No Novo Testamento, Jesus eleva à dignidade de sacramento (matrimônio) a união entre o homem e a mulher. A esse respeito encontramos na narrativa de Mateus a resposta que Jesus deu aos fariseus quando indagado sobre a questão do divórcio: “Não lestes que desde o princípio o Criador os fez homem e mulher? E que disse: *Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne*? Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar” (Mt 19,4-6). Na epístola aos Efésios, São Paulo atesta que esse mistério ou sacramento da união do homem e da mulher é grande em relação a Cristo, porque é instituição divina e grande em relação à Igreja, porque deve mantê-lo na sua unidade e indissolubilidade, tal qual é santa a união de Cristo com a sua Igreja (Cf. Ef 5, 25-33). A partir dessas narrativas,

³⁷³ BOFF, Leonardo. *Trindade e sociedade*, p.135.

³⁷⁴ EV, n. 42.

entendemos o sentido da origem da “família” como sendo um bem confiado por Deus ao homem e à mulher que se unem, formando uma só vida, onde possam encontrar sua plenitude de significado, seu fundamento e o seu cumprimento na lei do amor.

A família – tal qual a terra fértil preparada para receber a semente – é o lugar da intimidade afetiva, privacidade, unidade, liberdade e do descanso. Ela gera e prepara a nova geração para o convívio social em meio às situações contemporâneas que causam tantas inseguranças e dificuldades para o crescimento do seu rebento. Contudo, sendo ela sujeito primeiro na sementeira do Reino de Deus, deve permanecer dócil aos cuidados das mãos de Deus Pai Criador, unida em Cristo Salvador e se deixar guiar pelo Espírito Santo para encontrar a força que sustenta em sua fragilidade a difícil tarefa de semear e colher os frutos do Reino nos dias atuais³⁷⁵.

5.1.1. Razões do protagonismo das famílias na dinâmica do Reino de Deus.

Chamados ao matrimônio, homem e mulher declaram o seu amor conjugal e abraçam livremente a vocação de seguir a Cristo e de se colocar ao serviço do Reino de Deus, disponibilizando todos os dons decorrentes da graça matrimonial. O matrimônio é para os cônjuges uma profissão de fé e de amor realizada dentro da Igreja e com a Igreja, abraçando a exigência do seu prolongamento no decurso da vida dos esposos e da família e “o seu vínculo de amor torna-se a imagem e o símbolo da Aliança que une Deus e o seu povo”³⁷⁶. A família cristã, sobretudo hoje, tem uma especial vocação para ser testemunha da Aliança Pascal de Cristo, mediante a irradiação da alegria, do amor e da esperança, de cuja Aliança deve tornar-se um reflexo³⁷⁷. A *Familiaris Consortio* diz que “a comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel, encontra uma significativa expressão na aliança nupcial, que se instaura entre o homem e a mulher”³⁷⁸.

A família – chamada de “Igreja doméstica”³⁷⁹ – no amor conjugal e familiar e, com toda a Igreja, deve seguir Jesus Cristo e dispor-se a edificar o Reino de Deus na história mediante as realidades cotidianas e a sua condição de vida. “É necessário que as famílias do nosso tempo tomem novamente altura! É necessário que sigam a Cristo”³⁸⁰ e, igualmente, é

³⁷⁵ SÍNODO DOS BISPOS: *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, n. 10.

³⁷⁶ FC, n. 12. Cf. também, Os 2,21; Jr 3,6; Is 54.

³⁷⁷ Cf. FC, n. 13.

³⁷⁸ FC, n. 12.

³⁷⁹ Cf. LG, n. 11.

³⁸⁰ FC (Conclusão).

essencial que aprendam a verdade evangélica e a riqueza de sua Tradição para poder, com sabedoria, ensinar e testemunhar a todas as pessoas a dinâmica do Reino, considerando que “o futuro da humanidade passa pela família!”³⁸¹. Não obstante tantas circunstâncias desfavoráveis, a família é o lugar da defesa da vida humana por desígnio de Deus: “Com efeito, Deus, Senhor da vida, confiou aos homens, para que estes desempenhassem dum modo digno dos mesmos homens, o nobre encargo de conservar a vida”³⁸². Além disso, a vida humana e a missão de transmitir a vida não se limitam a este mundo, mas se ordenam ao eterno destino do homem³⁸³.

A Exortação *Familiaris Consortio* diz que a principal missão da família se concentra em dois conceitos interligados entre si e de significado amplo e irrestrito, que é o serviço à vida e à educação das crianças, que, em última análise, são “definidos pelo amor”. Primeiro, o serviço à vida e a sua defesa atingem a vida humana em todas as suas dimensões e etapas, porque dar a vida é participar do poder criador de Deus e da obra redentora de Cristo, da sua graça salvífica³⁸⁴. Segundo, os pais devem educar seus filhos de modo a atender a uma formação integral, inclusive a transmissão da fé que constitui a grande missão das famílias nos tempos atuais. “Os pais foram constituídos pelo próprio Deus como primeiros e principais educadores dos filhos e que o seu direito é absolutamente inalienável”³⁸⁵. Nesse mesmo documento encontramos ainda: “Segundo o desígnio de Deus, o matrimônio é o fundamento da mais ampla comunidade da família, pois que o próprio matrimônio e o amor conjugal se ordenam à procriação e educação da prole, na qual encontram a sua coroação”³⁸⁶.

A presença de ambos – do pai e da mãe – na vida dos filhos, sobretudo das crianças e dos adolescentes, contribui poderosamente para a sua formação. A educação familiar deve ser dada de tal modo que os filhos, ao chegarem à idade adulta, possam ser capazes de escolher um estado de vida digna, de se tornarem homens e mulheres de fé para seguirem com plena responsabilidade a sua vocação – inclusive a sagrada³⁸⁷, porque a “família é a primeira escola de valorização humana, na qual se aprende o bom uso da liberdade”³⁸⁸, a qual deve possibilitar, hoje – mais do que em qualquer outro tempo – a capacidade de discernir, criticamente, as mensagens dos vários meios de comunicação, não permitindo que conteúdos desprovidos dos

³⁸¹ FC (Conclusão).

³⁸² GS, n. 51.

³⁸³ *Ibidem*.

³⁸⁴ Cf. FC, n. 17.

³⁸⁵ FC, n. 40.

³⁸⁶ FC, n. 14.

³⁸⁷ Cf. FC, n. 36.

³⁸⁸ AL, n. 274.

valores do Reino de Deus recebidos na vida familiar incidam negativamente e enfraqueçam a mente e os corações das crianças, adolescentes e jovens desse mundo³⁸⁹.

Temos a convicção de que é preciso acentuar muito mais fortemente nas famílias a sua compreensão do Reino de Deus, porque somente através dessa compreensão será possível a projeção de um mundo novo e melhor. As famílias, além do seu protagonismo na dinâmica do Reino, agem também como os “profetas” deste tempo que exige transformação. Segundo Sandrini, “profeta é quem tem a capacidade de viver o presente com todo o seu ser no futuro. Ele antevê um futuro melhor e começa a viver aqui e agora este futuro”³⁹⁰. Não obstante, como no tempo de Jesus, seus discípulos tiveram dúvidas, nós também hoje nos perguntamos: “o que se passa, porque é que nada avança?” E Jesus responde com as parábolas do grão de mostarda, do fermento e muitas outras semelhantes, para mostrar que alguma coisa essencial e decisiva que não se pode ver tão facilmente – devido ao seu aspecto aparentemente sem importância – acontece misteriosamente no cotidiano da vida. É preciso ter paciência para com a semente que tem seu tempo de germinar. Mas é preciso “resistir” às intempéries do tempo! Por isso, julgamos que a evangelização das famílias junto com a evangelização das crianças seja de suma importância para a edificação do Reino de Deus no mundo. Esse movimento, a partir da ação evangelizadora da Igreja no âmbito das comunidades locais, seja motivado pelo encontro apaixonado com Jesus Cristo, culminando na construção de uma vida melhor para si e partilhada para os outros.

5.1.2. Evangelização das famílias durante a evangelização das crianças.

A família deve participar plenamente da vida da comunidade eclesial e refletir nela a íntima comunhão de vida e de amor vividos na comunidade do lar. A Igreja deve ser o que a família deve ser: “comunidade crente e evangelizadora”, “comunidade de diálogo com Deus”, “comunidade a serviço do homem”³⁹¹. No âmbito da comunidade eclesial, a família é a primeira responsável pela evangelização e catequese das crianças. Por conseguinte, a Igreja, por meio de sua ação pastoral, deve orientar os casais para valorizarem e assumirem os desígnios de Deus em suas vidas. Junto à Igreja há vários movimentos que reúnem casais e famílias a fim de aprofundar a vivência da fé, renovar a esperança e a coragem e intensificar o amor e a solidariedade. A Igreja também fala da ação social, da doutrina ou ensino social, reconhecendo

³⁸⁹ AL, n. 274.

³⁹⁰ SANDRINI, Marcos. *Para sempre!* : o compromisso ético do educador, p. 31.

³⁹¹ FC, n. 50.

que os cristãos-cidadãos não têm personalidade dupla: são cristãos na Igreja, na oração, no contato com Deus, e cidadãos no mundo, no trabalho, nas compras, na rua. À luz da fé, o poder de Deus funciona no universo criado e não exclui ou separa nada de sua graça e da comunicação de sua vida³⁹².

Os batizados pela água e pelo Espírito são cristãos também no mundo e responsáveis pelo progresso do bem-viver da humanidade nesta terra e são cidadãos quando participam da mesa da Palavra Evangélica e da mesa do Pão consagrado com que Jesus Cristo alimenta e incentiva a vida eterna de seus irmãos e irmãs, casados e pais de família³⁹³. O verdadeiro discernimento evangélico – a ser colocado na vida de cada um e cada uma – exige uma educação que desenvolva uma “reta formação da consciência”³⁹⁴, sem a qual não se chega ao homem de bem e que nem sempre pode ser alcançada se não vier de Cristo. Ele é a proposta da verdade sobre o humano.

Essa unidade da verdade, natural e revelada, encontra a sua identificação viva e pessoal em Cristo, como recorda o apóstolo Paulo: “A verdade que existe em Jesus” (Ef 4,21; cf. Cl 1,15-20). Ele é a *Palavra eterna*, na qual tudo foi criado, e ao mesmo tempo é a *Palavra encarnada* que, com toda a sua pessoa, revela o Pai (cf. Jo 1,14.18). Aquilo que a razão humana procura “sem conhecer” (cf. At 17,23), só pode ser encontrado por meio de Cristo: de fato, o que nele se revela é a “verdade plena” (cf. Jo 1,14-16) de todo o ser que, nele e por ele, foi criado e, por isso mesmo, nele encontra a sua realização (cf. Cl 1,17)³⁹⁵.

A família é “a célula primeira e vital da sociedade”³⁹⁶ e, por causa da sua existência faz sentido todo o trabalho de evangelização oriundo da ação apostólica da Igreja realizado com zelo e lealdade; esse trabalho ganhará terreno na medida em que toda a Igreja compreenda a necessidade urgente da evangelização das famílias entrelaçada à evangelização das crianças num ato contínuo. No que se refere a essa missão da Igreja, importa recordar o papel primordial das diversas pastorais nas comunidades, em especial a pastoral familiar e a catequese das crianças, as quais devem ter influência decisiva na formação do povo de Deus para que as lições do Reino fiquem gravadas de forma indelével nas almas e na vida das pessoas. O testemunho dos pais oferecido aos seus filhos nas mais diversas facetas da vida – de lealdade ao Evangelho, de laboriosidade, de sobriedade e temperança, de alegria perante as contrariedades cotidianas,

³⁹² Cf. LEERS, p. 387.

³⁹³ Cf. *Ibidem*.

³⁹⁴ Cf. FC, n. 5.

³⁹⁵ FR, n. 34.

³⁹⁶ AA, n. 11.

de preocupação pelos outros, de generosidade e tantos outros – é a forma generosa dispensada à educação e evangelização dos filhos³⁹⁷.

Ao modo dos ensinamentos da Sagrada Família de Nazaré, em que “Jesus crescia em sabedoria, em estrutura e em graça, diante de Deus e diante dos homens” (Lc 2,52), os filhos de hoje devem aprender com suas famílias as primeiras orações, aprender com seus pais a importância de inserir-se na comunidade de fé e do convívio social. Segundo Ruaro, “educar para a vida social, para se relacionar com os irmãos, no seu primeiro núcleo social é papel da família. Ensinar a cumprimentar, a agradecer, a pedir licença, a ouvir, a respeitar a opinião dos outros é, em primeiro lugar, obrigação dos pais”³⁹⁸. No entanto, há um questionamento: Diante de tantas mudanças, será que as famílias de hoje são suficientemente fortes para não sucumbirem diante dos inúmeros problemas que vez ou outra abalam suas estruturas? Examinemos o que diz a *Familiaris consortio*:

A família, nos tempos de hoje, tanto e talvez mais do que outras instituições, tem sido posta em questão pelas amplas, profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura. Muitas famílias vivem esta situação na fidelidade àqueles valores que constituem o fundamento do instituto familiar. Outras tornaram-se incertas e perdidas em relação a seus deveres, ou, ainda mais, duvidosas e quase esquecidas do significado último e da verdade da vida conjugal e familiar. Outras, por fim, estão impedidas, por diferentes situações de injustiças, de realizarem seus direitos fundamentais³⁹⁹.

Como mudar esse cenário? Como ajudar as famílias a resgatarem seus valores e a sua dignidade? Na comunidade, como ajudar a Pastoral Familiar em sua missão de defender e promover as famílias à luz do Evangelho? Será que não temos dado pouco enfoque à unidade familiar, em comparação à ênfase que se dá à comunidade de fé? De quem é a responsabilidade de transmitir a fé para a próxima geração? Certamente não será possível dar uma resposta pontual a cada questionamento. O momento exige mais que uma reflexão, exige uma atitude coerente em favor da verdade, da liberdade e da dignidade humana. Por isso a Igreja, com seu discernimento evangélico, portadora da Boa Nova de Jesus Cristo e iluminada pela fé, é chamada a acolher, indistintamente, a todos e todas, de modo especial aos que são chamados pelo matrimônio a constituir uma família, que é o bem maior de uma sociedade⁴⁰⁰.

O trabalho realizado juntamente – na comunidade eclesial e entre pais e filhos – deve encorajar as crianças a desenvolverem em si os dons e habilidades dados por Deus. A frequência

³⁹⁷ Cf. CL, n. 33.

³⁹⁸ RUARO, Dirceu Antonio. *Não terceirize a educação de seu filho*, p.20.

³⁹⁹ FC, n. 1.

⁴⁰⁰ Cf. FC, n. 3 e 4.

à oração e à missa com os pequenos, além de criar o hábito e o gosto de rezarem juntos, mostra que o bom exemplo dos pais transforma a vida dos filhos, tal qual podemos enxergar num cata-vento: duas cores transformadas em uma só durante o movimento. O Documento de Aparecida, no capítulo IX, propõe várias ações que envolvem as famílias representadas no papel da mulher, do homem, das crianças, dos adolescentes e jovens, acentuando que o compromisso da Igreja nessa esfera é ético e profundamente evangélico. Por isso, a pastoral familiar, ao lado da catequese, é chamada a promover uma força tarefa para o cumprimento de suas propostas e ações.

É fato que há grandes ameaças para a fé cristã numa sociedade em crise. No entanto, mesmo numa sociedade em crise, podemos concordar com o pensamento de Delumeau ao dizer que “os cristãos são ‘loucos’ porque creem contra toda aparência que o amor acabará vencendo a morte”⁴⁰¹, porque “o tempo atual não está relegado ao esquecimento de Deus e ninguém está excluído da vontade salvadora universal de Deus”⁴⁰², assim, esse não é um tempo de desesperança e desânimo, mas um tempo de renovação evangélica para toda a Igreja.

Porque esse mundo é incondicionalmente amado por Deus, não se pode desistir dele. Apesar de suas crises e de seus dramas, de suas promessas e de seus desejos de felicidade, de suas criações e de seu gênio próprio, esse mundo não é menos digno da Boa-Nova de Jesus Cristo que qualquer outra época anterior. O Espírito Santo não desertou a terra: ele age nela e nos precede nessa ação⁴⁰³.

Segundo Villepelet, afirma que mesmo havendo uma sociedade complexa em constante crise, ela pode oferecer “à fé um canteiro preparado para o anúncio do Evangelho”⁴⁰⁴. Assim, ela se torna “uma oportunidade para um novo cristianismo considerado como força de transformação e humanização. O cristianismo pode tornar-se um elemento dinâmico num processo de mutação: a experiência cristã pode fazer emergir novas atitudes culturais”⁴⁰⁵. É preciso ter fé no Evangelho e voltar a Jesus, eis o nosso desafio!

O mundo atual passa pelo desafio da violência *versus* tolerância. Como semear a paz no mundo quando, de alguma maneira, todos nós somos testemunhas de que “violência gera violência”. Essa é uma afirmativa que não podemos contestar, pois a progressão da violência cresce exponencialmente no Brasil e no mundo, atingindo principalmente o interior das famílias, fazendo-nos sentir bastante impotentes. Diariamente pessoas (a maioria jovens pobres

⁴⁰¹ DELUMEAU, Jean. *Le Christianisme va-t-il mourir?*, p. 170.

⁴⁰² CARMO, Solange Maria do. *Catequese no mundo atual: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese*, p. 118.

⁴⁰³ VILLEPELET, Denis. *Aimer l'Église, aimer le monde*, p. 9.

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p. 9.

⁴⁰⁵ VILLEPELET, Denis. *Les défis de la transmission dans un monde complexe*, p. 133.

de 15 a 29 anos de idade) são assassinadas⁴⁰⁶, outras são roubadas, discriminadas, agredidas, maltratadas numa escala tal que já se tornou quase impossível quantificar⁴⁰⁷. Não nos enganemos com a falsa ideia de que vivemos num “mundo civilizado” e, portanto, “livre de preconceitos”. Essa ideia é uma verdadeira afronta ao avanço dos direitos das minorias e dos mais fragilizados, uma vez que segue, à luz do dia, discriminando “o diferente”. Nesse contexto, é necessário tocar na realidade dos diversos arranjos familiares da sociedade brasileira do século XXI. O que fazer para acabar com os preconceitos e a intolerância que geram violência? Como as famílias e a Igreja podem atuar para que comportamentos anticristãos sejam banidos do nosso cotidiano?

Não cabe, no mundo contemporâneo – onde há grande avanço tecnológico e grande quantidade de informações e conhecimentos sobre as várias áreas das Ciências Sociais, da Filosofia e da Religião – um retrocesso dos direitos e liberdades individuais e civis de qualquer sociedade ou de qualquer democracia moderna. Não cabe, portanto, o discurso de intolerância com explícita motivação fundamentalista e, muitas vezes, moralista, que não condiz com a realidade das diversas constituições familiares da sociedade atual, desde a família “tradicional”, constituída por um homem e uma mulher, com ou sem filhos, até a “nova família” constituída pela relação entre pessoas do mesmo sexo (casais homoafetivos), com ou sem filhos; pessoas que optaram por seguir suas vidas sem seus respectivos companheiros, assumindo a responsabilidade de criarem sozinhos seus filhos ou com a ajuda, mais comumente dos avós; homens e mulheres que se encontram em estado de segunda ou mais união, compondo, muitas vezes, uma “grande família”, cujos filhos, de ambos os lados, convivem juntos no mesmo lar. O conceito de família é cada vez mais plural e os arranjos familiares da sociedade moderna não mais decorrem apenas do casal heterossexual e de um único matrimônio. A união estável, entre pessoas do mesmo sexo ou não, famílias monoparentais, adoções e a comprovação de paternidade via testes de DNA atestam que as mais diversas formas de relação familiar tornam a vinculação afetiva mais importante na abrangência e nas novas definições do conceito de família, ou seja, os diversos arranjos familiares deverão ser todos embasados em afetividade e amor legítimos e, por isso, merecem igualmente o reconhecimento e a proteção do Estado⁴⁰⁸ e, a acolhida generosa por parte da Igreja e de toda a sociedade. “O próprio Evangelho exige que

⁴⁰⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/taxa-de-homicidio-de-jovens-de-15-a-29-anos-cresce-172-de-2005-a-2015.ghtml>> Acesso em 15/11/2018, às 15h30.

⁴⁰⁷ Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>> Acesso em 15/11/2018, às 15h40.

⁴⁰⁸ Cf. ESTATUTO DA FAMÍLIA, votado no Congresso Nacional em 24 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.semprefamilia.com.br/estatuto-da-familia-o-mais-ousado-projeto-de-lei-do-brasil-ao-compasso-da-onu/>> Acesso em 14/11/2018, às 19h50min.

não julgemos nem condenemos (cf. Mt 7,1), mas que possamos assumir a lógica da compaixão pelas pessoas frágeis e evitar perseguições ou juízos demasiado duros e impacientes”⁴⁰⁹.

5.2. Vivência comunitária e evangelização.

É importante e necessário – embora nem sempre fácil, porque essa missão em nós não se esgota – que tenhamos consciência dos nossos deveres a cumprir se pretendemos ajudar nossas crianças e adolescentes a viverem a sua relação com Deus que passa, necessariamente, pela vivência comunitária e pela evangelização. Segundo Cavalletti, “o adulto deve preparar à criança o ambiente no sentido exato de um local, mas também, e sobretudo, no significado amplo da palavra, isto é, na acepção de comunidade de fé”⁴¹⁰. A criança, na medida em que cresce e recebe a semente da Palavra de Deus, tem necessidade do *hortus secretus* (jardim secreto) do seu coração e, igualmente, tem necessidade “do oxigênio corroborante da comunidade dos adultos”⁴¹¹, para que, nesse ambiente de fé, possa colher, guardar e cultivar com alegria as sementes dos ensinamentos do Evangelho e, no tempo propício, colher suas flores.

A iniciação de uma criança à vida cristã não é um encargo que possa ser cumprido pela pessoa do catequista nem tampouco somente pelos pais. É toda a comunidade cristã que anuncia o Cristo e, é com toda a comunidade cristã que a criança deve entrar em contato. O trabalho – precioso – que o catequista desenvolve deve ser apoiado e absorvido por uma comunidade que vive o que Ele anuncia⁴¹².

Pela porta aberta da comunidade de fé, Jesus – ressuscitado e glorioso – entra para nos falar novamente com as mesmas palavras de então. De forma quase tangível a voz de Deus vem falar conosco que vivemos nesse tempo tão conturbado e de grande desesperança. Diante disso, seja o testemunho da comunidade eclesial condição essencial para uma evangelização significativa. A Igreja não tenha medo de enfrentar as exigências do Evangelho e possa transmiti-lo a todos e todas, incluindo as crianças. Na comunidade paroquial, as pessoas possam ser acolhidas para escutarem a Palavra com encantamento e sentirem-se felizes. Por isso, é

⁴⁰⁹ AL, n. 308.

⁴¹⁰ CAVALLETTI, Sofia. *O potencial religioso da criança*: descrição de uma experiência com crianças de 3 a 6 anos, p. 52.

⁴¹¹ *Ibidem*, p. 52.

⁴¹² *Ibidem*, p. 52. Nota da autora: “Este é um tema constante nos documentos do Concílio Vaticano II, especialmente nas Constituições *Dei Verbum* e *Lumen Gentium*; é ainda sublinhado em *Il Rinnovamento della Catechesi*, especialmente nos números 182ss.”.

salutar centrar o “anúncio” sobre a história de vida da comunidade através das festas, celebrações e campanhas assistenciais e sociais como experimento dos Valores do Reino.

5.2.1. Festas.

Segundo o *Dicionário Houaiss* a palavra “festa” significa solenidade; comemoração; cerimônia em regozijo por qualquer fato ou data; alegria e júbilo. É dia santificado e de festa da Igreja, anunciado na véspera pelo tocar de sinos. São as comemorações pelas passagens dos dias de Natal e Ano Novo. Segundo Comblin, “as festas existem provavelmente desde o começo da humanidade e nunca desaparecerão (...). Falar de festa é falar no evidente: é falar daquilo que todos sabem, até os analfabetos (...). Ela é como um sinal da eternidade no meio do tempo”⁴¹³.

Na tradição bíblica do Antigo Testamento, encontramos três grandes festas anuais que marcaram o calendário religioso de Israel com grande significação. São elas: primeira, “Festa dos ázimos-Páscoa” (Ex 23, 14-17; Ex 34,18-23); segunda, “Festa da colheita da messe-Pentecostes” (Lv 23, 15-22) e, terceira, “Festa da colheita do outono-Tendas” (Dt 16,13-17). Essas festas tinham caráter religioso, com um clima fortemente festivo, de evidente alegria, pois os israelitas podiam contar com a presença de “Iahweh”, o Deus que os fez sair da escravidão do Egito para a libertação. “E te alegrarás diante de Iahweh teu Deus, - tu, teu filho e tua filha, ...” (Dt 16,11-14). Para Israel o tempo festivo é também marcado, de modo singular, pelo repouso sagrado e cultural, considerando que para eles “a palavra ‘sábado’, que designa o dia sagrado da semana, passa a ser sinônimo de dia de festa acompanhado de repouso cultural, ‘sabático’ (Lv 23,32)⁴¹⁴.

Na Nova Aliança vivemos uma realidade de um tempo absolutamente dependente do evento Jesus Cristo, “evento fundamental e fontal, que repropõe no Espírito do Ressuscitado a possibilidade de viver Ele (*sic*). E é neste tempo que a comunidade cristã, como acontecia com a Páscoa antiga, celebra o evento que se realizou uma vez por todas” (Cf. Rm 6,10; 1Pd 3,18)⁴¹⁵. Não será possível aqui relatar na linha do tempo os fatos históricos que levaram à formação do calendário referente às comemorações da Igreja dentro do Ano Litúrgico, mas é muito importante dizer que “o significado de toda festa cristã, inclusive o domingo é, em síntese, o

⁴¹³ COMBLIN, José. *O Espírito no mundo*, p. 109.

⁴¹⁴ MAGGIANI S. *Festa/Festas*. In. SARTORE, Domenico e TRIACCA Achille M. (Org.). *DICIONÁRIO DE LITURGIA*, p. 472.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p. 473.

termo de uma evolução e não o seu início”⁴¹⁶. Assim, continua sendo dado fundamental o de que “o objeto da festa, desde o seu início, permanece como o evento Cristo e, da celebração do seu memorial nascem e se desenvolvem as festas cristãs”⁴¹⁷.

A festa cristã transcende o quadro da assembleia litúrgica. Prolonga-se de bom grado na oração e nas assembleias extralitúrgicas (e paralitúrgicas), nos ‘*pia exercita*’, que podem, às vezes, atingir altíssima expressão e constituir o patrimônio cultural de um povo. A festa com frequência inspirou representações ou dramas sacros; ela suscita igualmente festejos na cidade e em família. Ela traz consigo espontaneamente a interrupção do trabalho, o ‘feriado’⁴¹⁸.

A humanidade, em todos os tempos, sente necessidade da festa para exprimir o significado e o valor da vida, para dar um sentido às coisas que verdadeiramente contam para si, como o amor, a amizade, a família, a pátria, a esperança, a salvação, entre outras. Segundo Alberich, “a festa corresponde à exigência de viver a comunhão e a pertença social. A festa é tempo de encontro, de intercâmbio, de comunicação. Ela tem a finalidade de codificar no rito o fluido de comunhão que une os membros de um grupo”⁴¹⁹. Nossas alegrias partilhamos com os amigos, por isso, “o sentido da festa é a amizade. Não há festa individual”⁴²⁰. O povo de Deus se reúne para celebrar a Eucaristia que é o centro das festas cristãs e se reúne também em encontros festivos por ocasião dos sacramentos, de uma romaria, da festa do padroeiro, de um evento social na comunidade ou de uma festa religiosa de acordo com o Ano Litúrgico – a festa de Páscoa, da Epifania, de Natal – e muitas outras solenidades e manifestações que se convertem em momentos prazerosos de verdadeira alegria cristã.

5.2.2. Celebrações.

Celebração é um termo com origem no latim *celebratio*. O conceito refere-se à comemoração de acontecimentos; festividade comemorativa; reverenciar; realizar uma reunião; prática de um ritual de uma formalidade; ofício religioso, especialmente a missa⁴²¹. Para o cristão católico, a Liturgia é compreendida, em geral, como o culto público oficial da Igreja, por isso, a *Sacrosanctum Concilium* apresenta a Liturgia como celebração do mistério cristão

⁴¹⁶ MAGGIANI S. *Festa/Festas*. In. SARTORE, Domenico e TRIACCA Achille M. (Org.). DICIONÁRIO DE LITURGIA, p. 473.

⁴¹⁷ *Ibidem*.

⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 474.

⁴¹⁹ ALBERICH, Emílio. *A catequese na Igreja de hoje*, p. 246.

⁴²⁰ COMBLIN, José. *O Espírito no mundo*, p. 109.

⁴²¹ DICIONÁRIO LAROUSSE. Verbete: *Celebração*, p. 591.

onde Cristo está sempre presente. “Presente está no sacrifício da missa, (...). Presente está pela Sua Força nos sacramentos, (...). Presente está pela Sua Palavra (...). Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia”⁴²². Ele que prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18,20).

Segundo a *Sacrosanctum Concilium*, no capítulo V, é dever da Igreja celebrar no decurso do Ano Litúrgico, especialmente em certos dias da semana em que ela chamou de domingo, onde a solenidade pontua com relevância a recordação da obra salvífica de Cristo – a Ressurreição do Senhor –, “celebrando-a uma vez também, na solenidade máxima da Páscoa, juntamente com sua sagrada Paixão”⁴²³. No decorrer do ano, todo o Mistério de Cristo vai se revelando, desde a sua Encarnação e Nascimento até a sua Ascensão, o dia de Pentecostes e a promessa repleta de esperança, da vinda do Senhor. Ao relembrar os Mistérios da Redenção, a Igreja permite aos fiéis o contato com as riquezas do poder santificador e dos méritos de seu Senhor, de tal maneira que torna estes mistérios presentes em todo o tempo, para que os fiéis tenham contato com eles e sejam repletos da graça da salvação⁴²⁴.

Na celebração do ciclo anual dos Mistérios de Cristo, a Igreja venera com especial amor, Maria, a Bem-aventurada Mãe de Deus, que está intimamente vinculada à obra salvífica de seu Filho. “Em Maria brilha, na sua expressão máxima, o fruto da redenção, e nela se contempla, como em imagem puríssima, tudo que se pode desejar e esperar”⁴²⁵. A Igreja inseriu ainda as memórias dos Mártires e dos outros Santos, que apesar dos percalços nos caminhos percorridos, permaneceram fiéis ao Senhor, sendo conduzidos à perfeição pela graça de Deus, alcançando assim a salvação eterna, onde nos céus cantam o perfeito louvor e, intercedem, sem cessar, em nosso favor⁴²⁶. “Nas diversas épocas do ano, de acordo com a Tradição, a Igreja vai educando os fiéis, com práticas religiosas e exercícios corporais, instruções, exortações, obras de penitência e de misericórdia”⁴²⁷. As celebrações devem ser realmente a expressão da comunidade de fé, estruturada na participação ativa dos adultos, jovens, adolescentes e crianças. Toda celebração seja o mais fiel possível àquilo que pretendemos celebrar e, seja, em cada um e cada uma, expressão genuína do sentimento do momento privilegiado, onde o Espírito antecipa a vinda do Reino de Deus. Vivemos num contexto social e cultural em constante reestruturação que nos propõe um discurso novo e uma reflexão aberta no sentido mais amplo

⁴²² SC, n.7.

⁴²³ SC, n. 102.

⁴²⁴ SC, n. 102.

⁴²⁵ SC, n. 103.

⁴²⁶ SC, n. 104.

⁴²⁷ SC, n. 105.

de celebrar os acontecimentos do Evangelho e, que na Igreja e no religioso encontra a sua expressão mais originária e, igualmente mais completa, caracterizando cada geração nas várias épocas da história.

A Igreja de hoje se confronta com o dilema: presente ou futuro. Por ambos os lados vem o Espírito, seja preparando o povo de Deus que caminha nesta história, seja antecipando o Reino de Deus que fica além da história. O homem é história e é também presente. O Espírito anima-o por ambos os lados. Durante séculos a Igreja, seguindo as tendências dominantes das civilizações antigas, foi predominantemente sacramental; dedicou-se aos sinais sacramentais mais do que à evangelização. Nos últimos tempos, diante dos desastres da cristandade, ela redescobriu a sua tarefa fundamental de evangelizar para suscitar o povo de Deus. Sem dúvida tal descobrimento constitui uma tarefa para vários séculos. Não se pode, no entanto, deixar de lado o outro aspecto, como se tivéssemos que seguir as tendências da nova civilização, assacramental e essencialmente histórica do Ocidente. O equilíbrio é o desafio aberto à nossa capacidade de invenção⁴²⁸.

Desde a Antiga Aliança, lembrando os elementos que constituem a ‘ritualização’ da primeira páscoa, ao lado da comunidade – bem sublinhada como “povo de Deus” – existe o Deus de Israel como sujeito do evento celebrativo do memorial da primeira libertação como a páscoa perene, aquela celebrada na dinâmica do encontro de Deus e o seu povo. A intervenção histórico-salvífica da Páscoa perpassou os séculos e assume papel decisivo na vida da humanidade hoje, no aqui e agora, “portanto, só para quem vive em comunidade-comunhão existe salvação: realiza-se aquele diálogo – na dinâmica proposta-resposta – que entre Deus e a assembleia reunida em cada um renova a própria adesão ao Deus que é o único capaz de salvar”⁴²⁹. A comunidade hoje, é convocada a fazer memória dessa iniciativa salvífica, em cujo evento histórico “determina não só a estrutura externa da celebração, como ainda define a realidade profunda e a consciência do momento celebrativo do povo de Deus”⁴³⁰.

5.2.3. Campanhas assistenciais e sociais como experimentos dos valores do Reino.

A prática de ajudar – por meio de campanhas assistenciais e sociais – aos que se encontram necessitados de toda sorte de ajuda, especialmente em situação de carência material, sempre nos fará lembrar das palavras do Senhor, com base nas quais seremos julgados: “se demos de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede; se acolhemos o estrangeiro e

⁴²⁸ COMBLIN, José. *O Espírito no mundo*, p. 114.

⁴²⁹ SODI, M. *Celebração*. In. SARTORE, Domenico e TRIACCA Achille M. (Org.). *DICIONÁRIO DE LITURGIA*, p. 189.

⁴³⁰ *Ibidem*, pp. 188-189.

vestimos quem está nu; se reservamos tempo para visitar quem está doente e preso” (cf. Mt 25,31-45)⁴³¹. De igual modo seremos questionados sobre outras formas de provar o nosso amor ao próximo: se o ajudamos a encontrar a verdade, livrando-o da dúvida e do medo que muitas vezes é fonte de solidão; se somos capazes de ajudar nossos irmãos e irmãs a vencerem a ignorância em que vivem, sobretudo as crianças e jovens desprovidos da ajuda necessária para se resgatarem da extrema pobreza; se vamos ao encontro de quem está sozinho e aflito; se perdoamos a quem nos ofendeu; se temos paciência com as pessoas e se rezamos por cada um dos “mais pequeninos” onde o próprio Cristo está presente⁴³². A prática da verdadeira caridade se torna a expressão mais elevada de viver os valores do Reino, pois “não é possível amar o próximo como a si mesmo e perseverar nesta atitude sem a firme e constante determinação de empenhar-se em prol do bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos”⁴³³.

A Igreja tem a missão de anunciar e testemunhar a solidariedade, ir ao encontro de todos e todas, sem excluir ninguém. Solidariedade que deve apresentar-se, primeiro, como sentimento de “compaixão” para com o outro, principalmente, para com aquele que sofre e, segundo, como uma atitude moral que procura transformar o sentimento em atitude, em compromisso, obrigação e responsabilidade. Segundo Tamez, “a solidariedade opõe-se à lei do mérito. A obra da graça (ou da fé) nasce da entrega livre dos filhos de Deus à sua vocação de dar a vida, viver e celebrá-la gratuitamente”⁴³⁴. Toda a ação solidária só se justifica a partir dos mais necessitados e excluídos, onde a palavra “justificação” seja entendida como sinônimo de “humanização”. O Deus que acolhe suas criaturas como seus filhos e filhas deseja contar somente com a “solidariedade misericordiosa” de cada um e cada uma e não da aparente “santidade” do ser humano.

É importante e, é preciso que as “campanhas assistenciais e sociais” estejam sempre presentes na ação evangelizadora de toda a comunidade eclesial em conjunto com a comunidade social local (escolas, comércio, empresas, associações e serviço público municipal). Mais ainda, estejam cada vez mais presentes nos projetos políticos, em projetos transversais e em ações de conscientização de toda a sociedade, a fim de que as pessoas possam ligar a fé com a vida, crer e amar e, acima de tudo, possam experimentar os valores do Reino. “No contexto do mundo contemporâneo, com tantas incertezas, tantos desafios, formar cidadãos com princípios

⁴³¹ FRANCISCO Papa. *Misericordiae Vultus* – O rosto da misericórdia, n. 15.

⁴³² *Ibidem*.

⁴³³ COMPÊNDIO DA DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA. *Pontifício Conselho “Justiça e Paz”*, n. 43.

⁴³⁴ TAMEZ, Elsa. *Justificação e justiça*. In. TAMAYO, Juan José (Org.). *NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA*, p. 309.

éticos e valores humanistas sólidos passou a ser uma verdadeira condição de existência”.⁴³⁵ Acreditamos que o caminho mais curto onde cada pessoa possa enriquecer sua personalidade e facilitar seu acesso ao verdadeiro, ao justo e ao belo, será através da educação humanizadora, que por si só justifica e ilumina todos os outros caminhos. Do mesmo modo, é igualmente importante para os cristãos de hoje voltar aos escritos sagrados, reconhecendo neles todo o amor do Deus Criador para com as suas criaturas, chamando-as a viver com liberdade e responsabilidade, cuidando para que todos e todas tenham vida em abundância (cf. Jo 10,10).

Entre as campanhas realizadas pela Igreja, merece especial destaque a *Campanha da Fraternidade*, que desde 1962 tornou-se uma atividade anual dos Organismos Nacionais da CNBB e das Igrejas Particulares no Brasil, realizada à luz e na perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral (Evangelizadora) da Igreja em nosso país até os dias atuais. Relembramos aqui a importância da *Campanha da Fraternidade* através dos seus objetivos permanentes, que sem dúvida, tal atividade é um tesouro que ainda permanece escondido aos olhos de muitos. A *Campanha* visa em primeiro lugar, “despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, comprometendo, em particular, os cristãos na busca do bem comum”; segundo, quer “educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor, exigência central do Evangelho” e, por último, deseja “renovar a consciência da responsabilidade de todos e todas pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária (todos devem evangelizar e todos devem sustentar a ação evangelizadora e libertadora da Igreja)”⁴³⁶.

A partir do ano de 1973, a Igreja do Brasil, imbuída do espírito do *Vaticano II*, *Medellín e Puebla*, intensifica sua preocupação com a realidade social do povo que vive um período marcado por graves injustiças e restrições sócio-políticas no país, denunciando o pecado social e promovendo a justiça por meio da *Campanha da Fraternidade*, em vista de ações transformadoras. Durante o período de 1973 até 1984 foram doze Campanhas despertando no povo brasileiro o espírito de fraternidade e vida⁴³⁷. No decorrer dos anos seguintes, a Igreja se volta para situações existenciais do povo brasileiro e, mais uma vez, com a realização das *Campanha da Fraternidade*, tem contribuído para amenizar as situações que causam sofrimento e morte para esse povo. A partir de 1985 até 2018, portanto, trinta e quatro anos, a Campanha tratou dos temas da fome; terra; menor; negro, comunicação; mulher; mundo do trabalho; juventude (1992 e 2013); moradia; família; os excluídos; a política; os

⁴³⁵ MELO, José Henrique Del Castillo. *Posfácio*, in. DICIONÁRIO DE VALORES, p. 57.

⁴³⁶ CNBB. *Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2017*, p. 104.

⁴³⁷ *Ibidem*, pp. 105-106.

encarcerados; educação; desempregados; dignidade humana e paz (ecumênica); fraternidade; povos indígenas; pessoas idosas; água; solidariedade e paz (ecumênica); pessoas com deficiência; Amazonas; defesa da vida; segurança pública; economia e vida (ecumênica); a vida no planeta; saúde pública; tráfico humano; Igreja e sociedade; Casa Comum (ecumênica); biomas brasileiros/defesa da vida; superação da violência⁴³⁸. O itinerário da Campanha da Fraternidade vai muito além de cumprir os seus objetivos permanentes, porque sempre vem acompanhado com o gesto concreto que é a coleta da solidariedade. Com esse gesto a Campanha se expressa concretamente através da oferta e doações em dinheiro, que acontece na celebração do Domingo de Ramos, por isso, realizada em âmbito nacional nas comunidades cristãs, paróquias e dioceses. A Coleta da Solidariedade é parte integrante da *Campanha da Fraternidade* e, os recursos arrecadados são destinados preferencialmente a projetos que atendam aos objetivos propostos pela CF de cada ano⁴³⁹.

Além da *Campanha da Fraternidade* que, indiscutivelmente é uma grande iniciativa da Igreja do Brasil, “como caminho de conversão quaresmal, como itinerário do cultivo e do cuidado comunitário e social”⁴⁴⁰, ressaltamos aqui o trabalho da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP), realizado praticamente em todas as paróquias e comunidades pelas Conferências Vicentinas, para arrecadação de alimentos. Além das “Campanhas do Quilo”, os Vicentinos realizam o trabalho de confecção e distribuição das cestas básicas para auxiliar aqueles que não têm alimento, considerando que essa ação significa um gesto de caridade e amor. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja confirma que “a obra pastoral em âmbito social é destinada a todos os cristãos, chamados a se transformarem em sujeitos ativos no testemunho da doutrina social Igreja”⁴⁴¹.

5.3. Recursos pedagógicos atuais.

Para enfrentar os novos desafios sobre a questão dos recursos pedagógicos a serem utilizados na sociedade hoje, a qual encontra-se sujeita a mudanças aceleradas e agitada por acontecimentos de grande relevância na vida das pessoas – especialmente os relacionados com os avanços tecnológicos e as novas práticas socioculturais – devemos compreender, sobretudo, a questão da “comunicação” e seu significado. Na verdade, segundo Puntel, “desde a sua

⁴³⁸ CNBB. *Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2017*, pp. 106-108.

⁴³⁹ *Ibidem*, pp. 108-109.

⁴⁴⁰ *Ibidem*, p. 9.

⁴⁴¹ COMPÊNDIO DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA. *Pontifício Conselho “Justiça e Paz”*, n. 538.

etimologia – termo latino *communicare*, significando partilhar, participar algo, tornar comum – o sentido de comunicação sempre se referiu à necessidade ontológica do ser humano se relacionar. Daí a definição básica de comunicação como um processo relacional”⁴⁴². Reconhecendo que com o passar do tempo e, pelo advento da revolução industrial, o conceito de comunicação (relação) foi sofrendo significativas alterações, permanecendo, no entanto, sempre a necessidade humana fundamental do “estar em relação” com o outro por meio da linguagem falada ou escrita, ou ainda, por meio dos símbolos⁴⁴³. “Assim, tanto os meios tradicionais de comunicação social, como as novidades trazidas pelo atual mundo do pós-massivo devem colocar seu protagonismo a serviço de uma cultura de respeito, diálogo e amizade”⁴⁴⁴.

Desde o princípio da criação a palavra tem força, “no princípio havia a Palavra” (Jo 1,1), porque Deus é ação, é Palavra e age por meio da Palavra. Segundo Comblin, “no fim haverá de novo a Palavra (Ap 19,13). A Palavra de Deus funda o universo. A Palavra de Deus conduz a história dos homens. Essa Palavra é forte”⁴⁴⁵. Se a Palavra de Deus é forte e isso se comprova nas Escrituras Sagradas que estão cheias da Palavra de Deus, desde os Patriarcas até os Apóstolos onde todos eles insistiram nessa força e ficaram convencidos que ao ouvirem essa Palavra passaram a conhecê-la, colocando-a em prática pelo testemunho de suas vidas. São Paulo, ao dirigir-se aos Hebreus diz: “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1,1-2). “E nós”? “Onde fica hoje em dia essa Palavra forte de Deus”? “Por que milhões e milhões de palavras e de discursos suscitam apenas indiferença ou aborrecimento”?⁴⁴⁶ Não é nossa pretensão dar respostas definidas a estas e tantas outras perguntas sobre o tema da Palavra que é bastante amplo, pois esse tema, segundo Comblin, “implica historicamente na particularidade dos ouvintes, na diversidade das circunstâncias. Quando Deus fala, escolhe o seu interlocutor, fala para ele particularmente e a mais ninguém”⁴⁴⁷. É necessário não nos esquecer que a criação é obra do Espírito Santo e, é Ele quem opera nas comunidades cristãs. Por isso, com doçura, procuremos compreender e comunicar o que o Espírito nos diz neste momento da história.

⁴⁴² PUNTEL, Joana T. *Comunicação*. In DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II, p. 169.

⁴⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁴⁵ COMBLIN, José. *A força da Palavra*, p. 9.

⁴⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁴⁷ *Ibidem*, p. 11.

Considerando que a comunicação sempre foi um elemento importante a ser contemplado, a Igreja, há algum tempo vem tentando, com grande esforço, renovar o pensamento do magistério através de seus documentos e de suas práticas, segundo os critérios e cultura de cada época. O Concílio Vaticano II, sentindo-se a necessidade de dialogar com o mundo moderno, oferece para a Igreja Católica e para o mundo o decreto *Inter Mirifica* (1963), que trata sobre os meios de comunicação social. Citam-se aqui, outros Documentos do Concílio que levaram em consideração os meios de comunicação tais como: a *Gaudium et Spes*; esse documento aponta que os “novos e mais perfeitos meios de comunicação social permitem o conhecimento dos acontecimentos e a rápida e vasta difusão dos modos de pensar e de sentir”⁴⁴⁸. Acrescenta, ainda que, no crescente aumento das possibilidades de novas formas para a educação, os meios de comunicação incidem de maneira decisiva na cultura para todos⁴⁴⁹. O Decreto *Ad Gentes* é outro Documento conciliar que, além de toda sua riqueza de conteúdo, aborda a questão da comunicação em três dos seus números⁴⁵⁰.

No Decreto *Christus Dominus* encontramos o tema “a doutrina cristã nos dias de hoje”, que nos propõe a servir-nos de todos os recursos de que hoje dispomos para anunciar a doutrina cristã, usando a imprensa e todos os meios de comunicação social para proclamar o Evangelho de Cristo⁴⁵¹. O Decreto *Optatam Totius* também recomenda que se usem os meios de comunicação no sentido de se destacar a natureza e a importância da vocação sacerdotal⁴⁵². A Declaração *Gravissimum Educationis*, referindo-se aos recursos pedagógicos para desenvolver a função educadora da Igreja, afirma que os meios de comunicação têm grande impacto na formação das pessoas⁴⁵³. Encontramos ainda, na esteira do Concílio Vaticano II, importantes documentos que revelam o pensamento do Magistério da Igreja sobre a comunicação, tais como: *Communio et Progressio* (1971); *Pornografia e violência nos meios de comunicação* (1989); *Aetatis Novae* (1992); *Ética na Publicidade* (1997); *Ética nas comunicações Sociais* (2000); *Igreja e Internet* (2002); *Ética na Internet* (2002); *rápido desenvolvimento* (2005). Citamos ainda a ação do Magistério da Igreja que acompanha o desenvolvimento e as contínuas mudanças no âmbito da comunicação através das mensagens dos Papas Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e, atualmente, o Papa Francisco⁴⁵⁴. Destacamos ainda um importante Documento, especialmente para a realidade da nossa sociedade brasileira, sendo o texto aprovado pela

⁴⁴⁸ GS, n. 6.

⁴⁴⁹ GS, n. 61.

⁴⁵⁰ AG, n.19, 26 e 36.

⁴⁵¹ Cf. CD, n. 13.

⁴⁵² Cf. OT, n. 2.

⁴⁵³ GE, n. 4.

⁴⁵⁴ PUNTEL, Joana T. *Comunicação*. In DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II, p. 170.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 2014, o “Diretório de Comunicação da Igreja do Brasil”. Reconhecemos que, além do Magistério da Igreja, nos últimos tempos, estudiosos e pensadores têm se voltado para a questão da “comunicação” e apoderando-se de iniciativas de produções importantes e necessárias para a construção de um novo modo de educar e evangelizar frente às demandas do indivíduo e da sociedade contemporânea. A seguir, um breve ensaio sobre o tema “*Educomunicação*”, procurando apresentar alguns elementos que favoreçam as nossas práticas pedagógicas e educacionais no cotidiano da vida e na educação da fé, sobretudo, na catequese.

5.3.1. Educomunicação.

A palavra educomunicação por si só nos parece deixar claro que significa a junção de educação mais comunicação. No entanto, conceitua-la simplesmente desse modo superficial, ela nada representará. Há que pensar a relação entre educação e comunicação em dois modos: buscar o diálogo entre elas e incentivar a ação educ comunicativa. Nesse contexto, a questão da relação entre o ensino, os sujeitos e o mundo da comunicação encontra-se no centro do processo educativo que oportunize às novas gerações o pleno acesso ao mundo da comunicação e de suas tecnologias, cujo acesso seja colocado a serviço do bem comum e da prática da cidadania para gerar transformação na sociedade⁴⁵⁵. Buscando compreender então o que é educomunicação, iniciamos este tópico fazendo referência ao conceito segundo Soares.

Educomunicação designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente da infância e da juventude⁴⁵⁶.

Desde os primórdios, a comunicação é um instrumento dinâmico de integração, instrução, troca mútua e desenvolvimento entre as pessoas em quaisquer atividades realizadas, considerando que a humanidade sempre esteve inserida num contexto plural, diverso em línguas, culturas, gêneros, raças, religiões e comportamentos. Com o passar do tempo, esse novo milênio passou a exigir cada vez mais das peculiaridades e capacitações do ser humano uma nova forma de se comunicar como sendo a ferramenta mais importante no processo das

⁴⁵⁵ SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação; contribuições para a reforma do ensino médio*, p. 15.

⁴⁵⁶ *Ibidem*.

organizações institucionais em todo o mundo. Dessa forma, presenciamos que os avanços tecnológicos vêm crescendo de forma acelerada e de maneira global, estando entre eles a tecnologia digital, cuja ferramenta atualmente é a que mais cresce em todo cenário da comunicação⁴⁵⁷.

Se tratando da comunicação nas pastorais, ou seja, no processo da educação da fé, segundo Corazza, “a comunicação é, hoje, um eixo que articula a sociedade e as pastorais, uma área complexa e desafiadora, sobretudo para quem assume a missão de evangelizar servindo-se da mídia e da linguagem digital em tempos de rede”⁴⁵⁸. A autora acrescenta ainda que “a comunicação nas pastorais também requer mudanças de mentalidade para entrar em sintonia com as pessoas na linguagem do cotidiano, perpassada pela cultura da mídia”⁴⁵⁹. Frente a esse desafio, é fundamental que os sujeitos envolvidos nos processos comunicativos em espaços educativos, citando aqui, especialmente os catequistas – anunciadores da Boa Nova de Jesus – se atualizem, buscando sempre a formação continuada que requer revisão de métodos e linguagens e busca constante de novos materiais de leituras, entre outros.

Compreender, portanto, o processo da Educomunicação (Educação para a Comunicação) será muito importante para a catequese, embora, seja ainda uma palavra pouco conhecida, porém, segundo Corazza, “ela reúne o conceito de educação e de comunicação embasada nos valores humanos e cidadãos, sendo que o comprometimento social e de transformação da realidade são parte integrante também na cultura digital”⁴⁶⁰. Os bispos do Brasil, conscientes da necessidade de uma educação para a comunicação na Igreja, trata desse tema no capítulo IX do Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (CNBB), elencando ainda, importantes e necessárias pistas de ação para todos os envolvidos nesta proposta.

Nas redes sociais, são vários os produtores e múltiplos os intérpretes. As pessoas constroem e produzem conteúdos midiáticos à sua maneira. Esse é um dos traços essenciais da razão pela qual as redes atraem tanto as novas gerações, incluindo as crianças. As novas tecnologias contribuem, nesse contexto, para o surgimento de um “novo sujeito”, exigindo que a *Educomunicação* se faça presente para atender aos desafios do atual momento civilizatório. Será oportuno que experiências formativas no campo da alfabetização digital sejam implementadas com as lideranças das várias pastorais envolvidas⁴⁶¹.

⁴⁵⁷ CORAZZA, Helena. *Educomunicação: formação pastoral na cultura digital*, p. 11.

⁴⁵⁸ *Ibidem*, p. 15.

⁴⁵⁹ *Ibidem*.

⁴⁶⁰ *Ibidem*.

⁴⁶¹ CNBB - *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. (Documento n. 99), n. 235.

Entender que “Educomunicação e pastoral são dois campos de estudo e de atuação com aspectos comuns que unem reflexão e práticas e expressam o ser e o atuar na sociedade”⁴⁶², nos desperta para uma visão mais abrangente no sentido de que é possível aplicar e identificar o conceito da “educação para a comunicação” sobre os nossos trabalhos pastorais. Essa proposta deve ser preocupação das Paróquias e comunidades eclesiais a ser aplicada especialmente no âmbito da pastoral catequética, ajudando a Igreja a aproximar-se de todas as pessoas e tornar o Evangelho significativo para todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos nesse tempo de grandes mudanças. O cuidado com o ambiente, a acolhida, a disponibilidade de recursos do mundo da mídia, o uso das novas tecnologias e a capacidade de tecer um diálogo com todas as pessoas são aspectos Educomunicativos que precisam ser pensados e colocados em prática na educação da fé realizada pela Igreja hoje⁴⁶³.

Considerações finais.

Concluimos o quinto capítulo com algumas propostas fundamentais para que possamos anunciar e viver o Reino de Deus hoje. A presença ostensiva da família na educação dos filhos, preparando-os para a vida social e para a vida de fé em tempos de grandes desafios como os atuais, isso faz com que a vida se apodere de sentido e o mundo seja melhor. A família é considerada elemento propulsor do desenvolvimento do ser humano, pois representa a célula vital da sociedade e deve emergir como uma instituição fundamental para, além de proteger seus filhos e dar a eles as condições básicas de sobrevivência, deve também fomentar o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo, afetivo e, sobretudo, no plano religioso. Isso significa dizer que quando uma família cumpre o seu papel como sujeito primeiro na sementeira do Reino de Deus o mundo se transforma em esperança de vida plena, porque esse modo de viver é sagrado.

Trazer simultaneamente a evangelização para as famílias e as crianças implica o gesto de resgatar o papel dos pais como os primeiros e principais catequistas de seus filhos. Daí entendermos melhor o sentido de caminharmos juntos na mesma direção - pais, filhos, Paróquias e comunidades – para a construção do Reino de Deus. Vivência comunitária e evangelização estão conectadas entre si, pois, o que se vive culturalmente e religiosamente

⁴⁶² CORAZZA, Helena. *Educomunicação: formação pastoral na cultura digital*, p. 21.

⁴⁶³ CNBB - *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. (Documento n. 99), n. 236.

através das festas, celebrações e campanhas assistenciais e sociais alcança todas as dimensões da vida, inclusive de modo integrado, pois experimentamos os valores do Reino.

O breve ensaio em torno do tema Educomunicação propõe continuar a aprofundar o debate já em andamento por iniciativa de muitos pensadores e estudiosos. Temos ainda pela frente um longo caminho a percorrer no sentido de construir um diálogo entre a educação e a comunicação que transforme em prática de vida em sociedade com características de respeito, criatividade e bom senso. Enfim, todas as reflexões deste capítulo têm a intenção de afirmar que cada pessoa que vive sua tarefa de humanizar e priorizar o “Testemunho” em todas as dimensões da sua vida são tidas como modelo a ser seguido, pois não há nada que o substitua.

* * *

CONCLUSÃO GERAL

O caminho percorrido pela pesquisa até aqui, de certa maneira, quer suscitar uma nova reflexão para a catequese hoje tornar-se efetivamente norteadora, pois solicita-nos a pensar sobre a inserção real dos valores do Reino de Deus em nossa *práxis*. O tema do Reino de Deus, longamente apresentado nesse trabalho, representa uma direção para aprimorar nossos valores humanos e implantar uma cultura de paz e justiça. Os valores e princípios cristãos permeiam as situações do nosso cotidiano tantas vezes envolvido com violência, exclusão, pobreza e injustiças, por isso, tais valores e princípios são fundamentais para nos sustentar e ajudar-nos a ressignificar a mensagem do Evangelho e encontrar espaço para construção de uma consciência amorosa profunda que nos move a buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas de que necessitamos nos serão acrescentadas (Cf. Mt 6,33).

O Reino de Deus anunciado e querido por Jesus é o seu próprio anúncio encarnado nas realidades humanas mais sofridas, assumindo a condição de servo: “Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (Jo 13,5). Os Evangelhos, especialmente em algumas parábolas, nos convidam a contemplar o mistério do Reino através de uma realidade pequeníssima, que quase nos escapa aos olhos e que, todavia, se transforma, prodigiosamente, em algo muito grande. “O Reino dos Céus é semelhante ao grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo” (Mt 13,31).

Jesus nos fala da semente de mostarda que “é a menor de todas as sementes”, no entanto, torna-se uma árvore frondosa (*δένδρον* – *dendron*), na qual os pássaros do céu fazem seus ninhos. Jesus nos fala ainda de uma mulher que amassa três medidas de farinha juntamente com o fermento, de maneira que toda a massa fica fermentada e se transforma em um grande pão (Mt 13,33). Não menos maravilhosa é a parábola daquele pequeno grão que o camponês lança na terra: “ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como” (Mc 4,26-27), pois a terra produz por si só, primeiro o talo da planta, depois a espiga, depois os grãos de trigo plenamente desenvolvidos nas espigas (Cf. Mc 4,28-29).

Estas três parábolas nos mostram dois momentos extremos de um processo que sublinha o contraste entre o pequeno e o grande e, o grande que se eleva do pequeno, tal qual o maravilhoso desenvolvimento da vida que não podemos colhê-lo durante o seu processo, mas se impõe à nossa atenção, quando, de alguma forma, já está concluído. “Ninguém nunca viu a semente brotar, nem o desabrochar de uma flor, mas todos sentiram uma enorme surpresa frente

a transformação, que nos parece repentina, de um campo que perde o seu aspecto invernal para vestir a sua roupa primaveril”⁴⁶⁴. Do mesmo modo que o sopro vital enche a pequena semente de mostarda e a transforma em uma grande árvore, o sopro divino envolve toda a criação, envolve homens e mulheres em um maravilhoso movimento na presença silenciosa de Deus e, frente a uma realidade de vida na qual toda a humanidade está inserida e, para qual, de alguma forma, somos chamados ao mesmo tempo à contemplação e à ação.

As parábolas de Jesus determinam uma única mensagem: “forçam o ouvinte a tomar posições perante Jesus e sua missão. Pois todas estão cheias do ‘mistério do Reino de Deus’ (Mc 4,11), isto é, da certeza de que os tempos salvíficos já estão a irromper-se”⁴⁶⁵. O próprio Jesus, através de suas parábolas, nos mostra que Ele, além de pregar a mensagem do Reino, também a viveu em sua pessoa e continua a nos dizer em tom decisivo que agora é a hora para o cumprimento do seu mandado. Por isso, vem a propósito as seguintes palavras, segundo J. Jeremias:

O forte foi desarmado, as forças do mal têm de ceder, aos doentes vem o médico, os leprosos ficam limpos, a grande culpa perdoada, a ovelha perdida é trazida de volta, a porta da casa do Pai é aberta, são chamados para o banquete os pobres e os mendigos, um Senhor incompreensivelmente bom paga o salário inteiro, a grande alegria toma posse dos corações. Irrompeu-se o ano da graça do Senhor. Pois o redentor apareceu, aquele cuja glória oculta brilha sob cada uma de suas palavras e parábolas⁴⁶⁶.

Estamos perante um chamado de graça que é ao mesmo tempo exortação e alerta, a fim de reconhecermos a simplicidade e a profundidade das parábolas de Jesus sobre o Reino de Deus, onde cada uma delas exige dos homens e mulheres desse tempo uma resposta concreta e imediata, atrelada ao testemunho. Testemunho de uma conduta que se torna habitual no serviço ao outro, na promoção da paz e no amor incondicional a Deus e aos irmãos. Tais atitudes devem ser ainda respostas habituais, estáveis e seguras para que o Reino se faça presente no desempenho cotidiano das pessoas, exigindo de cada um e cada uma, um desenvolvimento no tempo, conhecimento e predisposição para a realização desse chamado.

Quando Jesus apareceu aos onze discípulos na Galiléia e lhes ordenou: “Vão e ensinem” (Cf. Mt 28,18), igualmente nos fala hoje. Trata-se de “confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários para o seu Reino”⁴⁶⁷.

⁴⁶⁴ CAVALLETTI, Sofia. *O potencial religioso da criança: descrição de uma experiência com criança de 3 a 6 anos*, p.130.

⁴⁶⁵ JEREMIAS, Joaquim. *As parábolas de Jesus*, p. 235.

⁴⁶⁶ *Ibidem*, p. 135.

⁴⁶⁷ DAp., n. 11.

Jesus iniciou seu ministério anunciando o Reino de Deus e, em sua oração, disse: “Pai, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino e seja feita a tua vontade na terra e no céu” (Lc 11,2). Toda a missão da Igreja concentra-se na pregação do Reino de Deus. Por isso, novamente retornamos ao aspecto central sobre a inter-relação entre os três elementos que formam a estrutura base da evangelização: Reino de Deus, Anúncio do *Querigma* e Discipulado. Novamente retornamos à pergunta: Como a noção do Reino de Deus, elemento central da tríade apresentada, é ministrada em nossas comunidades? Foi importante a nossa pesquisa de campo para contemplar essa realidade em nossas Paróquias e comunidades e constatar junto aos sujeitos pesquisados – os catequistas – que o seu entendimento sobre o que é e, como viver o Reino de Deus aqui na terra, é ainda bastante precário e as noções são muito vagas. Daí, que a Igreja, sob a liderança dos bispos do mundo todo, tem reconhecido essa defasagem na formação dos catequistas.

Portanto, atualmente, as principais preocupações da Igreja em relação aos catequistas encontram-se na carência de formação de discípulos missionários envolvidos no processo da evangelização para bem transmitir a fé. Esse processo de formação exige, muito mais que a experiência de anos nos trabalhos pastorais, é preciso estar atento às atuais mudanças e “desafios de contextos que exigem humildemente a leitura dos sinais dos tempos, conversão, busca de novos processos e novas metodologias”⁴⁶⁸. Os bispos do Brasil, da América Latina e Caribe, reiteram o quanto é fundamental seja oferecido um itinerário gradual para a formação dos catequistas e que estes sejam valorizados no cumprimento de sua tarefa missionária, a qual se expressa através do trabalho pastoral, da nova evangelização e da missão *ad gentes*. Assim, uma conclusão se impõe: para uma nova catequese, há de inspirar-se novos catequistas!

As mesmas preocupações que a Igreja manifesta com os catequistas hoje, são confirmadas também com respeito às condições em que se encontram as famílias no meio da agitação do mundo atual, sobretudo, nas áreas urbanas, possibilitando o esvaziamento das práticas religiosas católicas em casa, no seio da família. Os apelos do mundo moderno, as novas tecnologias e mídias, as exigências do trabalho, a agitação e os horários diferentes, raramente permitem momentos de encontro entre os membros da família, especialmente entre os pais e os filhos, considerando que essa realidade se estende, inclusive, na ausência da família na missa dominical ou pertença ativa nas pastorais, movimentos e grupos organizados nas paróquias e comunidades. Mas, a Igreja entende também que a maioria do próprio clero não apresenta mais a mesma disposição de fazer um acompanhamento presencial junto às famílias, permanecendo

⁴⁶⁸ CNBB. *Iniciação à vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, p. 95.

ainda extremamente preso na administração burocrática da paróquia e com atendimentos pontuais e formais.

Outro aspecto a ser considerado é a questão das novas tecnologias e os meios de comunicação que nos últimos anos vêm alterando os comportamentos humanos – especialmente dos jovens – de forma profunda e acelerada. Sob o ponto de vista de vários pesquisadores e estudiosos, apresentamos a educomunicação como um processo de intervenção social, envolvendo professores, alunos e membros da comunidade. Segundo Soares, “os novos educadores devem ser capazes de compreender que há uma nova cultura juvenil irreversivelmente em formação (...)”⁴⁶⁹. O que de fato urge, é poder garantir que o jovem, nesse processo, seja o protagonista e tenha a possibilidade de sonhar com um mundo que ele mesmo seja capaz de construir, a partir de sua capacidade de se comunicar. Devemos ressaltar ainda que a educomunicação é também uma experiência trabalhada na formação para a comunicação, não só no âmbito da educação formal (nas escolas), onde sugeram os primeiros debates sobre o tema, mas também com as lideranças das pastorais nas comunidades para assumir um novo estilo de vida nas práticas e na convivência social, na postura pessoal, nos ambientes ou na atuação junto à mídia de maneira respeitosa.

Por fim, encontramos-nos em movimento de renovação diante dos acontecimentos revolucionários desse mundo. Deparamo-nos com a necessidade de trabalharmos de forma conjunta, todos nós, os envolvidos no processo de evangelização – famílias, catequistas e Igreja – se voltem para uma conversão pastoral, que “consiste em abandonar antigas estruturas pessoais, institucionais e eclesiais para criar novas estruturas que mantêm a fidelidade à tradição, mas sabem dialogar com os novos tempos”⁴⁷⁰.

⁴⁶⁹ SOARES, Ismar de Oliveira, *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*,

⁴⁷⁰ CELAM. “*Vão e ensinam*”: identidade e missão da Escola Católica na mudança de época à luz de Aparecida, p. 41.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- ALBERICH, Emílio. *A catequese na Igreja de hoje*. Tradução: Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1983.
- ALMEIDA, Antonio José. *Lumen Gentium: a transição necessária*. Paulus, 2005.
- ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Trad.: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Jesus Cristo: Servo de Deus e Messias glorioso*. São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2008.
- _____. *O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- BOFF, Clodovis. *Sinais dos tempos: Princípios de leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- _____. *Trindade e sociedade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja Perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Tradução de Celina Cavalcante Falck-Cook. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- CARMO, Solange Maria do. *Catequese no mundo atual: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese*. São Paulo: Paulus, 2016.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. *Edição típica Vaticana*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CAVALLETTI, Sofia. *O potencial religioso da criança: descrição de uma experiência com criança de 3 a 6 anos*. Trad. Pier Luigi Caba. São Paulo: Loyola, 1985.
- CHAVE Bíblica Católica. 2. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2012.

- CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo: ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 1995.
- COMBLIN, José. *A força da Palavra: no princípio havia a Palavra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986, p. 204.
- _____. *A vida: em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. *Evangelização e Libertação*. Revista Eclesiástica Brasileira (REB), Petrópolis, RJ, v. 37, n.147, pp. 569-597, set. 1977.
- _____. *Evangelizar*. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *Liberdade Cristã*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. *O Espírito no mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- _____. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.
- CORAZZA, Helena. *Educomunicação: formação pastoral na cultura digital*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- _____; OTTAVIANI, Edelcio; NASCIMENTO DE JESUS, Leomar. *Homilia: espaço para comunicar esperança*. São Paulo: Paulinas, 2017. (Coleção pastoral da comunicação: teoria e prática. Série dinamizando a comunicação).
- COSTAS, Orlando E. *Compromiso y misión* (Colección CELEP). Spanish: Spanish Edition – Unknown Binding, 1979.
- DELUMEAU, Jean. *Le Christianisme va-t-il mourir?* Paris: Hachette, 1977.
- DICIONÁRIO DE LITURGIA. Org. Domenico SARTORE e Achille M. TRIACCA; Trad. Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO: *Veja Larousse*. São Paulo: Editora Abril, 2006 (Obra em 24 volumes).
- DICIONÁRIO *Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Org. Angelo Di BERARDINO; trad. Cristina Andrade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- DIOCESE DE OSASCO. *O fenômeno religioso: ser católico no meio do pluralismo religioso*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Cadernos Catequéticos, n. 7).
- DIOCESE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP. *Documento conclusivo do I Sínodo Diocesano*, 2008-2010.
- _____. *Plano Diocesano de Evangelização e Pastoral: 2017–2021*.

- DONZELLINI, Mary. *A pedagogia de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2013 – (Coleção cadernos catequéticos; v. 6).
- _____. (Coord.). *O método ver-julgar-agir-rever-celebrar*. In _____. Metodologia fé e vida caminham juntas em comunidade: subsídio de reflexão para a formação dos catequistas. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998. (Caderno Catequético, v. 9).
- DUQUE, João Manuel. *Para o diálogo com a pós-modernidade*. São Paulo: Paulus, 2016.
- FERRARO, Benedito. *Reino de Deus*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto, [s.d.].
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *A Ordem do Discurso* (dezembro de 1970). 17 ed. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2008.
- GALIMBERTI, Umberto. “*L’ospite inquietante. Il nichilismo e i giovani*”. Feltrinelli, Milano, 2014.
- GEVAERT, Joseph. *El primer anuncio - Propor el Evangelio a quien no conoce a Cristo. Finalidades, destinatários, contenidos, modos de presencia*. Espanã: Sal Terrae, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. Ed., São Paulo: Atlas, 2010.
- GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. *Gaudium et Spes*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 3.ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- HUBAUT, Michel. *Orar las Parábolas: Acoger el Reino de Dios*. España: Editorial Sal Terrae, 1995.
- JOSAPHAT, Carlos. *Colegialidade*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

- JOSÉ FILHO, M. *Pesquisa: contornos no processo educativo*. In: JOSÉ FILHO, M; DALBÉRIO, O. *Desafios da pesquisa*. Franca: Unesp – FHDSS, 2006.
- LENHARDT, Pierre. *Voies de la Continuité juive*. In: *A l'écoute d'Israel dans l'Eglise*. Langres – Saint Geosmes/France: Parole et Silence, 2006.
- LIBÂNIO, J. B. *Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental*. In: TRASFERETTI, José; GONÇALVES, Paulo Sérgio L. (Orgs.) *Teologia na Pós-modernidade*. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática. São Paulo: Paulinas, 2003.
- LIVRO DO TOMBO da *Paróquia Nossa Senhora de Lourdes* em São José dos Campos, às fls.3v; 4 e 4v.
- MAAR, Wolfgang Leo. *O que é política*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- MACDOWEL, João Augusto A.A. *Secularização*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- McKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Álvaro Cunha ... et al.; revisão geral Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1983.
- MAGGIANI S. *Festa/Festas*. DICIONÁRIO DE LITURGIA. In. SARTORE, Domenico e TRIACCA Achille M. (Org.); tradução Isabel Fontes Leal Ferreira – São Paulo: Paulus, 1992.
- MALINA, Bruce J. *O Evangelho social de Jesus – O Reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. Trad.: Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.
- MANNUCCI, Valério. *Bíblia, palavra de Deus: curso de introdução à Sagrada Escritura*. Apresentação de L. Alonso Schökel, tradução Luiz João Gaio. São Paulo: Paulus, 1985.
- MARA, M. G. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs* – Tradução de Cristina Andrade, organizado por Angelo Di Bernardino. *Verbete Kerygma*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MARCONCINI, Benito. *Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia*. Tradução: Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MARCONI, Mariana de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados*. 3. Ed., São Paulo: Atlas, 1996.
- MARQUES, Maria Antônia e NAKANOSE Shigeyuki. *Deus conosco: O messias da justiça e da misericórdia* – Entendendo o Evangelho de Mateus. São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. *Caminho aberto para o próximo* – Entendendo o Evangelho de Lucas. São Paulo: Paulus, 2013.
- _____. *No caminho de Jesus* – Entendendo o Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulus, 2012.

- MEIER, John Paul. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*. Volume 3, livro I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.
- MELO, José Henrique Del Castillo. *Posfácio*, in. DICIONÁRIO DE VALORES, José Pacheco (Org.). - 1ª ed. São Paulo: Edições SM, 2012.
- MICHELETTI, Guillermo Daniel. *As 12 parábolas de Jesus: para usar na catequese em forma de leitura orante*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- MOLINA, Xavier Morlans. *El primer anuncio: El eslabón perdido*. Cuadernos AECA n. 3, Madrid: PPC, 2009.
- MONDIN, Battista. *O homem, quem ele é? : Elementos de antropologia filosófica*. Tradução de R. Leal Ferreira e M.A.S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 6ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- _____. *Reformar o pensamento: a cabeça bem-feita*. Trad. Ana Paula de Viveiros. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- MOSCONI, Luís. *Evangelho segundo Lucas: algumas pistas para uma leitura contemplativa, espiritual e militante*. 5. ed. São Leopoldo: CEBI, 2004. (Série A Palavra na Vida, n. 43/44).
- NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA. Dirigido por Juan José TAMAYO. Trad. Celso Márcio Teixeira, Antonio Efro Feltrin e Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.
- ORTIZ, Pedro. *Dicionário do grego do Novo Testamento*. Tradução: Cássio Murilo Dias da Silva. São Paulo: Loyola, 2008.
- PACHECO, José. *Dicionário de valores*. 1ª ed. São Paulo: Edições SM, 2012.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução de Gentil Avelino Tilton. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. *Voltar a Jesus, para a renovação das nossas paróquias e comunidades*. Tradução de Mário José dos Santos, ssp. Edição Portuguesa. Lisboa/Portugal: Paulus, 2015.
- PELÁEZ, Jesús. *Evangelho*. In: TAMAYO, Juan José (Org). *Novo Dicionário de Teologia*. Trad. Celso Márcio Teixeira; Antonio Efro Feltrin e Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.
- PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da doutrina social da Igreja*. Tradução CNBB – 7. Ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- PRICE, John Milburn. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. Trad. Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: Bom Pastor: SABRE, 2008.

- PRIETO, Celia Fernández – *Historia y Novela: Poética de la Novela Histórica*. Pamplona: EUNSA, 1998.
- QUEIROZ, José J. *As religiões e o sagrado nas encruzilhadas da pós-modernidade*. In: Gilberto da Silva Gorgulho, et al. *Interfaces do sagrado: em véspera de milênio*. São Paulo: Olho d'Água, 1996.
- ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*. Tradução Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.
- RUARO, Dirceu Antonio. *Não terceirize a educação de seu filho*. São Paulo: Universitário Sistema Educacional, 2010.
- SANDRINI, Marcos. *Para sempre! : o compromisso ético do educador*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: História de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHIMITT, José Francisco. *A Paróquia do Parque Industrial: 35 anos de história*. São José dos Campos: Gráfica Focus Vale, 2012.
- SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. *Filosofia e sociedade pós-moderna: crítica filosófica de Gianni Vattimo ao pensamento moderno*. Porto Alegre: EDIPICRS, 2004.
- SÉNICA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Tradução: J. A. Segurado e Campos. Edição da FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN – Lisboa, 1991.
- SESBOÜÉ, Bernard. *O Magistério em questão: autoridade, verdade e liberdade na Igreja*. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2004. Título original: *Le magistère à l'épreuve: autorité, vérité et liberté dans l'Eglise*.
- SILVA, Orione e CARMO, Solange Maria do. *Elementos de didática na catequese*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SILVEIRA, Valeska Freman Bezerra de Freitas. *Proposta Metodológica de Apoio ao Professor de Ensino Religioso: um enfoque sob múltiplas linguagens*. 1ª ed. – São Paulo: Edições SM, 2014.
- SOARES, Afonso M. Ligorio. *Sincretismo*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação; contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SODI, M. *Celebração*. DICIONÁRIO DE LITURGIA. In. SARTORE, Domenico e TRIACCA Achille M. (Org.), tradução Isabel Fontes Leal Ferreira – São Paulo: Paulus, 1992.
- SUENENS, Léon-Joseph. *Novos rumos da Igreja missionária*. Trad. de frei Lucas Moreira das Neves. São Paulo: Flamboyant, 1956. (Título original: *L'Église en état de mission*).

SUESS, Paulo. *Missão/Evangelização*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*, São Paulo: Paulus, 2015.

TAMEZ, Elsa. *Justificação e justiça*. NOVO DICIONÁRIO DE TEOLOGIA, In. TAMAYO, Juan José (Org.). Trad. Celso Márcio Teixeira, Antonio Efro Feltrin e Mário Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2009.

TAYLOR, Charles. *Uma era secular*. Trad.: de Nélío Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar*. Tradução: Elsa Castro Neves. Rio de Janeiro: Relógio D'Água Editores, 1998.

_____. *A Tentaçao do Realismo*. Rio de Janeiro: Lacerda; Ed. Istituto Italiano di Cultura, 2001. Tradução de Reginaldo Di Piero.

VERGOTE, Antoine. *Modernidade e Cristianismo*: interrogações e críticas recíprocas. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2002.

VIANA, Maria Alves. *Encontro com Jesus*: caminho do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado em Teologia, PUC São Paulo, 2017.

VILLAS BOAS, Alex. *Laicização*. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes (Coord.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

VILLEPELET, Denis. Préface. In: TESTARD, Gerard. *Aimer l'Eglise, aimer le monde*. Actes de Colloque de Fondacio (Bruxelles, novembro 2003). Paris: Cerf, 2005.

_____. *Les défis de la transmission dans un monde complexe*. Paris: Desclée de Brouwer, 2009.

Documentos do Concílio Vaticano II

CONCÍLIO VATICANO II. *Apostolicam Actuositatem*: Decreto sobre o apostolado dos leigos. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____. *Ad Gentes*. Decreto sobre a atividade missionária da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Christus Dominus*. Decreto do Concílio Vaticano II, sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1990.

_____. *Dei Verbum*. Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Gaudium et Spes*. Constituição pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulinas, 1966.

_____. *Inter Mirifica*. Decreto do Concílio Vaticano II Sobre os Meios de Comunicação Social. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Lumen Gentium*. Constituição dogmática do Concílio Vaticano II Sobre a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2005.

Documentos do Magistério

CELAM. *A Alegria de iniciar Discípulos Missionários na mudança de época*. Brasília, Edições CNBB, 2015.

_____. *Conferência de Santo Domingo* (1992), Paulus, 2004.

_____. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas e Paulus, 2008.

_____. *Documento de Medellín*: conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 1975.

_____. *Documento de Puebla*: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Documentos do CELAM*: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo, Paulus, 2004.

_____. *“Vão e ensinam”*: identidade e missão da escola católica na mudança de época, à luz de Aparecida. Trad. Vitor Hugo Mendes. CELAM, 2011.

CNBB. *Catequese renovada*: orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 2009. (Documentos da CNBB, n. 26).

_____. *Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia*. A conversão pastoral da paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014. (Documentos da CNBB, 100).

_____. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. (Documentos da CNBB n. 99). São Paulo: Edições Paulinas, 2014.

_____. *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, n. 84).

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (2011-2015).

_____. *Iniciação à vida cristã*: Itinerário para formar discípulos missionários. Edições CNBB, 2017. (Documentos da CNBB, 107).

DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE. *Congregação para o clero*. São Paulo: Paulinas, 1998.

FRANCISCO, Papa. Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Loyola, 2015.

_____. Carta Encíclica: *Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015. (Doc. n. 201).

_____. Exortação Apostólica pós-sinodal: *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016. (Doc. n. 202).

_____. Exortação Apostólica: *Evangelii gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013. (Doc. n. 198).

JOÃO PAULO II. *Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. *Christifidelis Laici*: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 2011. (Doc. n. 119).

_____. *Familiaris Consortio*. 24. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. (Doc. n. 100).

_____. *Fides et ratio*: sobre as relações entre fé e razão. São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. n. 160).

_____. *Veritatis Splendor*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Doc. n. 130).

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 2015. (Doc. n. 85).

_____. *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. 21. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Doc. n. 31).

SÍNODO DOS BISPOS: *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 2016.

Periódicos

BRIGHENTI, Agenor. *Documento de Aparecida*: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. In: Rev. Pistis Prax., Teologia Pastoral, Curitiba, v. 8, n. 3, 673-713, set./dez. 2016. (ISSN 1984-3755).

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *A Evangelização*: Sua configuração e seus critérios. *Revista Eclesiástica Brasileira* (REB). Petrópolis, RJ, v. 38, n.152, p.632-641, dez. 1978.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2017*: Texto-Base. Brasília, Edições CNBB, 2016.

LEERS, Bernardino. *As famílias e a sociedade política*. REB, v. 68, fasc. 270. Petrópolis, RJ, abr. 2008.

VIGIL, José Maria. *Evangelização e erradicação da pobreza. Revista Eclesiástica Brasileira* (REB), Petrópolis, RJ, v. 40, n.158, p.113-117, jun. 1978.

Sites.

<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=10102307>> Acesso em 29/04/2018.

<<http://paroquiadelourdes.org.br/sobre.php?q=historia>> Acesso em 01 maio. 2018.

<https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html> Acesso em 27/dezembro/2017, às 16:35h.

<https://www.acidigital.com/noticias/papa-francisco-nao-se-pode-corrigir-uma-pessoa-sem-amor-e-sem-caridade-45524>

<https://nacoesunidas.org/cepal-pobreza-aumenta-na-america-latina-e-alcanca-307-da-populacao/>> Acesso em 29 de julho/2018, às 21h17min.

<http://www.cnbb.org.br/aumenta-o-numero-de-catolicos-no-mundo-inteiro/>
MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *Palavra encarnada, Palavra anunciada*. Disponível em:
<http://www.cnbb.org.br/site/images/stories/arquivos/Jesus_Palavra_encarnada_Palavra_anunciada_-_Frei_Carlos_Mesters_e_Orofino.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018, às 20h00.

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/taxa-de-homicidio-de-jovens-de-15-a-29-anos-cresce-172-de-2005-a-2015.ghtml>> Acesso em 15/11/2018, às 15h30.

<<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>> Acesso em 15/11/2018, às 15h40.

<<https://www.semprefamilia.com.br/estatuto-da-familia-o-mais-ousado-projeto-de-lei-do-brasil-ao-compasso-da-onu/>> Acesso em 14/11/2018, às 19h50min.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Instrução Pastoral *Communio et Progressio*. Vaticano, 1971, n. 02. Disponível em: www.vatican.va.

ANEXO 1

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: BENEDITA IZABEL ROSA

TEMA: A RELAÇÃO ENTRE CATEQUESE, ANÚNCIO E A NOÇÃO DO REINO DE DEUS

JUSTIFICATIVA: Pesquisa de Campo realizada através de questionário dirigido aos catequistas de quatro Comunidades pertencentes a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes do Parque Industrial, Diocese de São José dos Campos/SP. Esta pesquisa faz parte do Terceiro Capítulo da Dissertação de Mestrado e pretende, mediante os resultados dos dados colhidos na amostragem pesquisada, conhecer mais bem a realidade dos trabalhos catequéticos da Paróquia, a fim de que possamos contribuir ou sugerir algo novo para a formação bíblico-pedagógica para nossos catequistas.

PERÍODO DE REALIZAÇÃO: Mês de Maio de 2018

RESUMO INFORMATIVO:

1. Introdução

Considerando que a finalidade desta pesquisa se encontra centralizada na realidade catequética da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Diocese de São José dos Campos-SP, as questões, portanto, sobre essa realidade devem estar centralizadas em três elementos: a) Uma vez que o anúncio do Reino de Deus é a mensagem central de Jesus Cristo, como ela está sendo apresentada na catequese? b) Quais são os recursos pedagógicos utilizados para trabalhá-la? Há criatividade para fazer uso de jornais, materiais lúdicos, recursos audiovisuais (educomunicação)? c) Há entendimento por parte dos catequistas sobre a relação entre Catequese, Anúncio e a noção do Reino de Deus?

Diante do exposto, é importante refletir que a Catequese deve ser relevante como pastoral de base em todas as Paróquias no processo de iniciação para quem quer ser discípulo de Cristo, ou seja, discípulo missionário na mudança de época, reafirmando a significação do anúncio do *querigma*, do encontro com Jesus Cristo vivo e do testemunho de pregar e viver o Reino de Deus nesse mundo. Assim, mediante elaboração de uma “Pergunta Problema”, preparamos um “Questionário” para coleta de dados junto aos catequistas da Paróquia em questão.

2. Previsão da análise dos dados e elaboração do relatório

Aos catequistas envolvidos na pesquisa, de posse do questionário, foi estipulado o prazo de um mês para o retorno das questões respondidas, ou seja, o prazo determinado foi o mês de maio corrente. Após a coleta dos dados, iniciar-se-á imediatamente a análise e elaboração do relatório final da pesquisa.

3. Referências Bibliográficas

As referências bibliográficas da Pesquisa de Campo encontram-se citadas no Capítulo 3 da Dissertação.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

Comunidade: _____

Idade: 16-21 () 22-35 () 36-41 () 42-55 () acima de 56 ()

Escolaridade: _____ Sexo: _____

Tempo de atuação na paróquia _____

Tempo de atuação na catequese _____

1. Nos encontros de catequese da sua Comunidade como você apresenta a mensagem sobre o Reino de Deus (RD) às crianças, adolescentes e jovens?
 - a) Não tratamos explicitamente do RD.
 - b) Temos dificuldade em falar do RD.
 - c) Falamos simbolicamente do RD.
 - d) Falamos concretamente do RD.

2. Com que frequência o tema RD é tratado durante todo o processo de catequese?
 - a) 0-10 vezes.
 - b) 11- 20 vezes.
 - c) 21-30 vezes
 - d) Mais de 31 vezes.

3. Quais os recursos pedagógicos utilizados para apresentar o RD aos catequizandos?
 - a) Leitura dos Evangelhos (Parábolas) que falam sobre o Reino.
 - b) Dinâmicas diversas.
 - c) Apresentação de vídeos.
 - d) Atividades manuais (desenhos, pinturas, esculturas).

Narre um exemplo de como efetivou essa atividade:

4. Numere de 1 a 4 em ordem de importância o seu entendimento sobre o Reino de Deus.

- () Reino do poder de Deus
- () Reino de justiça, paz, fraternidade, partilha e comunhão para toda a humanidade.
- () Reino de vida depois da morte.
- () Reino da igualdade e de libertação dos povos.

5. O que é ser catequista hoje?

6. Quais as maiores dificuldades em ser catequista hoje?
